



BENTO XVI
HOMILIAS

2012

Editado por 



A Santa Sé

HOMILIAS 2012

BENTO XVI

Fonte:

<https://www.vatican.va/>

SOLENIIDADE DE MARIA SANTÍSSIMA MÃE DE DEUS
XLV DIA MUNDIAL DA PAZ

Basílica Vaticana

Domingo, 1º de Janeiro de 2012

Queridos irmãos e irmãs!

No primeiro dia do ano, a liturgia faz ressoar em toda a Igreja estendida pelo mundo inteiro a antiga bênção sacerdotal, que ouvimos na primeira Leitura: «o Senhor te abençoe e te guarde! O Senhor faça brilhar sobre ti a sua face, e se compadeça de ti! O Senhor volte para ti o seu rosto e te dê a paz!» (Nm 6, 24-26). Esta bênção foi dada por Deus através de Moisés, a Aarão e aos seus filhos, ou seja, aos sacerdotes do povo de Israel. É um tríplice voto cheio de luz que brota da repetição do nome de Deus, o Senhor, e da imagem de seu rosto. Na verdade, para ser abençoado é necessário estar na presença de Deus, receber sobre si o Nome d'Ele e permanecer no feixe de luz que parte do seu rosto, no espaço iluminado pelo seu olhar, que difunde a graça e a paz.

Esta é também a experiência que fizeram os pastores de Belém, que aparecem de novo no Evangelho de hoje. Eles fizeram a experiência de estarem na presença de Deus, da sua bênção, não em um salão de um Palácio majestoso, na presença de um grande soberano, mas em um estábulo, diante de um "recém-nascido deitado na manjedoura" (Lc 2.16). É justamente desse menino que se irradia uma nova luz que brilha na escuridão da noite, como podemos ver em muitas pinturas que representam o Nascimento de Cristo. Agora, é d'Ele que nos vem a bênção: do seu nome – Jesus, que significa "Deus salva" – e do seu rosto humano, no qual Deus, o Todo-poderoso, Senhor do céu e da terra, quis se encarnar, ocultando a sua glória sob o véu da nossa carne, para nos revelar plenamente a sua bondade (cf. Tt 3,4).

Maria, a Virgem, esposa de José, a quem Deus escolheu desde o primeiro momento da sua existência para ser a mãe do seu Filho feito homem foi a primeira a ser preenchida por esta bênção. Ela, como a saúda Santa Isabel, é a "bendita entre as mulheres" (Lc 1,42). Toda a sua vida está

na luz do Senhor, no âmbito do nome e do rosto de Deus encarnado em Jesus, o «fruto bendito do seu ventre». O Evangelho de Lucas nos apresenta Maria deste modo: totalmente dedicada a conservar e meditar no seu coração tudo o que diz respeito ao seu filho Jesus (cf. *Lc* 2, 19.51). O mistério da sua maternidade divina, que hoje celebramos, possui de modo superabundante aquele dom da graça que toda maternidade humana traz consigo: de fato, a fecundidade do ventre sempre foi associada com a bênção de Deus. A Mãe de Deus é a primeira abençoada e é aquela que traz a bênção; Ela é a mulher que acolheu Jesus em si e o deu à luz para toda a família humana. Como reza a Liturgia: «permanecendo virgem, deu ao mundo a luz eterna, Jesus Cristo Senhor nosso» (*Prefácio da Virgem Maria, I*).

Maria é mãe e modelo da Igreja, que acolhe na fé a Palavra divina e se oferece a Deus como "terra fecunda" onde Ele pode continuar a cumprir o seu mistério de salvação. A Igreja, através da pregação, que espalha pelo mundo a semente do Evangelho, e através dos sacramentos, que transmitem aos homens graça e vida divina, também participa do mistério da maternidade divina. A Igreja vive esta maternidade, de modo particular, no Sacramento do Batismo, ao gerar os filhos de Deus da água e do Espírito Santo, que em cada um deles exclama: "Abba! Pai"! (*Gal* 4.6). Como Maria, a Igreja é mediadora da bênção de Deus para o mundo: acolhendo Jesus recebe a bênção e a transmite levando Jesus aos demais. Ele é a misericórdia e a paz que o mundo não pode dar para si mesmo e que o mundo precisa tanto e mais do que pão.

Queridos amigos, a paz, em seu sentido mais amplo e elevado, é a soma e a síntese de todas as bênçãos. Por isso, quando dois amigos se encontram cumprimentam-se desejando mutuamente a paz. A Igreja, no primeiro dia do ano, também invoca de maneira especial este sumo bem e o faz, como a Virgem Maria, mostrando a todos Jesus, porque, como afirma o Apóstolo Paulo: "Ele é a nossa paz" (*Ef* 2,14) e, ao mesmo tempo, é o "caminho" através do qual homens e povos podem alcançar esta meta que todos aspiramos. Assim, trazendo no coração este desejo profundo, tenho o prazer de dar boas-vindas e cumprimentar todos vós, que vos reunistes na Basílica de São Pedro neste XLV Dia Mundial da Paz: Senhores Cardeais; Embaixadores de tantos países amigos que, mais do que nunca, nesta feliz

ocasião, compartilham comigo e com a Santa Sé a vontade de renovar o compromisso pela promoção da paz no mundo; o Presidente do Pontifício Conselho «Justiça e Paz», que junto com o Secretário e os colaboradores trabalham de maneira especial para este fim; os demais Bispos e Autoridades presentes; representantes de Associações e Movimentos eclesiais e todos vós, irmãos e irmãs, especialmente aqueles que trabalham no campo da educação da juventude. Na verdade - como já sabeis - escolhi o tratar do tema da educação na minha Mensagem deste ano.

"Educar os jovens para a justiça e a paz" é a tarefa que diz respeito a todas as gerações, e, graças a Deus, a família humana, após as tragédias das duas grandes guerras mundiais, tem demonstrado ser cada vez mais consciente disso, como evidencia, por um lado, declarações e iniciativas internacionais e, por outro, a consolidação entre os jovens, nas últimas décadas, de muitas e diferentes formas de compromisso social neste campo. Para a Comunidade eclesial educar para a paz é parte da missão recebida de Cristo; é parte integrante da evangelização, porque o Evangelho de Cristo é também o Evangelho da justiça e da paz. Mas, ultimamente, a Igreja tem se tornado intérprete de uma exigência que abarca todas as consciências mais sensíveis e responsáveis pelo destino da humanidade: a necessidade de responder a um desafio decisivo que é precisamente o da educação. Por que "desafio"? Pelo menos por duas razões: em primeiro lugar, porque na era atual, fortemente caracterizada pela mentalidade tecnológica a vontade de educar e não só instruir não é um dado óbvio, mas é uma escolha; em segundo lugar, porque a cultura relativista apresenta uma questão radical: ainda tem sentido educar? E, educar para quê?

É claro que não podemos abordar agora estas questões básicas, as quais já tratei de responder em outras ocasiões. Por outro lado, gostaria de salientar que, confrontados com as sombras que hoje obscurecem o horizonte do mundo, assumir a responsabilidade de educar os jovens para o conhecimento da verdade, para os valores e virtudes fundamentais, significa olhar para o futuro com esperança. E esse compromisso com uma educação integral significa também saber formar para a justiça e a paz. Hoje, os jovens estão crescendo em um mundo que se tornou, por assim dizer, menor, onde os contatos entre diferentes culturas e tradições, embora nem sempre diretos, são constantes. Para eles, agora mais do que nunca, é

essencial aprender o valor e a forma da convivência pacífica, do respeito mútuo, do diálogo e da compreensão. Os jovens são por natureza abertos a estas atitudes, mas justamente a realidade social em que crescem pode levá-los a pensar e agir de forma oposta, até mesmo intolerante e violenta. Somente uma sólida educação das suas consciências pode protegê-los contra esses riscos e tornar-lhes capazes de sempre lutar contando somente com a força da verdade e do bem. Esta educação parte da família e se desenvolve na escola e demais experiências educacionais. Basicamente, trata-se de ajudar as crianças, os jovens e os adolescentes a desenvolverem uma personalidade que combine um profundo senso de justiça com o respeito pelo outro, com a capacidade de lidar com os conflitos sem arrogância, com a força interior para dar testemunho do bem, mesmo quando isso custa sacrifício, com o perdão e a reconciliação. Dessa forma, poderão tornar-se homens e mulheres realmente pacíficos e construtores da paz.

Nesta obra educativa das novas gerações, as comunidades religiosas também têm uma responsabilidade especial. Toda de formação religiosa genuína deve acompanhar a pessoa, desde a primeira infância, para ajudá-la conhecer a Deus, amá-Lo e fazer a sua vontade. Deus é amor, é justo e pacífico, e aqueles que querem honrá-Lo devem, em primeiro lugar, comportar-se como um filho que segue o exemplo de seu pai. Há um Salmo que afirma: «o Senhor realiza obras de justiça / e garante o direito aos oprimidos; ... O Senhor é indulgente e favorável, / é paciente, é bondoso e compassivo» (*Sal* 103, 6.8). Em Deus justiça e misericórdia convivem perfeitamente, como Jesus nos mostrou com o testemunho de sua vida. Em Jesus «amor e verdade» se encontraram, «justiça e paz» se abraçaram (cf. *Sal* 85.11). Nestes dias a Igreja celebra o grande mistério da Encarnação: a fidelidade de Deus brotou da terra e justiça olhou dos altos céus, a terra deu sua colheita (cf. *Sal* 85, 12.13). Deus nos falou no seu filho Jesus. Escutemos o que Deus diz: "Ele anuncia a paz" (*Sal* 85.9). Jesus é o caminho que podemos seguir, aberto para todos. É o caminho da paz. Hoje, a Virgem Mãe, nos indica, nos mostra o caminho: sigamo-la! E Vós, Santa Mãe de Deus, acompanha-nos com a vossa proteção. Amém.

SANTA MISSA NA SOLENIDADE DA EPIFANIA DO SENHOR

Basílica Vaticana

Sexta-feira, 6 de Janeiro de 2012

Queridos irmãos e irmãs!

A Epifania é uma festa da luz. «Ergue-te, Jerusalém, e sê iluminada, que a tua luz desponta e a glória do Senhor está sobre ti» (*Is 60, 1*). Com estas palavras do profeta Isaías, a Igreja descreve o conteúdo da festa. Sim, veio ao mundo Aquele que é a Luz verdadeira, Aquele que faz com que os homens sejam luz. Dá-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus (cf. *Jo 1, 9.12*). Para a liturgia, o caminho dos Magos do Oriente é só o início de uma grande procissão que continua ao longo da história inteira. Com estes homens, tem início a peregrinação da humanidade rumo a Jesus Cristo: rumo àquele Deus que nasceu num estábulo, que morreu na cruz e, Ressuscitado, permanece conosco todos os dias até ao fim do mundo (cf. *Mt 28, 20*). A Igreja lê a narração do Evangelho de Mateus juntamente com a visão do profeta Isaías, que escutámos na primeira leitura: o caminho destes homens é só o início. Antes, tinham vindo os pastores – almas simples que habitavam mais perto de Deus feito menino, podendo mais facilmente «ir até lá» (cf. *Lc 2, 15*) ter com Ele e reconhecê-Lo como Senhor. Mas agora vêm também os sábios deste mundo. Vêm grandes e pequenos, reis e servos, homens de todas as culturas e de todos os povos. Os homens do Oriente são os primeiros, seguidos de muitos outros ao longo dos séculos. Depois da grande visão de Isaías, a leitura tirada da Carta aos Efésios exprime, de modo sóbrio e simples, a mesma ideia: os gentios partilham da mesma herança (cf. 3, 6). Eis como o formulara o Salmo 2: «Eu te darei as nações por herança, e os confins da terra para teu domínio» (v. 8).

Os Magos do Oriente vão à frente. Inauguram o caminho dos povos para Cristo. Durante esta Missa, vou conferir a Ordenação Episcopal a dois sacerdotes, consagrá-los-ei Pastores do povo de Deus. Segundo palavras de Jesus, caminhar à frente do rebanho faz parte da função do Pastor (cf. *Jo 10, 4*). Por isso naqueles personagens, que foram os primeiros pagãos a

encontrar o caminho para Cristo, talvez possamos – não obstante todas as diferenças nas respectivas vocações e tarefas – procurar indicações para a missão dos Bispos. Que tipo de homens eram os Magos? Os peritos dizem-nos que pertenciam à grande tradição astronómica que se fora desenvolvendo na Mesopotâmia no decorrer dos séculos, e era então florescente. Mas esta informação, por si só, não é suficiente. Provavelmente haveria muitos astrónomos na antiga Babilónia, mas poucos, apenas estes Magos, se puseram a caminho e seguiram a estrela que tinham reconhecido como sendo a estrela da promessa, ou seja, a que indicava o caminho para o verdadeiro Rei e Salvador. Podemos dizer que eram homens de ciência, mas não apenas no sentido de quererem saber muitas coisas; eles queriam algo mais. Queriam entender o que é que conta no facto de sermos homens. Provavelmente ouviram falar da profecia de Balaão, um profeta pagão: «Uma estrela sai de Jacob, e um cetro se levanta de Israel» (*Nm* 24, 17). Eles aprofundaram esta promessa. Eram pessoas de coração inquieto, que não se satisfaziam com aparências ou com a rotina da vida. Eram homens à procura da promessa, à procura de Deus. Eram homens vigilantes, capazes de discernir os sinais de Deus, a sua linguagem subtil e insistente. Mas eram também homens corajosos e, ao mesmo tempo, humildes: podemos imaginar as zombarias que tiveram de suportar quando se puseram a caminho para ir ter com o Rei dos Judeus, enfrentando canseiras sem número. Mas, não consideravam decisivo o que se pensava ou dizia deles, mesmo pelas pessoas influentes e inteligentes. Para eles o que contava era a própria verdade, não a opinião dos homens. Por isso, enfrentaram as privações e o cansaço dum caminho longo e incerto. Foi a sua coragem humilde que lhes permitiu prostrar-se diante dum menino filho de gente pobre e reconhecer n’Ele o Rei prometido, cuja busca e reconhecimento fora o objectivo do seu caminho exterior e interior.

Queridos amigos, em tudo isto é possível ver alguns traços essenciais do ministério episcopal. Também o Bispo deve ser um homem de coração inquieto, que não se satisfaz com as coisas rotineiras deste mundo, mas segue a inquietação do coração que o impele interiormente a aproximar-se sempre mais de Deus, a procurar o seu Rosto, a conhecê-Lo cada vez melhor, para poder amá-Lo sempre mais. Também o Bispo deve ser um homem de coração vigilante que percebe a linguagem subtil de Deus e sabe discernir a verdade da aparência. Também o Bispo deve estar repleto da

coragem da humildade, que não se interessa do que a opinião dominante diz dele, mas por critério toma a medida da verdade de Deus, comprometendo-se com ela «*opportune – importune*». Deve ser capaz de ir à frente indicando o caminho. Deve ir à frente seguindo Aquele que a todos nos precedeu, porque é o verdadeiro Pastor, a verdadeira estrela da promessa: Jesus Cristo. E deve ter a humildade de prostrar-se diante daquele Deus que Se tornou tão concreto e tão simples que contradiz o nosso orgulho insensato, que não quer ver Deus assim perto e pequenino. Deve viver a adoração do Filho de Deus feito homem, aquela adoração que lhe indica sem cessar o caminho.

A liturgia da Ordenação Episcopal exprime o essencial deste ministério em oito perguntas dirigidas aos Ordenandos, que começam sempre com a palavra: «*Vultis? – Quereis?*». As perguntas orientam a vontade e indicam-lhe o caminho a tomar. Gostaria de mencionar aqui, brevemente, algumas das palavras-chave desta orientação, nas quais se concretiza aquilo que há pouco reflectimos a partir dos Magos que aparecem na festa de hoje. A missão dos Bispos é «*praedicare Evangelium Christi*», «custodire», «dirigere», «*pauperibus se misericordes praebere*», «*indesinenter orare*». O anúncio do Evangelho de Jesus Cristo, guardar o depósito sagrado da nossa fé, ir à frente e guiar, a misericórdia e a caridade para com os necessitados e os pobres nas quais se reflecte o amor misericordioso de Deus para conosco e, finalmente, a oração contínua são características fundamentais do ministério episcopal. A oração contínua significa nunca perder o contacto com Deus, deixar-se tocar sempre por Ele no íntimo do nosso coração e deste modo sermos permeados pela sua luz. Só quem conhece a Deus pessoalmente é que pode guiar os outros para Deus. E só quem guia os homens para Deus é que os guia pela estrada da vida.

O coração inquieto, de que falámos inspirando-nos em Santo Agostinho, é o coração que, em última análise, não se satisfaz com nada menos do que Deus e é, precisamente assim, que se torna um coração que ama. O nosso coração vive inquieto por Deus, e não pode ser doutro modo, embora hoje se procure, com «narcóticos» muito eficazes, libertar o homem desta inquietação. Mas não somos só nós, seres humanos, que vivemos inquietos relativamente a Deus. Também o coração de Deus vive inquieto relativamente ao homem. Deus espera-nos. Anda à nossa procura. Também

Ele não descansa enquanto não nos tiver encontrado. O coração de Deus vive inquieto, e foi por isso que se pôs a caminho até junto de nós – até Belém, até ao Calvário, de Jerusalém até à Galileia e aos confins do mundo. Deus vive inquieto connosco, anda à procura de pessoas que se deixem contagiar por esta sua inquietação, pela sua paixão por nós; pessoas que vivem a busca que habita no seu coração e, ao mesmo tempo, se deixam tocar no coração pela busca de Deus a nosso respeito. Queridos amigos, foi esta a missão dos Apóstolos: acolher a inquietação de Deus pelo homem e levar o próprio Deus aos homens. E, seguindo os passos dos Apóstolos, esta é a vossa missão: deixai-vos tocar pela inquietação de Deus, a fim de que o anseio de Deus pelo homem possa ser satisfeito.

Os Magos seguiram a estrela. Através da linguagem da criação, encontraram o Deus da história. É certo que a linguagem da criação, por si só, não é suficiente. Apenas a Palavra de Deus, que encontramos na Sagrada Escritura, podia indicar-lhes definitivamente o caminho. Criação e Escritura, razão e fé devem dar-se as mãos para nos conduzirem ao Deus vivo. Muito se discutiu sobre o tipo de estrela que guiou os Magos. Pensa-se numa conjunção de planetas, numa Supernova, ou seja, uma daquelas estrelas inicialmente muito débeis que, na sequência duma explosão interna, irradia por algum tempo um imenso esplendor, num cometa, etc. Deixemos que os cientistas continuem esta discussão. A grande estrela, a verdadeira Supernova que nos guia é o próprio Cristo. Ele é, por assim dizer, a explosão do amor de Deus, que faz brilhar sobre o mundo o grande fulgor do seu coração. E podemos acrescentar: tanto os Magos do Oriente, mencionados no Evangelho de hoje, como os Santos em geral pouco a pouco tornaram-se eles mesmos constelações de Deus, que nos indicam o caminho. Em todas estas pessoas, o contacto com a Palavra de Deus provocou, por assim dizer, uma explosão de luz, através da qual o esplendor de Deus ilumina este nosso mundo e nos indica o caminho. Os Santos são estrelas de Deus, pelas quais nos deixamos guiar para Aquele por quem o nosso ser anseia. Queridos amigos, vós seguistes a estrela que é Jesus Cristo, quando dissestes o vosso «sim» ao sacerdócio e ao ministério episcopal. E certamente brilharam para vós também estrelas menores, que vos ajudaram a não errar o caminho. Na Ladainha dos Santos, invocamos todas estas estrelas de Deus, a fim de que brilhem sempre de novo para vós e vos indiquem o caminho. Com a Ordenação Episcopal, vós mesmos sois

chamados a ser estrelas de Deus para os homens, guiando-os pelo caminho que leva à verdadeira Luz: Cristo. Invoquemos, pois, agora todos os Santos, para que possais corresponder sempre a esta vossa missão mostrando aos homens a luz de Deus. Amen.

CELEBRAÇÃO DO BATISMO DO SENHOR E ADMINISTRAÇÃO DO BATISMO

Capela Sistina

Domingo, 8 de Janeiro de 2012

Amados irmãos e irmãs!

É sempre uma alegria celebrar esta Santa Missa com os Baptismos das crianças, na Festa do Baptismo do Senhor. Saúdo todos vós com afecto, queridos pais, padrinhos, madrinhas e todos vós, familiares e amigos! Viestes — disseste-lo em voz alta — para que os vossos recém-nascidos recebam o dom da graça de Deus, a semente da vida eterna. Vós, pais, quisestes isto. Pensastes no Baptismo ainda antes que o vosso filho ou a vossa filha nascesse. A vossa responsabilidade de pais cristãos levou-vos a pensar imediatamente no Sacramento que marca o ingresso na vida divina, na comunidade da sua Igreja. Podemos dizer que esta foi a vossa primeira escolha educativa como testemunhas da fé em relação aos vossos filhos: a escolha é fundamental!

A tarefa dos pais, ajudados pelo padrinho e pela madrinha, consiste em educar o filho ou a filha. Educar é algo muito exigente, às vezes árduo para as nossas capacidades humanas, sempre limitadas. Mas educar torna-se uma missão maravilhosa, se for levada a cabo em colaboração com Deus, que é o primeiro e autêntico educador de cada homem.

Na primeira Leitura que ouvimos, tirada do Livro do profeta Isaías, Deus dirige-se ao seu povo precisamente como um educador. Chama a atenção dos israelitas para o perigo de procurar saciar a sede e a fome nas fontes erradas: «Por que, diz, gastar o vosso dinheiro naquilo que não alimenta, e o produto do vosso trabalho naquilo que não sacia?» (Is 55, 2). Deus quer oferecer-nos coisas boas para beber e para comer, coisas que nos fazem bem; enquanto às vezes utilizamos erroneamente os nossos recursos, usamo-los para coisas que não servem, aliás, que são até nocivas. Deus quer oferecer-nos sobretudo a Si mesmo e a sua Palavra: sabe que, afastando-nos dele, encontrar-nos-emos depressa em dificuldade, como o filho pródigo da parábola, e sobretudo perderemos a nossa dignidade humana. E, por isso,

assegura-nos que Ele é misericórdia infinita, que os seus pensamentos e os seus caminhos não são como os nossos — por sorte! — e que podemos voltar sempre para Ele, para a casa do Pai. Depois, garante-nos que se acolhermos a sua Palavra, ela dará bons frutos na nossa vida, como a chuva que irriga a terra (cf. *Is 55, 10-11*).

A esta palavra que o Senhor nos dirigiu mediante o profeta Isaías, nós respondemos com o estribilho do Salmo: «Beberemos com alegria nas nascentes da salvação». Como pessoas adultas, comprometemo-nos em haurir das fontes boas, para o nosso bem e para o bem daqueles que são confiados à nossa responsabilidade, em particular vós, estimados pais, padrinhos e madrinhas, para o bem destas crianças. E quais são «as fontes da salvação»? São a Palavra de Deus e os Sacramentos. Os adultos são os primeiros que devem alimentar-se nestas fontes, para poder orientar os mais jovens no seu crescimento. Os pais devem dar muito, mas para poderem dar, têm necessidade por sua vez de receber, caso contrário esvaziam-se, esgotam-se. Os pais não são a fonte, como também nós sacerdotes não constituímos a fonte: somos sobretudo como canais, através dos quais deve passar a linfa vital do amor de Deus. Se nos separássemos da nascente, nós mesmos seríamos os primeiros a ressentir negativamente e já não seríamos capazes de educar os outros. Foi por isso que nos comprometemos, dizendo: «Beberemos com alegria nas nascentes da salvação».

E passemos agora à segunda Leitura e ao Evangelho. Eles dizem-nos que a primeira e principal educação tem lugar através do testemunho. O Evangelho fala-nos de João Baptista. João foi um grande educador dos seus discípulos, porque os conduziu ao encontro com Jesus, de Quem tinha dado testemunho. Não se exaltou a si mesmo, não quis manter os discípulos ligados a si. E no entanto, João era um grande profeta, e a sua fama era enorme. Quando Jesus chegou, ele retirou-se e indicou-O: «Depois de mim virá outro, mais poderoso do que eu... Eu baptizei-vos com a água; Ele, porém, batizar-vos-á no Espírito Santo» (*Mc 1, 7-8*). O verdadeiro educador não vincula as pessoas a si mesmo, não é possessivo. Quer que o filho, ou o discípulo, aprenda a conhecer a verdade, e estabeleça com ela uma relação pessoal. O educador cumpre o seu dever até ao fundo, e não faz faltar a sua presença atenta e fiel; mas a sua finalidade é que o educando ouça a voz da verdade falar ao seu coração, e que a siga num caminho pessoal.

Voltemos de novo ao testemunho. Na segunda Leitura, o apóstolo João escreve: «É o Espírito quem dá o testemunho» (1 Jo 5, 6). Refere-se ao Espírito Santo, o Espírito de Deus, quem dá testemunho de Jesus, atestando que Ele é Cristo, o Filho de Deus. Isto vê-se também na cena do baptismo no rio Jordão: o Espírito Santo desce sobre Jesus como uma pomba, para revelar que Ele é o Filho Unigénito do Pai eterno (cf. Mc 1, 10). Inclusive no seu Evangelho João sublinha este aspecto, onde Jesus diz aos discípulos: «Quando vier o Paráclito, que vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da Verdade que procede do Pai, Ele dará testemunho de mim. Também vós dareis testemunho, porque estais comigo desde o princípio» (Jo 15, 26-27). Isto é-nos de grande conforto, no compromisso de educar para a fé, porque sabemos que não estamos sozinhos, e que o nosso testemunho é sustentado pelo Espírito Santo.

É muito importante para vós, pais, e também para os padrinhos e as madrinhas, acreditar fortemente na presença e na obra do Espírito Santo, invocá-lo e recebê-lo em vós, mediante a oração e os Sacramentos. Com efeito, é Ele que ilumina a mente, aquecendo o coração do educador a fim de que saiba transmitir o conhecimento e o amor de Jesus. A oração é a primeira condição para educar, porque quando oramos predispomos-nos a deixar a Deus a iniciativa, de confiar os filhos a Ele, que os conhece antes e melhor do que nós mesmos, e sabe perfeitamente qual é o seu bem verdadeiro. E, ao mesmo tempo, quando rezamos pomo-nos à escuta das inspirações de Deus para cumprir bem a nossa parte, que contudo nos compete e temos que realizar. Os Sacramentos, especialmente a Eucaristia e a Penitência, permitem-nos cumprir a obra educativa em união com Cristo, em comunhão com Ele e continuamente renovados pelo seu perdão. A oração e os Sacramentos fazem-nos alcançar aquela luz de verdade, graças à qual podemos ser, ao mesmo tempo, ternos e fortes, usar a docilidade e a firmeza, calar e falar no momento justo, repreender e corrigir de maneira correcta.

Estimados amigos, invoquemos portanto todos juntos o Espírito Santo, para que desça em abundância sobre estas crianças, as consagre à imagem de Jesus Cristo e as acompanhe sempre ao longo do caminho da sua vida. Confiemo-las à guia materna de Maria Santíssima, para que cresçam em

idade, sabedoria e graça, tornando-se cristãos verdadeiros, testemunhas fiéis e jubilosas do amor de Deus. Amém!

CELEBRAÇÃO DAS VÉSPERAS
NO FINAL DA SEMANA DE ORAÇÃO PELA UNIDADE DOS CRISTÃOS

Festa da Conversão de São Paulo
Basílica de São Paulo fora dos Muros

Quarta-feira 25 de Janeiro de 2012

Amados irmãos e irmãs!

É com grande alegria que dirijo a minha calorosa saudação a todos vós, que vos congregastes nesta Basílica, na Festa litúrgica da Conversão de São Paulo, para encerrar a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos, neste ano durante o qual nós celebraremos o quinquagésimo aniversário da abertura do Concílio Vaticano II, que o beato João XXIII anunciou precisamente nesta Basílica, no dia 25 de Janeiro de 1959. O tema oferecido à nossa meditação na Semana de oração, que hoje concluímos, é: «Todos seremos transformados pela vitória de nosso Senhor Jesus Cristo» (cf. *1 Cor* 15, 51-58).

O significado desta transformação misteriosa, da qual nos fala a breve segunda leitura desta tarde, é demonstrado admiravelmente na vicissitude pessoal de São Paulo. A seguir ao acontecimento extraordinário ocorrido ao longo do caminho de Damasco, Saulo, que se distinguiu pela diligência com que perseguia a Igreja nascente, foi transformado num apóstolo incansável do Evangelho de Jesus Cristo. Na vicissitude deste evangelizador extraordinário vê-se claramente que essa transformação não é o resultado de uma longa reflexão interior, nem sequer o fruto de um esforço pessoal. Ela é, antes de tudo, obra da graça de Deus que agiu em conformidade com as suas modalidades imperscrutáveis. É por isso que Paulo, escrevendo à comunidade de Corinto alguns anos depois da sua conversão afirma, como ouvimos na primeira leitura destas Vésperas: «Mas pela graça de Deus sou aquele que sou, e a graça que Ele me concedeu não foi inútil» (*1 Cor* 15, 10). Além disso, considerando com atenção a vicissitude de São Paulo, compreende-se como a transformação que ele experimentou na sua existência não se limita ao plano ético — como conversão da imoralidade para a moralidade — nem sequer ao plano intelectual — como mudança do

próprio modo de compreender a realidade — mas trata-se sobretudo de uma renovação radical do próprio ser, sob muitos aspectos semelhante a um renascimento. Tal transformação encontra o seu fundamento na participação no mistério da Morte e Ressurreição de Jesus Cristo, e delinea-se como um caminho gradual de conformação a Ele. À luz desta consciência são Paulo, quando sucessivamente é chamado a defender a legitimidade da sua vocação apostólica e do Evangelho por ele anunciado, diz: «Já não sou eu que vivo. É Cristo que vive em mim. E esta vida, que agora vivo na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus, que me amou e se entregou a Si mesmo por mim» (*Gl 2, 20*).

A experiência pessoal vivida por são Paulo permite-lhe aguardar com esperança fundada o cumprimento deste mistério de transformação, que dirá respeito a todos aqueles que acreditaram em Jesus Cristo e também a toda a humanidade e à criação inteira. Na breve segunda leitura que foi proclamada esta tarde são Paulo, depois de ter desenvolvido uma longa argumentação destinada a fortalecer nos fiéis a esperança da ressurreição, utilizando as imagens tradicionais da literatura apocalíptica que lhe é contemporânea, descreve em poucas linhas o grande dia do juízo final, em que se cumpre o destino da humanidade: «Num instante, num abrir e fechar de olhos, ao som da trombeta final... os mortos ressuscitarão incorruptíveis e nós seremos transformados» (*1 Cor 15, 52*). Nesse dia, todos os crentes serão transformados em conformidade com Cristo e tudo o que é corruptível será transformado pela sua glória: «Com efeito, é necessário — diz são Paulo — que este corpo corruptível se revista de incorruptibilidade, que este corpo mortal se revista de imortalidade» (v. 53). Então, o triunfo de Cristo será finalmente completo porque, diz-nos ainda são Paulo demonstrando como as antigas profecias das Escrituras se realizam, a morte será vencida definitivamente e, com ela, o pecado que a fez entrar no mundo e a lei que fixa o pecado sem dar a força de o derrotar: «A morte foi tragada pela vitória. / Onde está, ó morte, a tua vitória? / Onde está, ó morte, o teu aguilhão? / O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a Lei» (vv. 54-56). Por conseguinte, são Paulo diz-nos que cada homem, mediante o baptismo na morte e ressurreição de Cristo, participa na vitória daquele que foi o primeiro a derrotar a morte, dando início a um caminho de transformação que se manifesta desde já numa novidade de vida e que alcançará a sua plenitude no fim dos tempos.

É muito significativo que este trecho se conclua com uma acção de graças: «Sejam dadas graças a Deus, que nos concede a vitória por meio de nosso Senhor Jesus Cristo!» (v. 57). O cântico de vitória sobre a morte transforma-se em canto de acção de graças, elevado ao Vencedor. Também nós esta tarde, celebrando os louvores vespertinos de Deus, queremos unir as nossas vozes, as nossas mentes e os nossos corações a este hino de acção de graças por aquilo que a graça divina realizou no Apóstolo das nações e pelo admirável desígnio salvífico que Deus Pai cumpre em nós por meio do Senhor Jesus Cristo. Enquanto elevamos a nossa oração, tenhamos confiança de que seremos transformados, também nós, e conformados à imagem de Cristo. Isto é particularmente verdadeiro na prece pela unidade dos cristãos. Com efeito, quando imploramos o dom da unidade dos discípulos de Cristo, fazamos nosso o desejo expresso por Jesus Cristo na vigília da sua paixão e morte na oração dirigida ao Pai: «Para que todos sejam um» (*Jo 17, 21*). Por este motivo, a oração pela unidade dos cristãos mais não é do que participação na realização do desígnio divino para a Igreja, e o compromisso diligente em prol do restabelecimento da unidade é um dever e uma grande responsabilidade para todos.

Mesmo experimentando nos nossos dias a situação dolorosa da divisão, nós cristãos podemos e devemos olhar para o futuro com esperança, enquanto a vitória de Cristo significa a superação de tudo o que nos impede de compartilhar a plenitude de vida com Ele e com o próximo. A ressurreição de Jesus Cristo confirma que a bondade de Deus vence o mal, o amor supera a morte. Ele acompanha-nos na luta contra a força destruidora do pecado que prejudica a humanidade e toda a criação de Deus. A presença de Cristo ressuscitado exorta todos nós, cristãos, a agir juntos na causa do bem. Unidos em Cristo, somos chamados a compartilhar a sua missão, que consiste em levar a esperança onde predominam a injustiça, o ódio e o desespero. As nossas divisões tornam menos luminoso o nosso testemunho de Cristo. A meta da unidade plena, que aguardamos em esperança diligente, e pela qual oramos com confiança, é uma vitória não secundária, mas importante para o bem da família humana.

Na cultura hoje predominante, a ideia de vitória anda muitas vezes associada a um sucesso imediato. Na perspectiva cristã, ao contrário, a vitória é um longo e, aos nossos olhos, nem sempre linear processo de

transformação e de crescimento no bem. Ela verifica-se segundo os tempos de Deus, não segundo os nossos, e exige de nós fé profunda e perseverança paciente. Embora o Reino de Deus tenha irrompido definitivamente na história com a Ressurreição de Jesus, ele ainda não se cumpriu plenamente. A vitória final terá lugar com a segunda vinda do Senhor, que nós aguardamos com esperança paciente. Também a nossa expectativa pela unidade visível da Igreja deve ser paciente e confiante. Só em tal disposição encontram o seu significado completo a nossa oração e o nosso compromisso quotidiano em prol da unidade dos cristãos. A atitude de expectativa paciente não significa passividade nem resignação, mas resposta pronta e atenta a cada possibilidade de comunhão e fraternidade, que o Senhor nos concede.

Neste clima espiritual, gostaria de dirigir algumas saudações particulares, em primeiro lugar ao Cardeal Monterisi, Arcipreste desta Basílica, ao Abade e à Comunidade dos monges beneditinos que nos hospedam. Saúdo o Cardeal Koch, Presidente do Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos, e todos os colaboradores deste Dicasterio. Dirijo as minhas saudações cordiais e fraternas a Sua Eminência o Metropolita Gennadios, representante do Patriarcado ecuménico, e ao Reverendo Cónego Richardson, representante pessoal em Roma do Arcebispo de Canterbury, e a todos os representantes das várias Igrejas e Comunidades eclesiais, aqui reunidos esta tarde. Além disso, é-me particularmente grato saudar alguns membros do Grupo de trabalho composto por representantes de diversas Igrejas e Comunidades eclesiais presentes na Polónia, que prepararam os subsídios para a Semana de Oração deste ano, aos quais gostaria de manifestar a minha gratidão e os meus bons votos para que continuem ao longo do caminho da reconciliação e da colaboração fecunda, como também os membros do *Global Christian Forum* que nestes dias estão em Roma para meditar a respeito da abertura da participação no movimento ecuménico de novos elementos. E saúdo inclusive o grupo de estudantes do Instituto Ecuménico de Bossey, do Conselho Ecuménico das Igrejas.

À intercessão de São Paulo desejo confiar todos aqueles que, com a sua oração e o seu compromisso, se prodigalizam pela causa da unidade dos cristãos. Embora às vezes possamos ter a impressão de que o caminho rumo

ao pleno restabelecimento da comunhão ainda seja muito longo e cheio de obstáculos, convido todos a renovar a própria determinação na busca, com coragem e generosidade, a unidade que é a vontade de Deus, seguindo o exemplo de São Paulo, que diante de dificuldades de todos os tipos conservou sempre firme a confiança no Deus que completa a sua obra. De resto, neste caminho não faltam sinais positivos de uma renovada fraternidade e de um sentido comum de responsabilidade perante as grandes problemáticas que afligem o nosso mundo. Tudo isto é motivo de alegria e de grande esperança, e deve encorajar-nos a continuar o nosso compromisso para chegarmos todos juntos à meta final, conscientes de que o nosso trabalho não é em vão no Senhor (cf. *1 Cor* 15, 58). Amém!

CELEBRAÇÃO DAS VÉSPERAS NA FESTA DA APRESENTAÇÃO DE JESUS NO TEMPLO
POR OCASIÃO DO XVI DIA MUNDIAL DA VIDA CONSAGRADA

Basílica Vaticana

Quinta-feira, 2 de Fevereiro de 2012

Prezados irmãos e irmãs!

A festa da Apresentação do Senhor, quarenta dias depois do nascimento de Jesus, mostra-nos Maria e José que, em obediência à Lei mosaica, vão ao templo de Jerusalém para oferecer o menino, enquanto primogénito, ao Senhor e para o resgatar mediante um sacrifício (cf. *Lc 2, 22-24*). É um dos casos em que o tempo litúrgico reflecte o histórico, porque hoje se completam precisamente quarenta dias desde a solenidade do Natal do Senhor; o tema de Cristo Luz, que caracterizou o ciclo das festas natalícias e culminou na solenidade da Epifania, é retomado e prolongado na festa hodierna.

O gesto ritual dos pais de Jesus, que se verifica segundo o estilo de escondimento humilde que caracteriza a Encarnação do Filho de Deus, encontra um acolhimento singular da parte do ancião Simeão e da profetisa Ana. Por inspiração divina, eles reconhecem naquele menino o Messias anunciado pelos profetas. No encontro entre o ancião Simeão e Maria, jovem mãe, Antigo e Novo Testamento unem-se de maneira admirável em acção de graças pelo dom da Luz, que resplandeceu nas trevas, impedindo-as de prevalecer: Cristo Senhor, Luz para iluminar os povos e glória do seu povo Israel (cf. *Lc 2, 32*).

No dia em que a Igreja faz memória da Apresentação de Jesus no templo, celebra-se o Dia da Vida Consagrada. Com efeito, o episódio evangélico ao qual nos referimos constitui um ícone significativo da doação da própria vida por parte de quantos foram chamados a representar na Igreja e no mundo, mediante os conselhos evangélicos, os traços característicos de Jesus, casto, pobre e obediente, o Consagrado do Pai. Portanto, na festividade deste dia nós celebramos o mistério da consagração: consagração de Cristo, consagração de Maria, consagração de todos aqueles que se põem na sequela de Jesus por amor do Reino de Deus.

Segundo a intuição do Beato João Paulo II, que a celebrou pela primeira vez em 1997, o Dia dedicado à vida consagrada propõe-se algumas finalidades particulares. Quer responder, antes de tudo, à exigência de louvar e dar graças ao Senhor pelo dom desta condição de vida, que pertence à santidade da Igreja. A cada pessoa consagrada é dedicada, hoje, a oração de toda a Comunidade, que dá graças a Deus Pai, doador de todo o bem, pela dádiva desta vocação, e com fé volta a invocá-lo. Além disso, em tal ocasião tenciona-se valorizar cada vez mais o testemunho daqueles que escolheram seguir Cristo mediante a prática dos conselhos evangélicos com a promoção do conhecimento e a estima da vida consagrada no interior do Povo de Deus. Finalmente, o Dia da Vida Consagrada deseja ser, sobretudo para vós, queridos irmãos e irmãs que abraçastes esta condição na Igreja, uma preciosa ocasião para renovar os propósitos e reavivar os sentimentos que inspiraram e inspiram a doação de vós mesmos ao Senhor. É isto que queremos fazer hoje, este é o compromisso que sois chamados a realizar todos os dias da vossa vida.

Por ocasião do 50º aniversário da abertura do Concílio Ecuménico Vaticano II, proclamei — como sabeis — o Ano da fé, que terá início no próximo mês de Outubro. Todos os fiéis, mas de modo particular os membros dos Institutos de vida consagrada, acolheram esta iniciativa como um dom, e faço votos a fim de que vivam o Ano da fé como tempo favorável para a renovação interior, da qual sempre se sente a necessidade, com um aprofundamento dos valores essenciais e das exigências da própria consagração. No Ano da fé vós, que acolhestes a chamada a seguir Cristo mais de perto mediante a profissão dos conselhos evangélicos, sois convidados a aprofundar ainda mais a relação com Deus. Aceites como autêntica regra de vida, os conselhos evangélicos fortalecem a fé, a esperança e a caridade, que unem a Deus. Esta profunda proximidade ao Senhor, que deve ser o elemento prioritário e caracterizador da vossa existência, levar-vos-á a uma renovada adesão a Ele, e terá uma influência positiva sobre a vossa especial presença e forma de apostolado no interior do Povo de Deus, através da relação dos vossos carismas, na fidelidade ao Magistério, com a finalidade de ser testemunhas da fé e da graça, testemunhas credíveis para a Igreja e para o mundo de hoje.

A Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, com os meios que considerar mais adequados, indicará os critérios e comprometer-se-á para fazer com que este Ano da fé constitua para todos vós um ano de renovação e de fidelidade, a fim de que todos os consagrados e consagradas se dediquem com entusiasmo à nova evangelização. Enquanto dirijo a minha cordial saudação ao Prefeito do Dicastério, D. João Braz de Aviz — que desejei incluir entre quantos criarei Cardeais no próximo Consistório — é de bom grado que aproveito esta feliz circunstância para lhe agradecer, bem como aos Colaboradores, o precioso serviço que prestam à Santa Sé e a toda a Igreja.

Caros irmãos e irmãs, estou grato também a cada um de vós, por terdes desejado participar nesta Liturgia que, graças inclusive à vossa presença, se distingue por um especial clima de devoção e recolhimento. Desejo todo o bem para o caminho das vossas Famílias religiosas, assim como para a vossa formação e o vosso apostolado. A Virgem Maria, discípula, serva e Mãe do Senhor, obtenha do Senhor Jesus, que «quantos receberam o dom de O seguir na vida consagrada, saibam testemunhá-lo com uma existência transfigurada, caminhando jubilosamente, com todos os outros irmãos e irmãs, para a pátria celeste e para a luz que não conhece o caso» (João Paulo ii, Exortação Apostólica pós-sinodal Vita consecrata, 112).

Amen.

CONSISTÓRIO ORDINÁRIO PÚBLICO PARA A CRIAÇÃO DE NOVOS CARDEAIS
E PELO VOTO DE ALGUMAS CAUSAS DE CANONIZAÇÃO

Basílica Vaticana

Sábado, 18 de Fevereiro de 2012

«Tu es Petrus, et super hanc petram ædificabo Ecclesiam meam».

*Venerados Irmãos,
Amados irmãos e irmãs!*

Com estas palavras do cântico de entrada, teve início o rito solene e sugestivo do Consistório Ordinário Público para a criação dos novos Cardeais, que inclui a imposição do barrete cardinalício, a entrega do anel e a atribuição do título. Trata-se das palavras com que Jesus constituiu, eficazmente, Pedro como firme alicerce da Igreja. E o factor qualificativo deste alicerce é a fé: realmente Simão torna-se Pedro – rocha – por ter professado a sua fé em Jesus, Messias e Filho de Deus. Quando anuncia Cristo, a Igreja está ligada a Pedro, e Pedro permanece colocado na Igreja como rocha; mas, quem edifica a Igreja, é o próprio Cristo, sendo Pedro um elemento particular da construção. E deve sê-lo por meio da fidelidade à sua confissão feita junto de Cesareia de Filipe, ou seja, em virtude da afirmação: «Tu és Cristo, o Filho de Deus vivo».

As palavras, que Jesus dirige a Pedro, põem claramente em destaque o carácter eclesial da celebração de hoje. De facto, através da atribuição do título duma igreja desta Cidade [de Roma] ou duma diocese suburbicária, os novos Cardeais ficam, para todos os efeitos, inseridos na Igreja de Roma guiada pelo Sucessor de Pedro, para cooperar estreitamente com ele no governo da Igreja universal. Estes dilectos Irmãos, que dentro de momentos começarão a fazer parte do Colégio Cardinalício, unir-se-ão, por vínculos novos e mais fortes, não só com o Pontífice Romano mas também com toda a comunidade dos fiéis espalhada pelo mundo inteiro. Com efeito, no desempenho do seu peculiar serviço de apoio ao ministério petrino, os neopurpurados serão chamados a analisar e avaliar os casos, os problemas e os critérios pastorais que dizem respeito à missão da Igreja inteira. Nesta delicada tarefa, servir-lhes-á de exemplo e ajuda o testemunho de fé

prestado pelo Príncipe dos Apóstolos, com a sua vida e morte, pois, por amor de Cristo, deu-se inteiramente até ao sacrifício extremo.

É com este significado que se deve entender também a imposição do barrete vermelho. Aos novos Cardeais, é confiado o serviço do amor: amor a Deus, amor à sua Igreja, amor aos irmãos com dedicação absoluta e incondicional – se for necessário – até ao derramamento do sangue, como diz a fórmula para a imposição do barrete cardinalício e como indica a cor vermelha das vestes que trazem. Além disso, é-lhes pedido que sirvam a Igreja com amor e vigor, com a clareza e a sabedoria dos mestres, com a energia e a fortaleza dos pastores, com a fidelidade e a coragem dos mártires. Trata-se de ser servidores eminentes da Igreja, que encontra em Pedro o fundamento visível da unidade.

No texto evangélico há pouco proclamado, Jesus apresenta-Se como servo, oferecendo-Se como modelo a imitar e a seguir. No cenário de fundo do terceiro anúncio da paixão, morte e ressurreição do Filho do Homem, sobressai, pelo seu clamoroso contraste, a cena dos dois filhos de Zebedeu, Tiago e João, que, ao lado de Jesus, ainda correm atrás de sonhos de glória. Pediram-Lhe: «Concede-nos que, na tua glória, nos sentemos um à tua direita e outro à tua esquerda» (*Mc* 10, 37). Contudente é a resposta de Jesus, e inesperada a sua pergunta: «Não sabeis o que pedis. Podeis beber o cálice que Eu bebo?» (*Mc* 10, 38). A alusão é claríssima: o cálice é o da paixão, que Jesus aceita para cumprir a vontade do Pai. O serviço a Deus e aos irmãos, a doação de si mesmo: esta é a lógica que a fé autêntica imprime e gera na nossa existência quotidiana, mas que está em contradição com o estilo mundano do poder e da glória.

Com o seu pedido, Tiago e João mostram que não compreendem a lógica de vida que Jesus testemunha, aquela lógica que deve – segundo o Mestre – caracterizar o discípulo no seu espírito e nas suas acções. E a lógica errada não reside só nos dois filhos de Zebedeu, mas, segundo o evangelista, contagia também «os outros dez» apóstolos, que «começaram a indignar-se contra Tiago e João» (*Mc* 10, 41). Indignam-se, porque não é fácil entrar na lógica do Evangelho, deixando a do poder e da glória. São João Crisóstomo afirma que ainda eram imperfeitos os apóstolos todos: tanto os dois que procuravam obter precedência sobre os outros dez, como

os dez que tinham inveja dos dois (cf. *Comentário a Mateus*, 65, 4: PG 58, 622). E São Cirilo de Alexandria, ao comentar passagens paralelas no Evangelho de Lucas, acrescenta: «Os discípulos caíram na fraqueza humana e puseram-se a discutir uns com os outros qual deles seria o chefe, ficando superior aos outros. (...) Isto aconteceu e foi-nos narrado para nosso proveito. (...) O que sucedeu aos santos Apóstolos pode revelar-se, para nós, um estímulo à humildade» (*Comentário a Lucas*, 12, 5, 24: PG 72, 912). Este episódio deu ocasião a Jesus para Se dirigir a todos os discípulos e «chamá-los a Si», de certo modo para os estreitar a Si, a fim de formarem como que um corpo único e indivisível com Ele, e indicar qual é a estrada para se chegar à verdadeira glória, a de Deus: «Sabeis como aqueles que são considerados governantes das nações fazem sentir a sua autoridade sobre elas, e como os grandes exercem o seu poder. Não deve ser assim entre vós. Quem quiser ser grande entre vós, faça-se vosso servo, e quem quiser ser o primeiro entre vós, faça-se o servo de todos» (*Mc* 10, 42-44).

Domínio e serviço, egoísmo e altruísmo, posse e dom, lucro e gratuidade: estas lógicas, profundamente contrastantes, defrontam-se em todo o tempo e lugar. Não há dúvida alguma sobre a estrada escolhida por Jesus: e não Se limita a indicá-la por palavras aos discípulos de ontem e de hoje, mas vive-a na sua própria carne. Efectivamente explica: «Também o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua via em resgate por muitos» (*Mc* 10, 45). Estas palavras iluminam, com singular intensidade, o Consistório público de hoje. Ecoam no fundo da alma e constituem um convite e um apelo, um legado e um encorajamento especialmente para vós, amados e venerados Irmãos que estais para ser incluídos no Colégio Cardinalício.

Segundo a tradição bíblica, o Filho do Homem é aquele que recebe de Deus o poder e o domínio (cf. *Dn* 7, 13-14). Jesus interpreta a sua missão na terra, sobrepondo à figura do Filho do Homem a imagem do Servo sofredor descrita por Isaías (cf. *Is* 53, 1-12). Ele recebe o poder e a glória apenas enquanto «servo»; mas é servo na medida em que assume sobre Si o destino de sofrimento e de pecado da humanidade inteira. O seu serviço realiza-se na fidelidade total e na plena responsabilidade pelos homens. Por isso, a livre aceitação da sua morte violenta torna-se o preço de libertação

para muitos, torna-se o princípio e o fundamento da redenção de cada homem e de todo o género humano.

Amados Irmãos que estais para ser inscritos no Colégio Cardinalício! Que a doação total de Si mesmo, feita por Cristo na cruz, vos sirva de norma, estímulo e força para uma fé que actua na caridade. Que a vossa missão na Igreja e no mundo se situe sempre e só «em Cristo» e corresponda à sua lógica e não à do mundo, sendo iluminada pela fé e animada pela caridade que nos vem da Cruz gloriosa do Senhor. No anel que daqui a pouco vos entregarei, aparecem representados São Pedro e São Paulo e, no centro, uma estrela que evoca Nossa Senhora. Trazendo este anel, sois convidados diariamente a recordar o testemunho de Cristo que os dois Apóstolos deram até ao seu martírio aqui em Roma, tornando assim fecunda a Igreja com o seu sangue. Por sua vez a evocação da Virgem Maria constituirá para vós um convite incessante a seguir Aquela que permaneceu firme na fé e serva humilde do Senhor.

Ao concluir esta breve reflexão, quero dirigir a minha grata e cordial saudação a todos vós aqui presentes, particularmente às Delegações oficiais de diversos Países e aos Representantes de numerosas dioceses. No seu serviço, os novos Cardeais são chamados a permanecer fiéis a Cristo, deixando-se guiar unicamente pelo seu Evangelho. Amados irmãos e irmãs, rezai para que possa reflectir-se ao vivo neles o Senhor Jesus, o nosso único Pastor e Mestre e a fonte de toda a sabedoria que indica a estrada a todos. E rezai também por mim, para que sempre possa oferecer ao Povo de Deus o testemunho da doutrina segura e reger, com suave firmeza, o timão da santa Igreja.

Amen.

CONSISTÓRIO ORDINÁRIO PÚBLICO PARA A CRIAÇÃO DE NOVOS CARDEAIS
E PELO VOTO DE ALGUMAS CAUSAS DE CANONIZAÇÃO

CONCELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA COM OS NOVOS CARDEAIS

Basílica Vaticana

Domingo, 19 de Fevereiro de 2012

*Senhores Cardeais,
Venerados Irmãos no episcopado e no sacerdócio,
Amados Irmãos e Irmãs!*

Na solenidade da Cátedra de São Pedro Apóstolo, temos a alegria de nos reunir à volta do altar do Senhor, juntamente com os novos Cardeais que ontem agreguei ao Colégio Cardinalício. Para eles, em primeiro lugar, vai a minha cordial saudação, agradecendo ao Cardeal Fernando Filoni as amáveis palavras que me dirigiu em nome de todos. Estendo a minha saudação aos outros Purpurados e a todos os Bispos presentes, como também às ilustres Autoridades, aos senhores Embaixadores, aos sacerdotes, aos religiosos e a todos os fiéis, vindos de várias partes do mundo para esta feliz ocasião, que se reveste de um carácter especial de universalidade.

Na segunda leitura, há pouco proclamada, o apóstolo Pedro exorta os «presbíteros» da Igreja a serem pastores zelosos e solícitos do rebanho de Cristo (cf. *1 Ped* 5, 1-2). Estas palavras são dirigidas antes de mais nada a vós, amados e venerados Irmãos, que sois reconhecidos no meio do Povo de Deus pelos vossos méritos na obra generosa e sábia do ministério pastoral em dioceses relevantes, ou na direcção dos dicastérios da Cúria Romana, ou ainda no serviço eclesial do estudo e do ensino. A nova dignidade que vos foi conferida pretende manifestar o apreço pelo vosso trabalho fiel na vinha do Senhor, homenagear as comunidades e nações donde provindes e de que sois dignos representantes na Igreja, investir-vos de novas e mais importantes responsabilidades eclesiais e, enfim, pedir-vos um suplemento de disponibilidade para Cristo e para a comunidade cristã inteira. Esta disponibilidade para o serviço do Evangelho está fundada firmemente na certeza da fé. De facto, sabemos que Deus é fiel às suas promessas e

aguardamos, na esperança, a realização destas palavras do apóstolo Pedro: «E, quando o supremo Pastor Se manifestar, então recebereis a coroa imperecível da glória» (1 *Ped* 5, 4).

O texto evangélico de hoje apresenta Pedro que, movido por uma inspiração divina, exprime firmemente a sua fé em Jesus, o Filho de Deus e o Messias prometido. Respondendo a esta profissão clara de fé, que Pedro faz também em nome dos outros Apóstolos, Cristo revela-lhe a missão que pensa confiar-lhe: ser a «pedra», a «rocha», o alicerce visível sobre o qual será construído todo o edifício espiritual da Igreja (cf. *Mt* 16, 16-19). Esta denominação de «rocha-pedra» não alude ao carácter da pessoa, mas só é compreensível a partir dum aspecto mais profundo, a partir do mistério: através do encargo que Jesus lhe confere, Simão Pedro tornar-se-á aquilo que ele não é mediante «a carne e o sangue». O exegeta Joachim Jeremias mostrou que aqui está presente, como cenário de fundo, a linguagem simbólica da «rocha santa». A propósito, pode ajudar-nos um texto rabínico onde se afirma: «O Senhor disse: “Como posso criar o mundo, sabendo que não-de surgir estes sem-Deus que se revoltarão contra Mim?” Mas, quando Deus viu que devia nascer Abraão, disse: “Vê! Encontrei uma rocha, sobre a qual posso construir e assentar o mundo”. Por isso, Ele chamou a Abraão uma rocha». O profeta Isaías alude a isto mesmo, quando recorda ao povo: «Considerai a rocha de que fostes talhados (...). Olhai para Abraão, vosso pai» (51, 1-2). Pela sua fé, Abraão, o pai dos crentes, é visto como a rocha que sustenta a criação. Simão, o primeiro que confessou Jesus como o Cristo e também a primeira testemunha da ressurreição, torna-se agora, com a sua fé renovada, a rocha que se opõe às forças destruidoras do mal.

Amados irmãos e irmãs! Este episódio evangélico, que escutámos, encontra subsequente e mais eloquente explicação num elemento artístico muito conhecido, que enriquece esta Basílica Vaticana: o altar da Cátedra. Quando, depois de percorrer a grandiosa nave central e ultrapassar o transepto, se chega à abside, encontramos-nos perante um trono de bronze enorme, que parece suspenso em voo mas na realidade está sustentado por quatro estátuas de grandes Padres da Igreja do Oriente e do Ocidente. E na janela oval, por cima do trono, resplandece a glória do Espírito Santo, envolvida por um triunfo de anjos suspensos no ar. Que nos diz este

conjunto escultório, nascido do génio de Bernini? Representa uma visão da essência da Igreja e, no seio dela, do magistério petrino.

A janela da abside abre a Igreja para o exterior, para a criação inteira, enquanto a imagem da pomba do Espírito Santo mostra Deus como a fonte da luz. Mas há ainda outro aspecto a evidenciar: de facto, a própria Igreja é como que uma janela, o lugar onde Deus Se faz próximo, vem ao encontro do nosso mundo. A Igreja não existe para si mesma, não é o ponto de chegada, mas deve apontar para além de si, para o alto, acima de nós. A Igreja é verdadeiramente o que deve ser, na medida em que deixa transparecer o Outro – com o “O” grande – do qual provém e para o qual conduz. A Igreja é o lugar onde Deus «chega» a nós e donde nós «partimos» para Ele; a este mundo que tende a fechar-se em si próprio, a Igreja tem a missão de o abrir para além de si mesmo e levar-lhe a luz que vem do Alto e sem a qual se tornaria inabitável.

A grande cátedra de bronze contém dentro dela uma cadeira em madeira, do século IX, que foi considerada durante muito tempo a cátedra do apóstolo Pedro e, precisamente pelo seu alto valor simbólico, colocada neste altar monumental. Na realidade, exprime a presença permanente do Apóstolo no magistério dos seus sucessores. Podemos dizer que a cadeira de São Pedro é o trono da verdade, cuja origem está no mandato de Cristo depois da confissão em Cesareia de Filipe. A cadeira magistral renova em nós também a lembrança das seguintes palavras dirigidas pelo Senhor a Pedro no Cenáculo: «Eu roguei por ti, para que a tua fé não desapareça. E tu, uma vez convertido, fortalece os teus irmãos» (*Lc 22, 32*).

A cátedra de Pedro evoca outra recordação: a conhecida expressão de Santo Inácio de Antioquia, que, na sua *Carta aos Romanos*, designa a Igreja de Roma como «aquela que preside à caridade» (*Inscr.: PG 5, 801*). Com efeito, o facto de presidir na fé está inseparavelmente ligado à presidência no amor. Uma fé sem amor deixaria de ser uma fé cristã autêntica. Mas as palavras de Santo Inácio contêm ainda outro aspecto, muito mais concreto: de facto, o termo «caridade» era usado pela Igreja primitiva para indicar também a Eucaristia. Efectivamente a Eucaristia é *Sacramentum caritatis Christi*, por meio do qual Ele continua a atrair a Si todos nós, como fez do alto da cruz (cf. *Jo 12, 32*). Portanto, «presidir à caridade» significa atrair os

homens num abraço eucarístico – o abraço de Cristo – que supera toda a barreira e estranheza, criando a comunhão entre as múltiplas diferenças. Por conseguinte, o ministério petrino é primado no amor em sentido eucarístico, ou seja, solicitude pela comunhão universal da Igreja em Cristo. E a Eucaristia é forma e medida desta comunhão, e garantia de que a Igreja se mantém fiel ao critério da tradição da fé.

A grande Cátedra é sustentada pelos Padres da Igreja. Os dois mestres do Oriente, São João Crisóstomo e Santo Atanásio, juntamente com os latinos, Santo Ambrósio e Santo Agostinho, representam a totalidade da tradição e, conseqüentemente, a riqueza da expressão da verdadeira fé na santa e única Igreja. Este elemento do altar diz-nos que o amor apoia-se sobre a fé. O amor desfaz-se, se o homem deixa de confiar em Deus e obedecer-Lhe. Na Igreja, tudo se apoia na fé: os sacramentos, a liturgia, a evangelização, a caridade. Mesmo o direito e a própria autoridade na Igreja assentam na fé. A Igreja não se auto-regula, não confere a si mesma o seu próprio ordenamento, mas recebe-o da Palavra de Deus, que escuta na fé e procura compreender e viver. Na comunidade eclesial, os Padres da Igreja têm a função de garantes da fidelidade à Sagrada Escritura. Asseguram uma exegese fidedigna, segura, capaz de formar um conjunto estável e unitário com a cátedra de Pedro. As Sagradas Escrituras, interpretadas com autoridade pelo Magistério à luz dos Padres, iluminam o caminho da Igreja no tempo, assegurando-lhe um fundamento estável no meio das transformações da história.

Depois de termos considerado os diversos elementos do altar da Cátedra, lancemos um olhar ao seu conjunto. Vemos que é atravessado por um duplo movimento: de subida e de descida. Trata-se da reciprocidade entre a fé e o amor. A Cátedra aparece em grande destaque neste lugar, não só porque está aqui o túmulo do apóstolo Pedro, mas também porque ela encaminha para o amor de Deus. Com efeito, a fé orienta-se para o amor. Uma fé egoísta seria uma fé não-verdadeira. Quem crê em Jesus Cristo e entra no dinamismo de amor que encontra a sua fonte na Eucaristia, descobre a verdadeira alegria e torna-se, por sua vez, capaz de viver segundo a lógica deste dom. A verdadeira fé é iluminada pelo amor e conduz ao amor, conduz para o alto, como o altar da Cátedra nos eleva para a janela luminosa, para a glória do Espírito Santo, que constitui o

verdadeiro ponto focal que atrai o olhar do peregrino quando cruza o limiar da Basílica Vaticana. O triunfo dos anjos e os grandes raios dourados conferem àquela janela o máximo destaque, com um sentido de transbordante plenitude que exprime a riqueza da comunhão com Deus. Deus não é solidão, mas amor glorioso e feliz, irradiante e luminoso.

Amados irmãos e irmãs, a nós, a cada cristão, está confiado o dom deste amor: um dom que deve ser oferecido com o testemunho da nossa vida. Esta é de modo particular a vossa missão, venerados Irmãos Cardeais: testemunhar a alegria do amor de Cristo. À Virgem Maria, presente na comunidade apostólica reunida em oração à espera do Espírito Santo (cf. *Act 1, 14*), confiamos agora o vosso novo serviço eclesial. Que Ela, Mãe do Verbo Encarnado, proteja o caminho da Igreja, sustente com a sua intercessão a obra dos Pastores e acolha sob o seu manto todo o Colégio Cardinalício. Amen!

STATIO E PROCISSÃO PENITENCIAL DA IGREJA DE SANTO ANSELMO À BASÍLICA DE
SANTA SABINA NO AVENTINO

SANTA MISSA, BÊNÇÃO E IMPOSIÇÃO DAS CINZAS

Basílica de Santa Sabina

Quarta-feira, 22 de Fevereiro de 2012

Venerados Irmãos

Queridos irmãos e irmãs

Com este dia de penitência e de jejum — Quarta-Feira de Cinzas — iniciamos um novo caminho rumo à Páscoa de Ressurreição: o caminho da Quaresma. Gostaria de meditar brevemente sobre o sinal litúrgico das cinzas, um sinal material, um elemento da natureza, que na Liturgia se torna um símbolo sagrado, muito importante neste dia que dá início ao itinerário quaresmal. Antigamente, na cultura judaica, o uso de colocar sobre a cabeça cinza em sinal de penitência era comum, combinado muitas vezes com o vestir-se com um saco ou com trapos. Para nós cristãos, ao contrário, há este momento único, que tem aliás uma notável relevância ritual e espiritual.

Antes de tudo, a cinza é um destes sinais materiais que levam a criação dentro da Liturgia. Os principais são evidentemente os dos Sacramentos: a água, o óleo, o pão e o vinho, que se tornam verdadeira matéria sacramental, instrumento através do qual se comunica a graça de Cristo que chega até nós. No caso das cinzas trata-se ao contrário de um sinal não sacramental, mas contudo sempre relacionado com a oração e a santificação do Povo cristão. Com efeito, é prevista, antes da imposição individual sobre a cabeça — que faremos daqui a pouco — com duas fórmulas possíveis. Na primeira elas são definidas «símbolo austero»; na segunda invoca-se directamente sobre elas a bênção e faz-se referência ao texto do *Livro do Génesis*, que também pode acompanhar o gesto da imposição: «Recorda-te que és pó e em pó te hás-de tornar» (cf. *Gn* 3, 19).

Detenhamo-nos um momento sobre este versículo do Génesis. Ele conclui o juízo pronunciado por Deus depois do pecado original: Deus

maldiz a serpente, que fez pecar o homem e a mulher; depois pune a mulher anunciando-lhe as dores de parto e uma relação desequilibrada com o marido; por fim, castiga o homem, anuncia-lhe a fadiga do trabalho e amaldiçoa o solo. «Maldita seja a terra por tua causa!» (Gn 3, 17), por causa do teu pecado. Por conseguinte, o homem e a mulher não são directamente amaldiçoados como ao contrário a serpente, mas, por causa do pecado de Adão, é amaldiçoada a terra, com a qual ele tinha sido moldado. Releiamos a magnífica narração da criação do homem com a terra: «O Senhor Deus formou o homem do pó da terra e insuflou-lhe pelas narinas o sopro da vida, e o homem transformou-se num ser vivo. Depois, o Senhor Deus plantou um jardim no Éden, ao oriente, e nele colocou o homem que havia formado» (Gn 2, 7-8); assim narra o *Livro do Génesis*.

Eis por conseguinte que o sinal das cinzas nos conduz ao grande afresco da criação, no qual se diz que o ser humano é uma singular unidade de matéria e de sopro divino, através da imagem do pó da terra plasmada por Deus e animada pelo seu sopro insuflado pelas narinas da nova criatura. Podemos observar como na narração do Génesis o símbolo do pó sofre uma transformação negativa por causa do pecado. Enquanto antes da queda a terra é uma potencialidade totalmente boa, irrigada por uma nascente de água (cf. Gn 2, 6) e capaz, por obra de Deus, de germinar «todas as espécies de árvores agradáveis à vista e de saborosos frutos para comer» (Gn 2, 9), depois da queda e da consequente maldição divina ela produzirá «espinhos e abrolhos» e só em troca «de penoso trabalho» e do «suor do rosto» concederá ao homem os seus frutos (cf. Gn 3, 17-18). O pó da terra já não recorda só o gesto criador de Deus, totalmente aberto à vida, mas torna-se sinal de um destino inexorável de morte: «Recorda-te que és pó e em pó te hás-de tornar» (Gn 3, 19).

É evidente no texto bíblico que a terra participa no destino do homem. Diz a este propósito são João Crisóstomo, numa das suas homilias: «Vê como depois da sua desobediência tudo é imposto sobre ele [o homem] de forma contrária ao seu estilo de vida precedente» (*Homilias sobre o Génesis* 17, 9: pg 53, 146). Esta maldição da terra tem uma função curativa para o homem, que pelas «contrariedades» da terra deveria ser ajudado a manter-se nos seus limites e reconhecer a própria natureza (cf. *ibid.*). Assim, com uma bonita síntese, exprime-se outro antigo comentário, que diz: «Adão foi por

Deus criado puro para o seu serviço. Todas as criaturas lhe foram concedidas para o servir. Ele fora destinado para ser o senhor e rei de todas as criaturas. Mas quando o mal chegou e conversou com ele, ele recebeu-o por meio de uma escuta externa. Depois, adentrou-se no seu coração e apoderou-se de todo o seu ser. Quando, deste modo, foi capturado, a criação, que o tinha assistido e servido, foi capturada com ele» (Pseudo-Macário, *Homilias* 11, 5; pg 34, 547).

Dizíamos há pouco, citando são João Crisóstomo, que a maldição da terra tem uma função «curativa». Isto significa que a intenção de Deus, que é sempre benéfica, é mais profunda do que a própria maldição. Com efeito, é devida não a Deus mas ao pecado, mas Deus não pode deixar de a infligir, porque respeita a liberdade do homem e as suas consequências, até negativas. Por conseguinte, no âmbito da punição, e também da maldição da terra, permanece uma intenção boa que provém de Deus. Quando Ele diz ao homem: «Recorda-te que és pó e em pó te hás-de tornar!», juntamente com o justo castigo pretende anunciar também um caminho de salvação, que passará precisamente através da terra, através do «pó», da «carne» que será assumida no Verbo. É nesta perspectiva salvífica que a palavra do Génesis é retomada pela Liturgia da Quarta-Feira de Cinzas: como convite à penitência, à humildade, a ter presente a própria condição mortal, e não para acabar no desespero, mas sim para acolher, precisamente nesta nossa mortalidade, a proximidade impensável de Deus que, além da morte, abre a passagem para a ressurreição, o paraíso finalmente reencontrado. Neste sentido orienta-nos um texto de Orígenes, que diz: «Aquilo que inicialmente era carne, da terra, um homem de pó (cf. *1 Cor* 15, 47), e foi dissolvido através da morte e de novo tornado pó e cinza — de facto está escrito: *és pó e em pó te hás-de tornar* — é feito ressuscitar da terra. Em seguida, segundo os merecimentos da alma que habita o corpo, a pessoa caminha rumo à glória de um corpo espiritual» (*Sobre os Princípios* 3, 6, 5: *Sch.*, 268, 248).

Os «merecimentos da alma», dos quais fala Orígenes, são necessários; mas fundamentais são os merecimentos de Cristo, a eficácia do seu Mistério pascal. São Paulo ofereceu-nos dele uma formulação sintética na *Segunda Carta aos Coríntios*, segunda Leitura de hoje: «Aquele que não havia conhecido pecado, Deus O fez pecado por nós para que nos tornássemos

n'Ele justiça de Deus» (2 Cor 5, 21). A nossa possibilidade do perdão divino depende essencialmente do facto que o próprio Deus, na pessoa do seu Filho, quis partilhar a nossa condição, mas não a corrupção do pecado. E o Pai ressuscitou-o com o poder do seu Espírito Santo e Jesus, novo Adão, tornou-se, como diz são Paulo, «espírito dador de vida» (1 Cor 15, 45), primazia da nova criação. O mesmo Espírito que ressuscitou Jesus dos mortos pode transformar os nossos corações de pedra em corações de carne (cf. Ez 36, 26). Invocámo-lo há pouco com o Salmo Miserere: «Cria em mim, ó Deus, um coração puro / renova em mim um espírito firme. / Não me afastes da tua presença / e não me prives do teu santo espírito» (Sl 50, 12-13). Aquele Deus que expulsou os progenitores do Éden, enviou o seu Filho à nossa terra devastada pelo pecado, não o poupou, para que nós, filhos pródigos, pudéssemos voltar, arrependidos e remidos pela sua misericórdia, à nossa pátria verdadeira. Assim seja, para cada um de nós, para todos os crentes, para cada homem que humildemente se reconhece necessitado de salvação. Amém.

Domingo, 4 de Março de 2012

*Amados irmãos e irmãs
da Paróquia de São João Baptista de La Salle!*

Antes de tudo gostaria de dizer, com todo o meu coração, obrigado por este acolhimento tão cordial e caloroso. Obrigado ao gentil Pároco pelas suas amáveis palavras, obrigado por este espírito de familiaridade que encontro. Somos realmente família de Deus, e o facto de que vedes no Papa também o pai, é para mim algo muito positivo, que me encoraja! Mas agora devemos pensar que também o Papa não é a última instância: a última instância é o Senhor, e fitemos o Senhor para sentir, para compreender — na medida do possível — algo da mensagem deste segundo Domingo da Quaresma.

A liturgia deste dia prepara-nos tanto para o mistério da Paixão — ouvimos na primeira Leitura — como para a alegria da Ressurreição.

A primeira Leitura refere-se ao episódio em que Deus põe à prova Abraão (cf. *Gn* 22, 1-18). Ele tinha um filho único, Isaac, que lhe nascera na velhice. Era o filho da promessa, o filho que depois deveria trazer a salvação também aos povos. Mas um dia Abraão recebe de Deus a ordem de o oferecer em sacrifício. O idoso patriarca encontra-se diante da perspectiva de um sacrifício que para ele, pai, é certamente o maior que se possa imaginar. Todavia, não hesita nem sequer um instante e, depois de ter preparado o necessário, parte juntamente com Isaac para o lugar estabelecido. E podemos imaginar este percurso rumo ao cimo do monte, o que se passou no seu coração e no coração do seu filho. Constrói um altar, coloca a lenha e, depois de amarrar o jovem, pega na faca para o imolar. Abraão confia totalmente em Deus, a ponto de estar disposto até a sacrificar o próprio filho e, com o filho, o futuro, porque sem filho a promessa da terra não é nada, termina em nada. E sacrificando o filho, sacrifica-se a si mesmo, todo o seu futuro, toda a promessa. É realmente um gesto de fé extremamente radical. Neste momento é detido por uma ordem do alto: Deus não quer a morte, mas a vida, o verdadeiro sacrifício não proporciona

a morte, mas é a vida e a obediência de Abraão que se torna fonte de uma bênção imensa, até hoje. Deixemos isto, mas podemos meditar sobre este mistério.

Na segunda Leitura, são Paulo afirma que o próprio Deus cumpriu um sacrifício: ofereceu-nos o seu Filho, doou-o na Cruz, para vencer o pecado e a morte, para derrotar o maligno e para superar toda a malícia que existe no mundo. E esta misericórdia extraordinária de Deus suscita a admiração do Apóstolo e uma confiança profunda na força do amor de Deus por nós; com efeito, são Paulo afirma: «[Deus], que não poupou o próprio Filho, mas O entregou por todos nós, como não havia de nos dar também com Ele todas as coisas?» (*Rm* 8, 32). Se Deus se entrega a Si mesmo no Filho, dá-nos tudo. E Paulo insiste sobre o poder do sacrifício redentor de Cristo contra todos os outros poderes que podem ameaçar a nossa vida. Ele interroga-se: «Quem poderia acusar os escolhidos de Deus? É Deus quem os justifica. Quem os condenará? Cristo Jesus que morreu, ou melhor, que ressuscitou, que está à direita de Deus, é quem intercede por nós!» (vv. 33-34). Nós estamos no Coração de Deus, esta é a nossa grande confiança. Isto cria amor, e no amor caminhamos rumo a Deus. Se Deus doou o próprio Filho por todos nós, ninguém poderá acusar-nos, ninguém poderá condenar-nos, ninguém poderá separar-nos do seu amor imenso. Precisamente o sacrifício supremo de amor na Cruz, que o Filho de Deus aceitou e escolheu voluntariamente, torna-se fonte da nossa justificação, da nossa salvação. E pensamos que na Sagrada Eucaristia está sempre presente este gesto do Senhor, que no seu Coração permanece eternamente, e este gesto do seu Coração atrai-nos, une-nos a Si mesmo.

Finalmente, o Evangelho fala-nos do episódio da transfiguração (cf. *Mt* 9, 2-10): Jesus manifesta-se na glória antes do sacrifício da Cruz, e Deus Pai proclama-O seu Filho predilecto, o amado, e convida os discípulos a ouvi-lo. Jesus sobe a um monte alto e leva consigo três Apóstolos — Pedro, Tiago e João — que permanecerão particularmente próximos dele na agonia extrema, sobre outro monte, o das Oliveiras. Há pouco o Senhor tinha anunciado a sua paixão e Pedro não conseguia compreender por que motivo o Senhor, o Filho de Deus, falava de sofrimento, de rejeição, de morte e de cruz, aliás, chegou a opor-se com decisão a esta perspectiva. Agora Jesus leva consigo os três discípulos, para os ajudar a compreender que o

caminho para alcançar a glória, a vereda do amor luminoso que vende as trevas, passa através do dom total de si, passa pelo escândalo da Cruz. E, sempre de novo, o Senhor deve levar-nos consigo também a nós, pelo menos para começarmos a compreender que este é o caminho necessário. A transfiguração é um momento antecipado de luz que nos ajuda também a nós, a fitarmos a paixão de Jesus com o olhar da fé. Sim, ela é um mistério de sofrimento, mas é inclusive a «paixão bem-aventurada» porque é — no núcleo — um mistério de amor extraordinário de Deus; é o êxodo definitivo que nos abre a porta para a liberdade e a novidade da Ressurreição, da salvação do mal. Temos necessidade disto no nosso caminho quotidiano, muitas vezes marcado também pela escuridão do mal!

Estimados irmãos e irmãs! Como já disse, estou muito feliz por estar no meio de vós hoje, para celebrar o Dia do Senhor. Saúdo cordialmente o Cardeal Vigário, o Bispo Auxiliar do Sector, o vosso Pároco, Pe. Giampaolo Perugini, ao qual agradeço mais uma vez as amáveis palavras que me dirigiu em nome de todos vós e também os apreciados dons que me oferecestes. Saúdo os Vigários paroquiais e saúdo as Irmãs Franciscanas Missionárias do Coração Imaculado de Maria, aqui presentes desde há muitos anos, particularmente beneméritas para a vida desta Paróquia, que encontrou hospitalidade imediata e generosa na sua casa nos primeiros três anos de vida. Depois, saúdo também os Irmãos das Escolas Cristãs, naturalmente afeiçoados a esta igreja paroquial que tem o nome do seu Fundador. Além disso, saúdo quantos trabalham activamente no âmbito da Paróquia: refiro-me aos Catequistas, aos membros das Associações e dos Movimentos, assim como aos vários grupos paroquiais. Enfim, gostaria de dirigir o meu pensamento a todos os habitantes do bairro, de modo especial aos idosos, aos doentes, às pessoas sozinhas e em dificuldade.

Ao vir hoje até vós, observei a posição particular desta igreja, posta no ponto mais elevado do bairro, e dotada de um campanário esbelto, como um dedo ou como uma seta rumo ao céu. Parece-me que esta é uma indicação importante: como os três Apóstolos do Evangelho, também nós temos necessidade de subir ao monte da transfiguração para receber a luz de Deus, para que a sua Face ilumine o nosso rosto. E é na oração pessoal e comunitária que nós encontramos o Senhor, não como uma ideia, ou como uma proposta moral, mas como uma Pessoa que quer entrar em relação

connosco, que deseja ser amigo e quer renovar a nossa vida para a tornar como a sua. E este encontro não é só um facto pessoal; esta vossa igreja, posta no ponto mais elevado do bairro, recorda-vos que o Evangelho deve ser comunicado, anunciado a todos. Não esperemos que outros venham trazer mensagens diversas, que não conduzem à vida verdadeira; tornai-vos, vós mesmos, missionários de Cristo para os irmãos, lá onde eles vivem, trabalham, estudam ou passam o tempo livre. Conheço as numerosas e significativas obras de evangelização que estais a realizar, de modo particular através do oratório chamado «Estrela polar» — é com prazer que recebo esta t-shirt [do oratório] — onde, graças ao voluntariado de pessoas competentes e generosas, e com a participação das famílias, se favorece a agregação dos jovens através da actividade desportiva, mas sem descuidar a formação cultural, através da arte e da música, e sobretudo educa-se para a relação com Deus, para os valores cristãos e para uma participação cada vez mais consciente na celebração eucarística dominical.

Alegro-me que o sentido de pertença à comunidade paroquial tenha amadurecido cada vez mais, consolidando-se ao longo dos anos. A fé deve ser vivida juntos, e a paróquia é um lugar onde aprendemos a viver a própria fé no «nós» da Igreja. E desejo encorajar-vos a fim de que cresça também a co-responsabilidade pastoral, numa perspectiva de comunhão autêntica entre todas as realidades presentes, que são chamadas a caminhar juntas, a viver a complementaridade na diversidade, a testemunhar o «nós» da Igreja, da família de Deus. Conheço o compromisso com que vos dedicais à preparação dos adolescentes e dos jovens para os Sacramentos da vida cristã. O próximo «Ano da fé» seja uma ocasião propícia também para esta paróquia, para fazer crescer e consolidar a experiência da catequese sobre as grandes verdades da fé cristã, de modo que todo o bairro conheça e aprofunde o Credo da Igreja e supere aquele «analfabetismo religioso», que constitui um dos maiores problemas do nosso hoje.

Caros amigos! A vossa comunidade é jovem — vê-se — constituída por famílias jovens, e graças a Deus são muitas as crianças e os adolescentes que dela fazem parte. A este propósito, gostaria de recordar a tarefa da família e de toda a comunidade cristã, de educar para a fé, ajudados nisto pelo tema do corrente ano pastoral, pelas orientações pastorais propostas pela Conferência Episcopal Italiana, e sem esquecer o ensinamento

profundo e sempre actual de são João Baptista de La Salle. Amadas famílias, sois vós sobretudo o ambiente de vida em que se dão os primeiros passos da fé; sede comunidades onde se aprenda a conhecer e amar cada vez mais o Senhor, comunidades em que haja um enriquecimento recíproco para viver uma fé verdadeiramente adulta.

Finalmente, gostaria de recordar a todos vós a importância e a centralidade da Eucaristia na vida pessoal e comunitária. A Santa Missa esteja no âmago do vosso Domingo, que deve ser redescoberto e vivido como Dia do Senhor e da comunidade, no qual deveis louvar e celebrar Aquele que morreu e ressuscitou para a nossa salvação, e viver juntos na alegria de uma comunidade aberta e pronta para acolher cada pessoa sozinha ou em dificuldade. Com efeito, congregados ao redor da Eucaristia, sentimos mais facilmente que a missão de cada comunidade cristã consiste em transmitir a mensagem do amor de Deus a todos os homens. Eis por que é importante que a Eucaristia seja sempre o cerne da vida dos fiéis, como o é no dia de hoje.

Prezados irmãos e irmãs! Do Tabor, o monte da Transfiguração, o itinerário quaresmal conduz-nos até ao Gólgota, monte do supremo sacrifício de amor do único Sacerdote da nova e eterna Aliança. Naquele sacrifício está encerrada a maior força de transformação do homem e da história. Assumindo sobre Si mesmo todas as consequências do mal e do pecado, Jesus ressuscitou no terceiro dia como vencedor da morte e do maligno. A Quaresma prepara-nos para participar pessoalmente neste grande mistério da fé, que celebraremos no Tríduo da paixão, morte e ressurreição de Cristo. Confiemos à Virgem Maria o nosso caminho quaresmal, assim como o da Igreja inteira. Ela, que acompanhou o seu Filho Jesus até à Cruz, nos ajude a ser discípulos fiéis de Cristo, cristãos maduros, para podermos participar juntamente com Ela na plenitude da alegria pascal. Amém!

VÉSPERAS POR OCASIÃO DA VISITA DO ARCEBISPO DE CANTERBURY

Basílica de São Gregório al Celio

Sábado, 10 de Março de 2012

Vossa Graça

Venerados Irmãos

Queridos Monges e Monjas Camaldulenses

Amados irmãos e irmãs!

É para mim motivo de grande alegria estar aqui hoje nesta Basílica de São Gregório «al Celio» para a solene celebração vespertina na memória do Trânsito de São Gregório Magno. Convosco, queridos Irmãos e Irmãs da família camaldulense, dou graças a Deus pelos mil anos desde a fundação da Sagrada Ermida de Camaldoli por parte de são Romualdo. Alegro-me profundamente pela presença, nesta particular circunstância, de Sua Graça o Dr. Rowan Williams, Arcebispo de Canterbury. Dirijo a minha saudação cordial a si, querido Irmão em Cristo, a cada um de vós, queridos Monges e Monjas, e a todos os presentes.

Ouvimos dois trechos de são Paulo. O primeiro, tirado da *Segunda Carta aos Coríntios*, está particularmente em sintonia com o tempo litúrgico que estamos a viver: a Quaresma. De facto, ele contém a exortação do Apóstolo a aproveitar do momento favorável para acolher a graça de Deus. O momento favorável é naturalmente aquele no qual Jesus Cristo veio revelar-nos e doar-nos o amor de Deus por nós, com a sua Encarnação, Paixão, Morte e Ressurreição. O «dia da salvação» é aquela realidade que são Paulo chama noutra texto a «plenitude dos tempos», o momento no qual Deus encarnado entra de modo muito singular no tempo e enche-o com a sua graça. Portanto compete a nós acolher este dom, que é o próprio Jesus: a sua Pessoa, a sua Palavra, o seu Santo Espírito. Além disso, sempre na primeira Leitura que ouvimos, são Paulo fala-nos também de si mesmo e do seu apostolado: de como ele se esforça por ser fiel a Deus no seu ministério, para que ele seja verdadeiramente eficaz e não seja um obstáculo à fé. Estas palavras fazem-nos pensar em são Gregório Magno, no testemunho luminoso que deu ao povo de Roma e a toda a Igreja com um serviço

irrepreensível e cheio de zelo pelo Evangelho. Pode-se deveras aplicar a São Gregório quanto escreveu Paulo acerca de si: nele a graça de Deus não foi vã (cf. *1 Cor* 15, 10). Na realidade, é este o segredo para a vida de cada um de nós: acolher a graça de Deus e consentir com todo o coração e com todas as forças a sua acção. É este o segredo também da verdadeira alegria, e da paz profunda.

A segunda Leitura, ao contrário, era tirada da *Carta aos Colossenses*. São as palavras – sempre tão comovedoras para o seu alento espiritual e pastoral – que o Apóstolo dirige aos membros daquela comunidade para os formar segundo o Evangelho, para que, independentemente do que fazemos, «em palavras e obras, tudo seja no nome do Senhor Jesus» (*Cl* 3, 17). «Sede perfeitos» dissera o Mestre aos seus discípulos: e agora o Apóstolo exortava a viver segundo esta medida alta da vida cristã que é a santidade. Pode fazê-lo porque os irmãos aos quais se dirige são «escolhidos por Deus, santos e amados». Também aqui na base de tudo está a graça de Deus, há o dom da chamada, o mistério do encontro com Jesus vivo. Mas esta graça exige a resposta dos batizados: requer o compromisso de se revestir dos sentimentos de Cristo: ternura, bondade, humildade, mansidão, magnanimidade, perdão recíproco, e sobretudo, como síntese e coroamento, o agape, o amor que Deus nos deu mediante Jesus e que o Espírito Santo derramou nos nossos corações. E para se revestir de Cristo é necessário que a sua Palavra habite entre nós e em nós com toda a sua riqueza, e em abundância. Num clima de constante acção de graças, a comunidade cristã alimenta-se da Palavra e eleva até Deus, como cântico de louvor, a Palavra que Ele mesmo nos doou. E cada acção, cada gesto, cada serviço, é realizado no âmbito desta relação profunda com Deus, no movimento interior do amor trinitário que desce até nós e volta para Deus, movimento que na celebração do Sacramento eucarístico encontra a sua forma mais alta.

Esta palavra ilumina também as felizes circunstâncias que nos vêm aqui reunidos hoje, em nome de São Gregório Magno. Graças à fidelidade e à benevolência do Senhor, a Congregação dos Monges Camaldulenses da Ordem de São Bento pôde percorrer mil anos de história, alimentando-se quotidianamente da Palavra de Deus e da Eucaristia, tal como tinha ensinado o fundador São Romualdo, segundo o «*triplex bonum*» da solidão,

da vida em comum e da evangelização. Figuras exemplares de homens e mulheres de Deus, como são Pier Damiani, Graziano – o autor do *Decretum* – são Bruno de Querfurt e os Cinco irmãos mártires, Rodolfo I e Rodolfo II, a beata Gherardesca, a Beata Giovanna da Bagno e o Beato Paolo Giustiniani: homens de ciência e de arte como Frei Mauro o Cosmógrafo, Lorenzo Monaco, Ambrogio Traversari, Pietro Delfino e Guido Grandi: historiadores ilustres como os Analistas Camaldulenses Giovanni Benedetto Mittarelli e Anselmo Costadoni; zelosos Pastores da Igreja, entre os quais sobressai o Papa Gregório XVI, mostraram os horizontes e a grande fecundidade da tradição camaldulense.

Cada fase da longa história dos Camaldulenses conheceu testemunhas fiéis do Evangelho, não só no silêncio do escondimento e da solidão e na vida comum partilhada com os irmãos, mas também no serviço humilde e generoso a todos. Particularmente fecundo foi o acolhimento oferecido pelas camaldulenses forasteiras. Na época do humanismo florentino os muros de Camaldoli acolheram as famosas disputationes, nas quais participavam grandes humanistas como Marsilio Ficino e Cristoforo Landino; nos anos dramáticos da segunda guerra mundial, os mesmos claustros propiciaram o nascimento do famoso «Código de Camaldoli», uma das fontes mais significativas da Constituição da República Italiana. Não foram menos fecundos os anos do Concílio Vaticano II, durante os quais amadureceram entre os Camaldulenses personalidades de grande valor, que enriqueceram a Congregação e a Igreja e promoveram novos impulsos e estabelecimentos nos Estados Unidos da América, na Tanzânia, na Índia e no Brasil. Em tudo isto, era garantia de fecundidade o apoio de monges e monjas que acompanhavam as novas fundações com a oração constante, vivida profundamente na sua «clausura», algumas vezes até ao heroísmo.

A 17 de Setembro de 1993, o Beato Papa João Paulo II, *encontrando os monges na sagrada Ermida de Camaldoli*, comentava o tema do seu iminente Capítulo Geral, «*Escolher a esperança, escolher o futuro*», com estas palavras: «Escolher a esperança e o futuro significa, em síntese, escolher Deus... Significa escolher Cristo, esperança de cada homem». E acrescentava: «Isto verifica-se, em particular, naquela forma de vida que o próprio Deus suscitou na Igreja inspirando São Romualdo a fundar a

Família beneditina de Camaldoli, com a característica complementaridade de Ermida e Mosteiro, vida solitária e vida cenobítica coordenadas entre si». O meu Beato Predecessor ressaltou ainda que «escolher Deus significa também cultivar humilde e pacientemente – aceitando, precisamente, os tempos de Deus – o diálogo ecuménico e o diálogo inter-religioso», sempre a partir da fidelidade ao carisma originário recebido de são Romualdo e transmitido através de uma tradição milenar e multiforme.

Encorajados pela visita e pelas palavras do Sucessor de Pedro, vós monges e monjas camaldulenses prosseguistes o vosso caminho procurando sempre de novo o justo equilíbrio entre o espírito eremítico e o cenobítico, entre a exigência de vos dedicardes totalmente a Deus na solidão e a de vos apoiardes na oração comum e acolher os irmãos para que possam haurir das nascentes da vida espiritual e julgar as vicissitudes do mundo com consciência deveras evangélica. Assim vós procurais obter aquela perfecta caritas que são Gregório Magno considerava ponto de chegada de cada manifestação da fé, compromisso que é confirmado pelo mote do vosso brasão: «*Ego Vobis, Vos Mihi*», síntese da fórmula de aliança entre Deus e o seu povo, e fonte da perene vitalidade do vosso carisma.

O mosteiro de São Gregório al Celio é o contexto romano no qual celebramos o milénio de Camaldoli com a presença de Sua Graça o Arcebispo de Canterbury que, juntamente connosco, reconhece este Mosteiro como lugar nativo do vínculo entre o Cristianismo nas Terras britânicas e a Igreja de Roma. A celebração de hoje é portanto conotada por um profundo carácter ecuménico que, como sabemos, que se tornaram pertence ao espírito camaldulense contemporâneo. Este Mosteiro camaldulense romano estabeleceu com Canterbury e com a Comunhão Anglicana, sobretudo depois do Concílio Vaticano II, vínculos que se tornaram tradicionais. Hoje pela terceira vez o Bispo de Roma encontra o Arcebispo de Canterbury na casa de são Gregório Magno. E é justo que assim seja, porque precisamente deste Mosteiro o Papa Gregório escolheu Agostinho e os seus quarenta monges para os enviar entre os Anglos para difundir o Evangelho, há pouco mais de mil e quatrocentos anos. A presença constante de monges neste lugar, e durante um período tão longo, é já em si mesma testemunho da fidelidade de Deus à sua Igreja, que somos felizes de poder proclamar ao mundo inteiro. Fazemos votos por que o sinal

que juntos poremos diante do santo altar onde o próprio Gregório celebrava o Sacrifício eucarístico, permaneça não só como recordação do nosso encontro fraterno, mas também como estímulo para todos os fiéis, Católicos e Anglicanos, para que, visitando em Roma os sepulcros gloriosos dos santos Apóstolos e Mártires, renovem também o compromisso de rezar constantemente e de trabalhar pela unidade, para viver plenamente segundo aquele «*ut unum sint*» que Jesus dirigiu ao Pai.

Confiamos este desejo profundo, que temos a alegria de partilhar, à celeste intercessão de São Gregório Magno e de São Romualdo. Amém.

VIAGEM APOSTÓLICA AO MÉXICO E À REPÚBLICA DE CUBA
(23-29 DE MARÇO DE 2012)

SANTA MISSA POR OCASIÃO DO 400º ANIVERSÁRIO DO DESCOBERTA DA IMAGEM DA
VIRGEM DA CARIDADE DO COBRE

*Santiago de Cuba, Praça Antonio Maceo
Solenidade da Anunciação do Senhor*

Segunda-feira, 26 de Março de 2012

Amados irmãos e irmãs!

Dou graças a Deus que me permitiu vir ter convosco, realizando esta viagem tão desejada. Saúdo D. Dionisio García Ibáñez, Arcebispo de Santiago de Cuba, agradecendo-lhe as amáveis palavras com que me acolheu em nome de todos. Saúdo igualmente os outros Bispos vindos de Cuba e doutros lugares, bem como os sacerdotes, religiosos, seminaristas e fiéis leigos presentes nesta celebração. E não posso esquecer todos aqueles a quem a doença, a idade ou outras razões impossibilitaram de estar aqui conosco. Saúdo também as autoridades que gentilmente quiseram acompanhar-nos.

Esta Santa Missa – a primeira que tenho a alegria de presidir na minha visita pastoral a este país – insere-se no contexto do Ano Jubilar Mariano proclamado para honrar a Virgem da Caridade do Cobre, Padroeira de Cuba, nos quatrocentos anos da descoberta e presença da sua veneranda imagem nestas terras abençoadas. Não ignoro o sacrifício e a dedicação com que se preparou este jubileu, especialmente sob o ponto de vista espiritual. Tocou-me profundamente o fervor com que Maria foi saudada e invocada por muitos cubanos, na sua peregrinação por todos os cantos e lugares da Ilha.

Estes acontecimentos importantes da Igreja em Cuba são iluminados com um brilho extraordinário pela festa que a Igreja universal celebra hoje: a Anunciação do Senhor à Virgem Maria. De fato, a Encarnação do Filho de Deus é o mistério central da fé cristã e, nele, Maria ocupa um lugar de

primária grandeza. Mas qual é o significado deste mistério? E qual é a importância que tem para a nossa vida concreta?

Vejamos, antes de tudo, o que significa a Encarnação. No Evangelho de São Lucas, ouvimos as palavras do anjo a Maria: «O Espírito Santo virá sobre ti e a força do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra. Por isso o Santo que vai nascer será chamado Filho de Deus» (*Lc 1, 35*). Em Maria, o Filho de Deus faz-Se homem, cumprindo-se assim a profecia de Isaías: «A virgem conceberá e dará à luz um filho e o seu nome será “Emanuel”, porque Deus está conosco» (*Is 7, 14*). Sim, Jesus, o Verbo feito carne, é o Deus-conosco, que veio habitar entre nós e partilhar a nossa própria condição humana. O apóstolo São João exprime isto mesmo do modo seguinte: «O Verbo fez-Se carne e habitou no meio de nós» (*Jo 1, 14*). A expressão «fez-Se carne» indica a realidade humana mais concreta e palpável. Em Cristo, Deus veio realmente ao mundo, entrou na nossa história, habitou no meio de nós, realizando assim a profunda aspiração do ser humano de que o mundo seja realmente uma casa para o homem. Pelo contrário, quando Deus é posto de lado, o mundo transforma-se num lugar inospitaleiro para o homem, frustrando ao mesmo tempo a verdadeira vocação da criação que é ser o espaço para a aliança, para o «sim» do amor entre Deus e a humanidade que Lhe responde. E assim fez Maria, primícias dos crentes, com o seu «sim» dado sem reservas ao Senhor.

Por isso, quando contemplamos o mistério da Encarnação, não podemos deixar de voltar os nossos olhos para Ela, enchendo-nos de admiração, gratidão e amor ao ver como o nosso Deus, para entrar no mundo, quis contar com o consentimento livre duma criatura sua. Só a partir do momento em que a Virgem respondeu ao anjo: «Eis a escrava do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra» (*Lc 1, 38*), é que o Verbo eterno do Pai começou a sua existência humana no tempo. É comovente ver como Deus não só respeita a liberdade humana, mas parece ter necessidade dela. E vemos também como o início da existência terrena do Filho de Deus está marcado por um duplo «sim» à vontade salvífica do Pai: o de Cristo e o de Maria. É esta obediência a Deus que abre as portas do mundo à verdade, à salvação. De fato, Deus criou-nos como fruto do seu amor infinito; por isso viver segundo a sua vontade é o caminho para encontrar a nossa verdadeira identidade, a verdade do nosso ser, enquanto que o distanciamento de Deus

nos afasta de nós mesmos e precipita-nos no vazio. A obediência na fé é a verdadeira liberdade, a autêntica redenção, que permite unirmo-nos ao amor de Jesus no seu esforço por Se conformar com a vontade do Pai. A redenção é sempre esse processo de levar a vontade humana à plena comunhão com a vontade divina (cf. *Lectio divina com os párocos de Roma*, 18 de fevereiro de 2010).

Queridos irmãos, hoje louvamos a Virgem Santíssima pela sua fé e dizemos-Lhe com Santa Isabel: «Bem-aventurada aquela que acreditou» (Lc 1, 45). Como disse Santo Agostinho, Maria, antes de conceber Cristo fisicamente no seu ventre, concebeu-O pela fé no seu coração; Maria acreditou e realizou-se n'Ela aquilo em que acreditava (cf. *Sermão* 215, 4: *PL* 38, 1074). Peçamos ao Senhor que aumente a nossa fé, que a torne ativa e fecunda no amor. Peçamos-Lhe que sejamos capazes de acolher, como Ela, em nosso coração a Palavra de Deus e pô-la em prática com docilidade e constância.

Pelo seu papel insubstituível no Mistério de Cristo, a Virgem Maria representa a imagem e o modelo da Igreja. Esta, como fez a Mãe de Cristo, é chamada também a acolher em si o Mistério de Deus que vem habitar nela. Amados irmãos, sei com quanto esforço, coragem e dedicação trabalhais dia a dia para que a Igreja, nas circunstâncias concretas do vosso País e neste período da história, manifeste o seu verdadeiro rosto como lugar onde Deus Se aproxima dos homens e Se encontra com eles. A Igreja, corpo vivo de Cristo, tem a missão de prolongar na terra a presença salvadora de Deus, de abrir o mundo para algo maior do que ele mesmo, ou seja, para o amor e a luz de Deus. Vale a pena, amados irmãos, dedicar toda a vida a Cristo, crescer cada dia na sua amizade e sentir-se chamado a anunciar a beleza e a bondade da própria vida a todos os homens, nossos irmãos. Encorajo-vos na vossa tarefa de semear no mundo a palavra de Deus e oferecer a todos o verdadeiro alimento que é o corpo de Cristo. Com a Páscoa já próxima, decidamo-nos, sem medos nem complexos, a seguir Jesus no seu caminho para a cruz. Aceitemos com paciência e fé qualquer contrariedade ou aflição, convictos de que Ele, com a sua ressurreição, venceu o poder do mal, que tudo obscurece, e fez amanhecer um mundo novo, o mundo de Deus, da luz, da verdade e da alegria. O Senhor não

cessará de abençoar com frutos abundantes a generosidade do vosso compromisso.

O mistério da Encarnação, em que Deus Se aproxima de nós, mostra-nos também a dignidade incomparável de cada vida humana. Por isso, no seu projeto de amor, desde a criação, Deus confiou à família fundada no matrimônio a sublime missão de ser célula fundamental da sociedade e verdadeira Igreja doméstica. Com esta certeza vós, queridos esposos, deveis ser, especialmente para os vossos filhos, sinal real e visível do amor de Cristo pela Igreja. Cuba precisa do testemunho da vossa fidelidade, da vossa unidade, da vossa capacidade de acolher a vida humana, especialmente a mais indefesa e necessitada.

Amados irmãos, sob o olhar da Virgem da Caridade do Cobre, desejo fazer um apelo a que deis novo vigor à vossa fé, vivais de Cristo e para Cristo, e luteis com as armas da paz, do perdão e da compreensão para construir uma sociedade aberta e renovada, uma sociedade melhor, mais digna do homem, que manifeste melhor a bondade de Deus. Amém.

VIAGEM APOSTÓLICA AO MÉXICO E À REPÚBLICA DE CUBA
(23-29 DE MARÇO DE 2012)

Havana, Praça da Revolução José Martí

Quarta-feira, 28 de Março de 2012

Amados irmãos e irmãs!

«Bendito sejais, Senhor, Deus dos nossos pais (...). Bendito o vosso nome glorioso e santo» (*Dn 3, 52*). Este hino de bênção do livro de Daniel ressoa hoje na nossa liturgia, convidando-nos repetidamente a bendizer e louvar a Deus. Somos parte da multidão daquele coro que celebra o Senhor sem cessar. Unimo-nos a este concerto de ação de graças, oferecendo a nossa voz jubilosa e confiante, que procura fundar no amor e na verdade o caminho da fé.

«Bendito seja Deus» que nos reúne nesta praça emblemática, para mergulharmos mais profundamente na sua vida. Sinto uma grande alegria por estar hoje no vosso meio e presidir a Santa Missa no coração deste Ano Jubilar dedicado à Virgem da Caridade do Cobre.

Saúdo cordialmente o Cardeal Jaime Ortega y Alamino, Arcebispo de Havana, e agradeço-lhe as amáveis palavras que me dirigiu em nome de todos. Estendo a minha saudação aos Senhores Cardeais, aos meus irmãos Bispos de Cuba e doutros países que quiseram participar nesta solene celebração. Saúdo também os sacerdotes, os seminaristas, os religiosos e todos os fiéis aqui reunidos, bem como as autoridades que nos acompanham.

Na primeira leitura que foi proclamada, os três jovens, perseguidos pelo soberano babilonense, antes preferem morrer queimados pelo fogo que trair a sua consciência e a sua fé. Eles encontraram a força de «louvar, glorificar e bendizer a Deus» na convicção de que o Senhor do universo e da história não os abandonaria à morte e ao nada. De fato, Deus nunca abandona os seus filhos, nunca os esquece. Está acima de nós e é capaz de nos salvar com o seu poder; ao mesmo tempo, está perto do seu povo e, por meio do seu Filho Jesus Cristo, quis habitar entre nós.

«Se permanecerdes na minha palavra, sereis verdadeiramente meus discípulos, conhecereis a verdade e a verdade vos libertará» (*Jo* 8, 31). No texto do Evangelho que foi proclamado, Jesus revela-Se como o Filho de Deus Pai, o Salvador, o único que pode mostrar a verdade e dar a verdadeira liberdade. Mas o seu ensinamento gera resistência e inquietação entre os seus interlocutores, e Ele acusa-os de procurarem a sua morte, aludindo ao supremo sacrifício da Cruz, já próximo. Ainda assim, exorta-os a acreditar, a permanecer na sua Palavra para conhecerem a verdade que redime e dignifica.

Com efeito, a verdade é um anseio do ser humano, e procurá-la supõe sempre um exercício de liberdade autêntica. Muitos, todavia, preferem os atalhos e procuram evitar essa tarefa. Alguns, como Pôncio Pilatos, ironizam sobre a possibilidade de conhecer a verdade (cf. *Jo* 18, 38), proclamando a incapacidade do homem de alcançá-la ou negando que exista uma verdade para todos. Esta atitude, como no caso do ceticismo e do relativismo, produz uma transformação no coração, tornando as pessoas frias, vacilantes, distantes dos demais e fechadas em si mesmas. São pessoas que lavam as mãos, como o governador romano, e deixam correr o rio da história sem se comprometer.

Entretanto há outros que interpretam mal esta busca da verdade, levando-os à irracionalidade e ao fanatismo, pelo que se fecham na «sua verdade» e tentam impô-la aos outros. São como aqueles legalistas obcecados que, ao verem Jesus ferido e ensanguentado, exclamam enfurecidos: «Crucifica-o!» (cf. *Jo* 19, 6). Na realidade, quem age irracionalmente não pode chegar a ser discípulo de Jesus. Fé e razão são necessárias e complementares na busca da verdade. Deus criou o homem com uma vocação inata para a verdade e, por isso, dotou-o de razão. Certamente não é a irracionalidade que promove a fé cristã, mas a ânsia da verdade. Todo o ser humano deve perscrutar a verdade e optar por ela quando a encontra, mesmo correndo o risco de enfrentar sacrifícios.

Além disso, a verdade sobre o homem é um pressuposto imprescindível para alcançar a liberdade, porque nela descobrimos os fundamentos duma ética com que todos se podem confrontar, e que contém formulações claras e precisas sobre a vida e a morte, os deveres e direitos, o matrimônio, a

família e a sociedade, enfim sobre a dignidade inviolável do ser humano. É este patrimônio ético que pode aproximar todas as culturas, povos e religiões, as autoridades e os cidadãos, os cidadãos entre si, os crentes em Cristo com aqueles que não crêem n'Ele.

Ao ressaltar os valores que sustentam a ética, o cristianismo não impõe mas propõe o convite de Cristo para conhecer a verdade que nos torna livres. O fiel é chamado a dirigir este convite aos seus contemporâneos, como fez o Senhor, mesmo perante o sombrio presságio da rejeição e da Cruz. O encontro pessoal com Aquele que é a verdade em pessoa impele-nos a partilhar este tesouro com os outros, especialmente através do testemunho.

Queridos amigos, não hesiteis em seguir Jesus Cristo. N'Ele encontramos a verdade sobre Deus e sobre o homem. Ajuda-nos a superar os nossos egoísmos, a sair das nossas ambições e a vencer o que nos oprime. Aquele que pratica o mal, aquele que comete pecado é escravo do pecado e nunca alcançará a liberdade (cf. *Jo 8, 34*). Somente renunciando ao ódio e ao nosso coração endurecido e cego é que seremos livres, e uma vida nova germinará em nós.

Com a firme convicção de que a verdadeira medida do homem é Cristo e sabendo que n'Ele se encontra a força necessária para enfrentar toda a provação, desejo anunciar-vos abertamente o Senhor Jesus como Caminho, Verdade e Vida. N'Ele todos encontrarão a liberdade plena, a luz para compreender profundamente a realidade e transformá-la com o poder renovador do amor.

A Igreja vive para partilhar com os outros a única coisa que possui: o próprio Cristo, esperança da glória (cf. *Col 1, 27*). Para realizar esta tarefa, é essencial que ela possa contar com a liberdade religiosa, que consiste em poder proclamar e celebrar mesmo publicamente a fé, comunicando a mensagem de amor, reconciliação e paz que Jesus trouxe ao mundo. Há que reconhecer, com alegria, os passos que se têm realizado em Cuba para que a Igreja cumpra a sua irrenunciável missão de anunciar, publica e abertamente, a sua fé. Mas é preciso avançar ulteriormente. E desejo encorajar as instâncias governamentais da Nação a reforçarem aquilo que já

foi alcançado e a prosseguirem por este caminho de genuíno serviço ao bem comum de toda a sociedade cubana.

O direito à liberdade religiosa, tanto na sua dimensão individual como comunitária, manifesta a unidade da pessoa humana, que é simultaneamente cidadão e crente, e legitima também que os crentes prestem a sua contribuição para a construção da sociedade. O seu reforço consolida a convivência, alimenta a esperança de um mundo melhor, cria condições favoráveis para a paz e o desenvolvimento harmonioso, e ao mesmo tempo estabelece bases firmes para garantir os direitos das gerações futuras.

Quando a Igreja põe em relevo este direito, não está a reclamar qualquer privilégio. Pretende apenas ser fiel ao mandato do seu Fundador divino, consciente de que, onde se torna presente Cristo, o homem cresce em humanidade e encontra a sua consistência. Por isso, a Igreja procura dar este testemunho na sua pregação e no seu ensino, tanto na catequese como nos ambientes formativos e universitários. Esperemos que também aqui chegue brevemente o momento em que a Igreja possa levar aos diversos campos do saber os benefícios da missão que o seu Senhor lhe confiou e que ela não pode jamais negligenciar.

Íncrito exemplo deste trabalho foi o insigne sacerdote Félix Varela, educador e professor, filho ilustre desta cidade de Havana, que passou à história de Cuba como o primeiro que ensinou o seu povo a pensar. O padre Varela indica-nos o caminho para uma verdadeira transformação social: formar homens virtuosos para forjar uma nação digna e livre, já que esta transformação dependerá da vida espiritual do homem; de fato, «não há pátria sem virtude» (*Cartas a Elpidio*, carta sexta, Madrid 1836, 220). Cuba e o mundo precisam de mudanças, mas estas só terão lugar se cada um estiver em condições de se interrogar acerca da verdade e se decidir a enveredar pelo caminho do amor, semeando reconciliação e fraternidade.

Invocando a proteção maternal de Maria Santíssima, peçamos que, participando regularmente na Eucaristia, nos tornemos também testemunhas da caridade que responde ao mal com o bem (cf. *Rm* 12, 21), oferecendo-nos como hóstia viva a Quem amorosamente Se entregou por nós. Caminhemos na luz de Cristo, que pode dissipar as trevas do erro. Supliquemos-Lhe que, com o valor e o vigor dos santos, cheguemos a dar

uma resposta livre, generosa e coerente a Deus, sem medos nem rancores.
Amém.

CELEBRAÇÃO DO DOMINGO DE RAMOS
E DA PAIXÃO DO SENHOR

Praça de São Pedro
XXVII Jornada Mundial da Juventude

Domingo, 1 de Abril de 2012

Queridos irmãos e irmãs!

O Domingo de Ramos é o grande portal de entrada na Semana Santa, a semana em que o Senhor Jesus caminha até ao ponto culminante da sua existência terrena. Ele sobe a Jerusalém para dar pleno cumprimento às Escrituras e ser pregado no lenho da cruz, o trono donde reinará para sempre, atraindo a Si a humanidade de todos os tempos e oferecendo a todos o dom da redenção. Sabemos, pelos Evangelhos, que Jesus Se encaminhara para Jerusalém juntamente com os Doze e que, pouco a pouco, se foi unindo a eles uma multidão cada vez maior de peregrinos. São Marcos refere que, já à saída de Jericó, havia uma «grande multidão» que seguia Jesus (cf. 10, 46).

Nesta última parte do percurso, tem lugar um acontecimento singular, que aumenta a expectativa sobre aquilo que está para suceder, fazendo com que a atenção geral se concentre ainda mais em Jesus. À saída de Jericó, na beira do caminho, está sentado pedindo esmola um cego, chamado Bartimeu. Quando ouve dizer que Jesus de Nazaré estava chegando, começa a gritar: «Jesus, Filho de David, tem piedade de mim!» (Mc 10, 47). Procuram silenciá-lo, mas sem sucesso; por fim Jesus manda-o chamar, convidando-o a aproximar-se. «O que queres que Eu te faça?» - pergunta-lhe. E ele: «Mestre, que eu veja!» (v. 51). Jesus responde: «Vai, a tua fé te curou». Bartimeu recuperou a vista e começou a seguir Jesus pela estrada (cf. v. 52). Depois deste sinal prodigioso precedido pela invocação «Filho de David», de improviso levanta-se um frêmito de esperança messiânica no meio da multidão, fazendo com que muitos se perguntassem: Poderia este Jesus, que caminhava à sua frente para Jerusalém, ser o Messias, o novo David? Porventura teria chegado, com esta sua entrada já iminente na

cidade santa, o momento em que Deus iria finalmente restaurar o reino de David?

Também a preparação da entrada, combinada por Jesus com os seus discípulos, ajuda a aumentar esta esperança. Como ouvimos no Evangelho de hoje (cf. *Mc* 11,1-10), Jesus chega a Jerusalém vindo de Betfagé e do Monte das Oliveiras, isto é, seguindo a estrada por onde deveria vir o Messias. De Betfagé, Ele envia à sua frente dois discípulos, com a ordem de Lhe trazerem um jumentinho que encontrarão no caminho. De fato encontram o jumentinho, soltam-no e levam-no a Jesus. Naquele momento, o entusiasmo apodera-se dos discípulos e também dos outros peregrinos: pegam nos seus mantos e colocam-nos uns sobre o jumentinho e outros estendidos no caminho por onde Jesus passa montado no jumento. Depois cortam ramos das árvores e começam a apregoar expressões do Salmo 118, antigas palavras de bênção dos peregrinos que, naquele contexto, se tornam uma proclamação messiânica: «Hosana! Bendito o que vem em nome do Senhor! Bendito seja o reino que vem, o reino de nosso pai David! Hosana no mais alto dos céus!» (vv. 9-10). Esta aclamação festiva, transmitida pelos quatro evangelistas, é um brado de bênção, um hino de exultação: exprime a convicção unânime de que, em Jesus, Deus visitou o seu povo e que o Messias ansiado finalmente chegou. E todos permanecem lá, numa crescente expectativa da ação que Cristo realizará quando entrar na sua cidade.

Mas qual é o conteúdo, o sentido mais profundo deste grito de júbilo? A resposta é-nos dada pela Escritura no seu conjunto, quando nos lembra que no Messias se cumpre a promessa da bênção de Deus, a promessa feita por Deus originariamente a Abraão, o pai de todos os crentes: «Farei de ti um grande povo e te abençoarei (...). Em ti serão abençoadas todas as famílias da terra!» (*Gn* 12, 2-3). Trata-se de uma promessa que Israel mantivera sempre viva na oração, especialmente na oração dos Salmos. Por isso, Aquele que a multidão aclama como o Bendito é, ao mesmo tempo, Aquele em quem será abençoada a humanidade inteira. Assim, na luz de Cristo, a humanidade reconhece-se profundamente unida e, de certo modo, envolvida pelo manto da bênção divina, uma bênção que tudo permeia, tudo sustenta, tudo redime, tudo santifica.

E aqui podemos descobrir uma primeira grande incumbência que nos chega da festa de hoje: o convite a adotar a visão reta sobre a humanidade inteira, sobre os povos que formam o mundo, sobre suas diversas culturas e civilizações. A visão que o crente recebe de Cristo é um olhar de bênção: um olhar sapiencial e amoroso, capaz de captar a beleza do mundo e condoer-se da sua fragilidade. Nesta visão, manifesta-se o próprio olhar de Deus sobre os homens que Ele ama e sobre a criação, obra das suas mãos. Lemos no Livro da Sabedoria: «De todos tens compaixão, porque tudo podes, e fechas os olhos aos pecados dos mortais, para que se arrependam. Sim, amas tudo o que existe e não desprezas nada do que fizeste; (...) a todos, porém, tratas com bondade, porque tudo é teu, Senhor amigo da vida» (Sb 11, 23-24.26).

Voltando à passagem do Evangelho de hoje, perguntemo-nos: Que pensavam, realmente, em seus corações aqueles que aclamam Cristo como Rei de Israel? Certamente tinham a sua idéia própria do Messias, uma idéia do modo como devia agir o Rei prometido pelos profetas e há muito esperado. Não foi por acaso que a multidão em Jerusalém, poucos dias depois, em vez de aclamar Jesus, grita para Pilatos: «Crucifica-O!», enquanto os próprios discípulos e os outros que O tinham visto e ouvido ficam mudos e confusos. Na realidade, a maioria ficara desapontada com o modo escolhido por Jesus para Se apresentar como Messias e Rei de Israel. É precisamente aqui que se situa o ponto fulcral da festa de hoje, mesmo para nós. Para nós, quem é Jesus de Nazaré? Que idéia temos do Messias, que idéia temos de Deus? Esta é uma questão crucial, que não podemos evitar, até porque, precisamente nesta semana, somos chamados a seguir o nosso Rei que escolhe a cruz como trono; somos chamados a seguir um Messias que não nos garante uma felicidade terrena fácil, mas a felicidade do céu, a bem-aventurança de Deus. Por isso devemos perguntar-nos: Quais são as nossas reais expectativas? Quais são os desejos mais profundos que nos animaram a vir aqui, hoje, celebrar o Domingo de Ramos e iniciar a Semana Santa?

Queridos jovens, aqui reunidos! Em todos os lugares da terra onde a Igreja está presente, este Dia é especialmente dedicado a vós. Por isso, vos saúdo com muito carinho! Que o Domingo de Ramos possa ser para vós o dia da decisão: a decisão de acolher o Senhor e segui-Lo até ao fim, a

decisão de fazer da sua Páscoa de morte e ressurreição o sentido da vossa vida de cristãos. Tal é a decisão que leva à verdadeira alegria, como quis recordar na Mensagem aos Jovens para este seu Dia - «Alegrai-vos sempre no Senhor» (*Flp* 4, 4) -, e como se vê na vida de Santa Clara de Assis, que há oitocentos anos – exatamente no Domingo de Ramos –, movida pelo exemplo de São Francisco e dos seus primeiros companheiros, deixou a casa paterna para consagrar-se totalmente ao Senhor: com dezoito anos, teve a coragem da fé e do amor para se decidir por Cristo, encontrando n’Ele a alegria e a paz.

Queridos irmãos e irmãs, dois sentimentos nos animem particularmente nestes dias: o louvor, como fizeram aqueles que acolheram Jesus em Jerusalém com o seu «Hosana»; e a gratidão, porque, nesta Semana Santa, o Senhor Jesus renovará o dom maior que se possa imaginar: dar-nos-á a sua vida, o seu corpo e o seu sangue, o seu amor. Mas um dom assim tão grande exige que o retribuamos adequadamente, ou seja, com o dom de nós mesmos, do nosso tempo, da nossa oração, do nosso viver em profunda comunhão de amor com Cristo que sofre, morre e ressuscita por nós. Os antigos Padres da Igreja viram um símbolo de tudo isso num gesto das pessoas que acompanhavam Jesus na sua entrada em Jerusalém: o gesto de estender os mantos diante do Senhor. O que devemos estender diante de Cristo – diziam os Padres - é a nossa vida, ou seja, a nós mesmos, em sinal de gratidão e adoração. Para concluir, escutemos o que diz um desses antigos Padres, Santo André, Bispo de Creta: «Em vez de mantos ou ramos sem vida, em vez de arbustos que alegram o olhar por pouco tempo, mas depressa perdem o seu vigor, prostremo-nos nós mesmos aos pés de Cristo, revestidos da sua graça, ou melhor, revestidos d’Ele mesmo (...); sejamos como mantos estendidos a seus pés (...), para oferecermos ao vencedor da morte não já ramos de palmeira, mas os troféus da sua vitória. Agitando os ramos espirituais da alma, aclamemo-Lo todos os dias, juntamente com as crianças, dizendo estas santas palavras: “Bendito o que vem em nome do Senhor, o Rei de Israel”» (*PG* 97, 994). Amém!

SANTA MISSA CRISMAL

Basílica Vaticana

Quinta-feira Santa, 5 de Abril de 2012

Amados irmãos e irmãs!

Nesta Santa Missa, o nosso pensamento volta àquela hora em que o Bispo, através da imposição das mãos e da oração consagratória, nos integrou no sacerdócio de Jesus Cristo, para sermos «consagrados na verdade» (Jo 17, 19), como Jesus pediu ao Pai na sua Oração Sacerdotal. Ele mesmo é a Verdade. Consagrou-nos, isto é, entregou-nos para sempre a Deus, a fim de que, a partir de Deus e em vista d'Ele, pudéssemos servir os homens. Mas somos também consagrados na realidade da nossa vida? Somos homens que actuam a partir de Deus e em comunhão com Jesus Cristo? Com esta pergunta, o Senhor está diante de nós, e nós diante d'Ele. «Quereis viver mais intimamente unidos a Cristo e configurar-vos com Ele, renunciando a vós mesmos e permanecendo fiéis aos compromissos que, por amor de Cristo e da sua Igreja, aceitastes alegremente no dia da vossa Ordenação Sacerdotal?» Tal é a pergunta que, depois desta homilia, será dirigida singularmente a cada um de vós e a mim mesmo. Nela, são pedidas sobretudo duas coisas: uma união íntima, mais ainda, uma configuração a Cristo e, condição necessária para isso mesmo, uma superação de nós mesmos, uma renúncia àquilo que é exclusivamente nosso, à tão falada auto-realização. É-nos pedido que não reivindique a minha vida para mim mesmo, mas a coloque à disposição de outrem: de Cristo. Que não pergunte: Que ganho eu com isso? Mas sim: Que posso eu doar a Ele e, por Ele, aos outros? Ou mais concretamente ainda: Como se deve realizar esta configuração a Cristo, que não domina mas serve, não toma mas dá. Como se deve realizar na situação tantas vezes dramática da Igreja de hoje? Recentemente, num país europeu, um grupo de sacerdotes publicou um apelo à desobediência, referindo ao mesmo tempo também exemplos concretos de como exprimir esta desobediência, que deveria ignorar até mesmo decisões definitivas do Magistério, como, por exemplo, na questão relativa à Ordenação das mulheres, a propósito da qual o beato Papa João Paulo II declarou de maneira irrevogável que a Igreja não recebeu, da parte

do Senhor, qualquer autorização para o fazer. Será a desobediência um caminho para renovar a Igreja? Queremos dar crédito aos autores deste apelo quando dizem que é a solicitude pela Igreja que os move, quando afirmam estar convencidos de que se deve enfrentar a lentidão das Instituições com meios drásticos para abrir novos caminhos, para colocar a Igreja à altura dos tempos de hoje. Mas será verdadeiramente um caminho a desobediência? Nela pode-se intuir algo daquela configuração a Cristo que é o pressuposto para toda a verdadeira renovação, ou, pelo contrário, não é apenas um impulso desesperado de fazer qualquer coisa, de transformar a Igreja segundo os nossos desejos e as nossas ideias?

Mas o problema não é assim tão simples. Porventura Cristo não corrigiu as tradições humanas que ameaçavam sufocar a palavra e a vontade de Deus? É verdade que o fez, mas para despertar novamente a obediência à verdadeira vontade de Deus, à sua palavra sempre válida. O que Ele tinha a peito era precisamente a verdadeira obediência, contra o arbítrio do homem. E não esqueçamos que Ele era o Filho, com a singular autoridade e responsabilidade de desvendar a autêntica vontade de Deus, para deste modo abrir a estrada da palavra de Deus rumo ao mundo dos gentios. E, por fim, Ele concretizou o seu mandato através da sua própria obediência e humildade até à Cruz, tornando assim credível a sua missão. Não se faça a minha vontade, mas a tua: esta é a palavra que revela o Filho, a sua humildade e conjuntamente a sua divindade, e nos indica a estrada.

Deixemo-nos interpelar por mais uma questão: Não será que, com tais considerações, o que na realidade se defende é o imobilismo, a rigidez da tradição? Não! Quem observa a história do período pós-conciliar pode reconhecer a dinâmica da verdadeira renovação, que frequentemente assumiu formas inesperadas em movimentos cheios de vida e que tornam quase palpável a vivacidade inexaurível da santa Igreja, a presença e a acção eficaz do Espírito Santo. E se olharmos para as pessoas de quem dimanaram, e dimanam, estes rios pujantes de vida, vemos também que, para uma nova fecundidade, se requer o transbordar da alegria da fé, a radicalidade da obediência, a dinâmica da esperança e a força do amor.

Queridos amigos, daqui se vê claramente que a configuração a Cristo é o pressuposto e a base de toda a renovação. Mas talvez a figura de Cristo

nos apareça por vezes demasiado alta e grande para podermos ousar tomar as suas medidas. O Senhor sabe-o. Por isso providenciou «traduções» em ordens de grandeza mais acessíveis e próximas de nós. Precisamente por este motivo, São Paulo resolutamente diz às suas comunidades: Imitai-me, mas eu pertenço a Cristo. Ele era para os seus fiéis uma «tradução» do estilo de vida de Cristo, que eles podiam ver e à qual podiam aderir. A partir de Paulo e ao longo de toda a história, existiram continuamente tais «traduções» do caminho de Jesus em figuras históricas vivas. Nós, sacerdotes, podemos pensar numa série imensa de sacerdotes santos que vão à nossa frente para nos apontar a estrada, a começar por Policarpo de Esmirna e Inácio de Antioquia, passando por grandes Pastores como Ambrósio, Agostinho e Gregório Magno, depois Inácio de Loiola, Carlos Borromeu, João Maria Vianney, até chegar aos sacerdotes mártires do século XX e, finalmente, ao Papa João Paulo II, que, na acção e no sofrimento, nos serviu de exemplo na configuração a Cristo, como «dom e mistério». Os Santos indicam-nos como funciona a renovação e como podemos servi-la. E fazem-nos compreender também que Deus não olha para os grandes números nem para os êxitos exteriores, mas consegue as suas vitórias sob o sinal humilde do grão de mostarda.

Queridos amigos, queria ainda, brevemente, acenar a duas palavras-chave da renovação das promessas sacerdotais, que deveriam induzir-nos a reflectir nesta hora da Igreja e da nossa vida pessoal. Em primeiro lugar, é-nos recordado o facto de sermos – como se exprime Paulo - «dispensadores dos mistérios de Deus» (1 Cor 4, 1) e que nos incumbe o ministério de ensinar, o (*munus docendi*), que constitui precisamente uma parte desta distribuição dos mistérios de Deus, onde Ele nos mostra o seu rosto e o seu coração, para Se dar a Si mesmo. No encontro dos Cardeais por ocasião do recente Consistório, diversos Pastores, baseando-se na sua experiência, falaram dum analfabetismo religioso que cresce no meio desta nossa sociedade tão inteligente. Os elementos fundamentais da fé, que no passado toda e qualquer criança sabia, são cada vez menos conhecidos. Mas, para se poder viver e amar a nossa fé, para se poder amar a Deus e, conseqüentemente, tornar-se capaz de O ouvir correctamente, devemos saber aquilo que Deus nos disse; a nossa razão e o nosso coração devem ser tocados pela sua palavra. O Ano da Fé, a comemoração da abertura do Concílio Vaticano II há 50 anos, deve ser uma ocasião para anunciarmos a

mensagem da fé com novo zelo e nova alegria. Esta mensagem, na sua forma fundamental e primária, encontramos-na naturalmente na Sagrada Escritura, que não leremos nem meditaremos jamais suficientemente. Nisto, porém, todos sentimos necessidade de um auxílio para a transmitir rectamente no presente, de modo que toque verdadeiramente o nosso coração. Este auxílio encontramos-lo, em primeiro lugar, na palavra da Igreja docente: os textos do Concílio Vaticano II e o Catecismo da Igreja Católica são os instrumentos essenciais que nos indicam, de maneira autêntica, aquilo que a Igreja acredita a partir da Palavra de Deus. E naturalmente faz parte de tal auxílio todo o tesouro dos documentos que o Papa João Paulo II nos deu e que está ainda longe de ser cabalmente explorado.

Todo o nosso anúncio se deve confrontar com esta palavra de Jesus Cristo: «A minha doutrina não é minha» (*Jo 7, 16*). Não anunciamos teorias nem opiniões privadas, mas a fé da Igreja da qual somos servidores. Isto, porém, não deve naturalmente significar que eu não sustente esta doutrina com todo o meu ser e não esteja firmemente ancorado nela. Neste contexto, sempre me vem à mente o seguinte texto de Santo Agostinho: Que há de mais meu do que eu próprio? E no entanto que há de menos meu do que o sou eu mesmo? Não me pertença a mim próprio e torno-me eu mesmo precisamente pelo facto de me ultrapassar a mim próprio e é através da superação de mim próprio que consigo inserir-me em Cristo e no seu Corpo que é a Igreja. Se não nos anunciamos a nós mesmos e se, intimamente, nos tornamos um só com Aquele que nos chamou para sermos seus mensageiros de tal modo que sejamos plasmados pela fé e a vivamos, então a nossa pregação será credível. Não faço publicidade de mim mesmo, mas dou-me a mim mesmo. Como sabemos, o Cura d’Ars não era um erudito, um intelectual. Mas, com o seu anúncio, tocou os corações das pessoas, porque ele mesmo fora tocado no coração.

A última palavra-chave, a que ainda queria aludir, designa-se zelo das almas (*animarum zelus*). É uma expressão fora de moda, que hoje já quase não se usa. Nalguns ambientes, o termo «alma» é até considerado como palavra proibida, porque – diz-se – exprimiria um dualismo entre corpo e alma, cometendo o erro de dividir o homem. Certamente o homem é uma unidade, destinada com corpo e alma à eternidade. Mas isso não pode significar que já não temos uma alma, um princípio constitutivo que garante

a unidade do homem durante a sua vida e para além da sua morte terrena. E, enquanto sacerdotes, preocupamo-nos naturalmente com o homem inteiro, incluindo precisamente as suas necessidades físicas: com os famintos, os doentes, os sem-abrigo; contudo, não nos preocupamos apenas com o corpo, mas também com as necessidades da alma do homem: com as pessoas que sofrem devido à violação do direito ou por um amor desfeito; com as pessoas que, relativamente à verdade, se encontram na escuridão; que sofrem por falta de verdade e de amor. Preocupamo-nos com a salvação dos homens em corpo e alma. E, enquanto sacerdotes de Jesus Cristo, fazemo-lo com zelo. As pessoas não devem jamais ter a sensação de que o nosso horário de trabalho cumprimo-lo conscienciosamente, mas antes e depois pertencemo-nos apenas a nós mesmos. Um sacerdote nunca se pertence a si mesmo. As pessoas devem notar o nosso zelo, através do qual testemunhamos de modo credível o Evangelho de Jesus Cristo. Peçamos ao Senhor que nos encha com a alegria da sua mensagem, a fim de podermos servir, com jubiloso zelo, a sua verdade e o seu amor. Amen.

SANTA MISSA DA CEIA DO SENHOR

Basílica de São João de Latrão

Quinta-feira Santa, 5 de Abril de 2012

Amados irmãos e irmãs!

A Quinta-feira Santa não é apenas o dia da instituição da Santíssima Eucaristia, cujo esplendor se estende sem dúvida sobre tudo o mais, tudo atraindo, por assim dizer, para dentro dela. Faz parte da Quinta-feira Santa também a noite escura do Monte das Oliveiras, nela Se embrenhando Jesus com os seus discípulos; faz parte dela a solidão e o abandono vivido por Jesus, que, rezando, vai ao encontro da escuridão da morte; faz parte dela a traição de Judas e a prisão de Jesus, bem como a negação de Pedro; e ainda a acusação diante do Sinédrio e a entrega aos pagãos, a Pilatos. Nesta hora, procuremos compreender mais profundamente alguma coisa destes acontecimentos, porque neles se realiza o mistério da nossa Redenção.

Jesus embrenha-se na noite. A noite significa falta de comunicação, uma situação em que não nos vemos um ao outro. É um símbolo da não compreensão, do obscurecimento da verdade. É o espaço onde o mal, que em presença da luz tem de se esconder, pode desenvolver-se. O próprio Jesus – que é a luz e a verdade, a comunicação, a pureza e a bondade – entra na noite. Esta, em última análise, é símbolo da morte, da perda definitiva de comunhão e de vida. Jesus entra na noite para a superar, inaugurando o novo dia de Deus na história da humanidade.

Pelo caminho, Jesus cantou com os seus apóstolos os Salmos da libertação e redenção de Israel, que evocavam a primeira Páscoa no Egito, a noite da libertação. Chegado ao destino Ele, como faz habitualmente, vai rezar sozinho e, como Filho, falar com o Pai. Mas, diversamente do que é costume, quer ter perto de Si três discípulos: Pedro, Tiago e João; são os mesmos três que viveram a experiência da sua Transfiguração – viram transparecer, luminosa, a glória de Deus através da sua figura humana – , tendo-O visto no centro da Lei e dos Profetas, entre Moisés e Elias. Ouviram-No falar, com ambos, acerca do seu «êxodo» em Jerusalém. O

êxodo de Jesus em Jerusalém: que palavra misteriosa! No êxodo de Israel do Egito, dera-se o acontecimento da fuga e da libertação do povo de Deus. Que aspecto deveria ter o êxodo de Jesus, para que nele se cumprisse, de modo definitivo, o sentido daquele drama histórico? Agora os discípulos tornavam-se testemunhas do primeiro trecho de tal êxodo – a humilhação extrema –, mas que era o passo essencial da saída para a liberdade e a vida nova, que o êxodo tem em vista. Os discípulos, cuja proximidade Jesus pretendeu naquela hora de ânsia extrema como elemento de apoio humano, depressa se adormentaram. Todavia ainda ouviram alguns fragmentos das palavras ditas em oração por Jesus e observaram o seu comportamento. Estas duas coisas gravam-se profundamente no espírito deles, que depois as transmitiram aos cristãos para sempre. Jesus chama a Deus «Abbá»; isto significa – como eles adiantam – «Pai». Não é, porém, a forma usual para dizer «pai», mas uma palavra própria da linguagem das crianças, ou seja, uma palavra meiga que ninguém ousaria aplicar a Deus. É a linguagem d’Aquele que é verdadeiramente «criança», Filho do Pai, d’Aquele que vive em comunhão com Deus, na unidade mais profunda com Ele.

Se nos perguntássemos qual era o elemento mais característico da figura de Jesus nos Evangelhos, temos de dizer: a sua relação com Deus. Ele está sempre em comunhão com Deus; estar com o Pai é o núcleo da sua personalidade. Através de Cristo, conhecemos verdadeiramente Deus. «A Deus jamais alguém O viu»: diz São João. Aquele que «está no seio do Pai (...) O deu a conhecer» (1, 18). Agora conhecemos Deus, como Ele é verdadeiramente: Ele é Pai; e Pai com uma bondade absoluta, à qual nos podemos confiar. O evangelista Marcos, que conservou as recordações de São Pedro, narra que Jesus, depois da invocação «Abbá», acrescentou: Tudo Te é possível; Tu podes tudo (cf. 14, 36). Aquele que é a Bondade, ao mesmo tempo é poder, é onipotente. O poder é bondade e a bondade é poder. Esta confiança podemos aprendê-la a partir da oração de Jesus no Monte das Oliveiras.

Antes de reflectir sobre o conteúdo da súplica de Jesus, devemos ainda fixar a nossa atenção sobre o que os evangelistas nos referem a propósito do comportamento d’Ele durante a sua oração. Mateus e Marcos dizem-nos que «caiu com a face por terra» (*Mt* 26, 39; cf. *Mc* 14, 35), assumindo por conseguinte a posição de submissão total, como se manteve na liturgia

romana de Sexta-feira Santa. Lucas, por sua vez, diz-nos que Jesus rezava de joelhos. Nos Actos dos Apóstolos, fala da oração de joelhos feita pelos santos: Estêvão durante a sua lapidação, Pedro no contexto da ressurreição de um morto, Paulo a caminho do martírio. Assim Lucas redigiu uma pequena história da oração feita de joelhos na Igreja nascente. Ajoelhando-se, os cristãos entram na oração de Jesus no Monte das Oliveiras. Ameaçados pelo poder do mal, eles ajoelham: permanecem de pé frente ao mundo, mas, enquanto filhos, estão de joelhos diante do Pai. Diante da glória de Deus, nós, cristãos, ajoelhamo-nos reconhecendo a sua divindade; mas, com este gesto, exprimimos também a nossa confiança de que Ele vence.

Jesus luta com o Pai: melhor, luta consigo mesmo; e luta por nós. Sente angústia frente ao poder da morte. Este sentimento é, antes de mais nada, a turvação que prova o homem, e mesmo toda a criatura viva, em presença da morte. Mas, em Jesus, trata-se de algo mais. Ele estende o olhar pelas noites do mal; e vê a maré torpe de toda a mentira e infâmia que vem ao seu encontro naquele cálice que deve beber. É a turvação sentida pelo totalmente Puro e Santo frente à torrente do mal que inunda este mundo e que se lança sobre Ele. Vê-me também a mim, e reza por mim. Assim este momento da angústia mortal de Jesus é um elemento essencial no processo da Redenção; de facto, a Carta aos Hebreus qualificou a luta de Jesus no Monte das Oliveiras como um acontecimento sacerdotal. Nesta oração de Jesus, permeada de angústia mortal, o Senhor cumpre a função do sacerdotes: toma sobre Si o pecado da humanidade, toma a todos nós e leva-nos para junto do Pai.

Por último, devemos debruçar-nos sobre o conteúdo da oração de Jesus no Monte das Oliveiras. Jesus diz: «Pai, tudo Te é possível; afasta de Mim este cálice! Mas não se faça o que Eu quero, e sim o que Tu queres» (Mc 14, 36). A vontade natural do Homem Jesus recua, assustada, perante uma realidade tão monstruosa; pede que isso Lhe seja poupado. Todavia, enquanto Filho, depõe esta vontade humana na vontade do Pai: não Eu, mas Tu. E assim Ele transformou a atitude de Adão, o pecado primordial do homem, curando deste modo o homem. A atitude de Adão fora: Não o que quiseste Tu, ó Deus; eu mesmo quero ser deus. Esta soberba é a verdadeira essência do pecado. Pensamos que só poderemos ser livres e

verdadeiramente nós mesmos, se seguirmos exclusivamente a nossa vontade. Vemos Deus como contrário à nossa liberdade. Devemos libertar-nos d'Ele – isto é todo o nosso pensar –; só então seremos livres. Tal é a rebelião fundamental, que permeia a história, e a mentira de fundo que desnatura a nossa vida. Quando o homem se põe contra Deus, põe-se contra a sua própria verdade e, por conseguinte, não fica livre mas alienado de si mesmo. Só somos livres, se permanecermos na nossa verdade, se estivermos unidos a Deus. Então tornamo-nos verdadeiramente «como Deus»; mas não opondo-nos a Deus, desfazendo-nos d'Ele ou negando-O. Na luta da oração no Monte das Oliveiras, Jesus desfez a falsa contradição entre obediência e liberdade, e abriu o caminho para a liberdade. Peça-mos ao Senhor que nos introduza neste «sim» à vontade de Deus, tornando-nos deste modo verdadeiramente livres. Amen.

VIGÍLIA PASCAL NA NOITE SANTA

Basílica Vaticana

Sábado Santo, 7 de Abril de 2012

Queridos irmãos e irmãs!

A Páscoa é a festa da nova criação. Jesus ressuscitou e nunca mais morre. Arrombou a porta que dá para uma nova vida, que já não conhece doença nem morte. Assumiu o homem no próprio Deus. «A carne e o sangue não podem herdar o Reino de Deus»: dissera São Paulo na *Primeira Carta aos Coríntios* (15, 50). E todavia Tertuliano, escritor eclesiástico do século III, a propósito da ressurreição de Cristo e da nossa ressurreição, não temera escrever: «Tende confiança, carne e sangue! Graças a Cristo, adquiristes um lugar no Céu e no Reino de Deus» (*CCL II*, 994). Abriu-se uma nova dimensão para o homem. A criação tornou-se maior e mais vasta. A Páscoa é o dia duma nova criação, mas por isso mesmo, neste dia, a Igreja começa a liturgia apresentando-nos a criação antiga, para aprendermos a compreender bem a nova. E assim, na Vigília Pascal, a Liturgia da Palavra começa pela narração da criação do mundo. A propósito desta e no contexto da liturgia deste dia, são particularmente importantes duas coisas. Em primeiro lugar, a criação é apresentada como uma totalidade da qual faz parte o fenómeno do tempo. Os sete dias são imagem duma totalidade que se desenvolve no tempo, aparecendo os dias ordenados até ao sétimo, o dia da liberdade de todas as criaturas para Deus e de umas para as outras. Por conseguinte, a criação está orientada para a comunhão entre Deus e a criatura; a criação existe para que haja um espaço de resposta à glória imensa de Deus, um encontro de amor e liberdade. Em segundo lugar, na Vigília Pascal, a Igreja fixa a atenção sobretudo na primeira frase da narração da criação: «Deus disse: “Faça-se a luz”!» (*Gn 1, 3*). Emblematicamente, a narração da criação começa pela criação da luz. O sol e a lua são criados somente no quarto dia. A narração da criação designa-os como fontes de luz, que Deus colocou no firmamento do céu. Deste modo, priva-os propositalmente do carácter divino que as grandes religiões lhes tinham atribuído. Não! Não são deuses de modo algum; são corpos

luminosos, criados pelo único Deus. Entretanto já os precedera a luz, pela qual a glória de Deus se reflete na natureza do ser que é criado.

Que pretende a narração da criação dizer com isto? A luz torna possível a vida; torna possível o encontro; torna possível a comunicação; torna possível o conhecimento, o acesso à realidade, à verdade. E, tornando possível o conhecimento, possibilita a liberdade e o progresso. O mal esconde-se. Por conseguinte, a luz aparece também como expressão do bem, que é luminosidade e cria luminosidade. É de dia que podemos trabalhar. O fato de Deus ter criado a luz significa que Ele criou o mundo como espaço de conhecimento e de verdade, espaço de encontro e de liberdade, espaço do bem e do amor. A matéria-prima do mundo é boa; o próprio ser é bom. E o mal não vem do ser que é criado por Deus, mas existe só em virtude da sua negação. É o «não».

Na Páscoa, ao amanhecer do primeiro dia da semana, Deus disse novamente: «Faça-se a luz!». Antes tinham vindo a noite do Monte das Oliveiras, o eclipse solar da paixão e morte de Jesus, a noite do sepulcro. Mas, agora, é de novo o primeiro dia; a criação recomeça inteiramente nova. «Faça-se a luz!»: disse Deus. «E a luz foi feita». Jesus ressuscita do sepulcro. A vida é mais forte que a morte. O bem é mais forte que o mal. O amor é mais forte que o ódio. A verdade é mais forte que a mentira. A escuridão dos dias anteriores dissipou-se no momento em que Jesus ressuscita do sepulcro e Se torna, Ele mesmo, pura luz de Deus. Isto, porém, não se refere somente a Ele, nem se refere apenas à escuridão daqueles dias. Com a ressurreição de Jesus, a própria luz é novamente criada. Ele atrai-nos a todos, levando-nos atrás de Si para a nova vida da ressurreição e vence toda a forma de escuridão. Ele é o novo dia de Deus, que vale para todos nós.

Mas isto, como pode acontecer? Como é possível chegar tudo isto até nós, de tal modo que não se reduza a meras palavras, mas se torne uma realidade que nos envolve? Por meio do sacramento do Batismo e da profissão da fé, o Senhor construiu uma ponte até nós, pela qual o novo dia nos alcança. No Batismo, o Senhor diz a quem o recebe: *Fiat lux* – faça-se a luz. O novo dia, o dia da vida indestrutível chega também a nós. Cristo toma-te pela mão. Daqui para a frente, serás sustentado por Ele e assim

entrará na luz, na vida verdadeira. Por isso, a Igreja antiga designou o Batismo como «*photismos* – iluminação». Porquê? A escuridão que verdadeiramente ameaça o homem é o fato de que ele é, na verdade, capaz de ver e investigar as coisas palpáveis, materiais, mas não vê para onde vai o mundo e donde o mesmo venha; para onde vai a sua própria vida; o que é o bem e o que é o mal. Esta escuridão acerca de Deus e a escuridão acerca dos valores são a verdadeira ameaça para a nossa existência e para o mundo em geral. Se Deus e os valores, a diferença entre o bem e o mal permanecem na escuridão, então todas as outras iluminações, que nos dão um poder verdadeiramente incrível, deixam de constituir somente progressos, mas passam a ser simultaneamente ameaças que nos põem em perigo a nós e ao mundo. Hoje podemos iluminar as nossas cidades de modo tão deslumbrante que as estrelas do céu deixam de ser visíveis. Porventura não temos aqui uma imagem da problemática que toca o nosso ser iluminado? Nas coisas materiais, sabemos e podemos incrivelmente tanto, mas naquilo que está para além disto, como Deus e o bem, já não conseguimos individuar. Para isto serve a fé, que nos mostra a luz de Deus, a verdadeira iluminação: aquela é uma irrupção da luz de Deus no nosso mundo, uma abertura dos nossos olhos à verdadeira luz. Por fim, queridos amigos, queria ainda acrescentar um pensamento sobre a luz e a iluminação. Na Vigília Pascal, a noite da nova criação, a Igreja apresenta o mistério da luz com um símbolo muito particular e humilde: o círio pascal. Trata-se de uma luz que vive em virtude do sacrifício: a vela ilumina, consumindo-se a si mesma; dá luz, dando-se a si mesma. Este é um modo maravilhoso de representar o mistério pascal de Cristo, que Se dá a Si mesmo e assim dá a grande luz. Uma segunda idéia, que a reflexão sobre luz da vela nos sugere, deriva do fato de a mesma ser fogo. Ora, o fogo é força que plasma o mundo, poder que transforma; e o fogo dá calor. E aqui se torna novamente visível o mistério de Cristo: Ele, a luz, é fogo; é chama que queima o mal, transformando assim o mundo e a nós mesmos. «Quem está perto de Mim, está perto do fogo»: assim reza um dito de Jesus, que nos foi transmitido por Orígenes. E este fogo é ao mesmo tempo calor: não uma luz fria, mas uma luz na qual vêm ao nosso encontro o calor e a bondade de Deus.

O Precónio, o grande hino que o diácono canta ao início da Liturgia Pascal, de modo muito discreto chama a nossa atenção ainda para outro aspecto. Lembra-nos que o material do círio se fica a dever, em primeiro

lugar, ao trabalho das abelhas; e, assim, entra em cena a criação inteira. No círio, a criação torna-se portadora de luz. Mas, segundo o pensamento dos Padres, temos aí também uma alusão implícita à Igreja. Nesta, a cooperação da comunidade viva dos fiéis é parecida com o trabalho das abelhas; constrói a comunidade da luz. Assim podemos ver, no círio, também um apelo dirigido a nós mesmos e à nossa comunhão com a comunidade da Igreja, que existe para que a luz de Cristo possa iluminar o mundo.

Neste momento, peçamos ao Senhor que nos faça sentir a alegria da sua luz, de modo que nós mesmos nos tornemos portadores da sua luz, para que, através da Igreja, o esplendor do rosto de Cristo entre no mundo (cf. *LG 1*).

SANTA MISSA POR OCASIÃO DO 85º ANIVERSÁRIO DO SANTO PADRE

Capela Paulina

Sexta-feira, 16 de Abril de 2012

Senhores cardeais

Estimados irmãos no episcopado

e no sacerdócio

Queridos irmãos e irmãs!

No dia do meu aniversário e do meu baptismo, 16 de Abril, a liturgia da Igreja apresentou-me três indicações que me mostraram para onde leva o caminho e me ajudam a encontrá-lo. Em primeiro lugar, a memória de Santa Bernadete Soubirous, a clarividente de Lourdes; depois, um dos Santos mais particulares da História da Igreja, Benoît Joseph Labre; e ainda, sobretudo, há o facto de que este dia está imerso no mistério pascal, no mistério da Cruz e da Ressurreição e no ano do meu nascimento foi expresso de modo particular, porque era o Sábado santo: o dia do silêncio de Deus, da ausência aparente, da morte de Deus e no entanto o dia no qual se anuncia a Ressurreição.

Bernadete Soubirous, a jovem simples do Sul, dos Pireneus — todos a conhecemos e amamos. Bernadete cresceu na França iluminista do século XIX, numa pobreza difícil de imaginar. A prisão, que tinha sido abandonada porque era insalubre, tornou-se — depois de alguma hesitação — a morada da família, na qual ela transcorreu a infância. Não havia a possibilidade de ter formação escolar, só um pouco de catequese para a preparação para a primeira comunhão. Mas precisamente esta jovem modesta, que no seu coração permaneceu pura e simples, tinha um coração clarividente, era capaz de ver a Mãe de Deus e nela o reflexo da beleza e da bondade de Deus. A ela Maria podia mostrar-se e através dela falar ao século e além do próprio século. Ela sabia ver com o coração puro e incontaminado. E Maria indica-lhe a nascente: ela sabe reconhecer a fonte, água viva, pura e incontaminada; água que é vida, água que doa pureza e saúde. E através dos séculos esta água viva já é sinal que vem de Maria, é o sinal que indica onde se encontram as nascentes da vida, onde nos podemos

purificar, onde encontramos o incontaminado. Neste nosso tempo, no qual vemos o mundo tão aflito, no qual emerge a necessidade da água, da água pura, este sinal é muito maior. De Maria, da Mãe do Senhor, do coração puro provém também a água pura, incontaminada que dá a vida, a água que neste século — e nos séculos que hão-de vir — nos purifique e cure.

Penso que podemos considerar esta água como uma imagem da verdade que vem ao nosso encontro na fé: a verdade não simulada mas incontaminada. De facto, para poder viver, para poder tornar-nos puros, temos necessidade que em nós nasça a nostalgia da vida pura, da verdade autêntica, do que não está contaminado pela corrupção, de ser homens sem manchas. Eis que este dia, esta pequena Santa, sempre foi para mim um sinal que me indicou de onde provém a água viva da qual precisamos: a água que nos purifica e dá a vida, e um sinal do modo como deveríamos ser: com todo o saber e o fazer, que também são necessários, não devemos perder o coração simples, o olhar simples do coração, capaz de ver o essencial. E devemos rezar sempre ao Senhor para que conserve aquela humildade que permite que o coração permaneça clarividente, ver o essencial, a beleza e a bondade de Deus e deste modo encontrar a nascente da qual provém a água que doa a vida e purifica.

Benoît Joseph Labre, o piedoso peregrino mendigo do século XVIII que depois de várias tentativas falhadas, finalmente encontrou a sua vocação de peregrinar como mendigo — que nada possui, sem qualquer ajuda, e sem conservar para si nada do que recebia, a não ser o que lhe era absolutamente necessário — peregrinar pela Europa inteira, aos santuários da Europa, desde a Espanha à Polónia e da Alemanha à Sicília: deveras um Santo europeu! Podemos dizer inclusive: um Santo particular que, pedindo esmola, vai errante de um santuário para outro, que não quer fazer outra coisa senão rezar e dar testemunho do que é importante: Deus nesta nossa vida. Certamente, não é um exemplo a imitar, mas uma indicação, um indicador do essencial. Ele mostra-nos que Deus sozinho é suficiente, que independentemente de tudo o que existe neste mundo, além das nossas necessidades e capacidades, o que conta, o essencial é conhecer Deus. Ele sozinho basta. E este «só Deus» ele no-lo indica dramaticamente. Ao mesmo tempo, esta vida realmente «europeia» que, de um santuário para outro, abraça o inteiro continente europeu demonstra que aquele que se abre

a Deus não se afasta do mundo e dos homens, mas encontra irmãos, porque da parte de Deus desmoronam-se as fronteiras, porque só Deus pode eliminar os confins porque graças a Ele somos todos irmãos, fazemos parte uns dos outros; torna presente que a unicidade de Deus significa fraternidade e ao mesmo tempo reconciliação dos homens, o desmoronamento das fronteiras que nos une e cura.

Portanto, é um santo da paz exactamente porque é um Santo sem exigência alguma, que morre pobre de tudo e no entanto abençoado com todas as coisas.

E, enfim, o mistério pascal. No mesmo dia em que nasci — graças à solicitude dos meus pais — renasci também pela água e pelo Espírito, como acabámos de ouvir do Evangelho. Em primeiro lugar, há o dom da vida que os meus pais me ofereceram em tempos muito difíceis, e que lhes devo agradecer. Mas não é uma certeza dizer que a vida do homem em si seja um dom. Pode deveras ser um bonito dom? Sabemos o que está sobranceiro sobre o homem nos tempos obscuros que vemos diante de nós — ou nos mais luminosos que possam vir? Sabemos prever a quais aflições, ou eventos terríveis poderá estar exposto? É justo oferecer a vida assim, simplesmente? É responsável ou demasiado imprevisível? É um dom problemático, se não for cultivado. A vida biológica por si mesma é um dom, embora cercada por uma grande dúvida. A vida torna-se um dom verdadeiro se juntamente com ela se puder doar também uma promessa que é mais forte do que qualquer desventura que nos possa ameaçar, se ela for imersa numa força que garante que é bom ser um homem, que por este homem tudo o que o futuro trouxer é um bem. Assim, ao nascimento deve ser associado o renascimento, a certeza de que na verdade é bom existir, porque a promessa é mais forte do que as ameaças. Este é o sentido do renascimento pela água e pelo Espírito: ser imersos na promessa que só Deus pode fazer: é bom que tu existas, e podes ter certeza, aconteça o que acontecer. Desta promessa eu vivi, renascido pela água e pelo Espírito. Nicodemos pergunta ao Senhor: «Porventura pode um velho renascer?». Pois bem, o renascimento é-nos doado no baptismo, mas nós devemos continuar a crescer nele, devemos continuar a fazer-nos imergir por Deus na sua promessa, a fim de que verdadeiramente possamos renascer na grande, nova família de Deus que é mais forte do que todas as debilidades e de

todas as forças negativas que nos ameaçam. Por isso, hoje é o dia da grande acção de graças. O dia em que fui baptizado, como disse, era Sábado Santo. Então, era costume antecipar a noite de Páscoa para a manhã, à qual teria seguido a noite de Sábado santo, sem o Aleluia. Parece-me que deste singular paradoxo, esta antecipação singular da luz num dia escuro, seja quase uma imagem da história dos nossos dias. Por um lado ainda há o silêncio de Deus e a sua ausência, mas a antecipação do «sim» de Deus já está na ressurreição de Cristo, e nós vivemos desta antecipação e através do silêncio de Deus ouvimos os seus discursos, e por intermédio da obscuridade da sua ausência entrevemos a sua luz.

A antecipação da ressurreição no meio da história que evolui é a força que nos indica o caminho e nos ajuda a ir em frente.

Demos graças ao bom Deus porque nos doou esta luz e peçamos a fim de que ela possa permanecer para sempre. E eu devo agradecer a Ele e a quantos me fizeram sentir sempre de novo a presença do Senhor, que me acompanharam para que não perdesse a luz.

Encontro-me diante do último trecho do percurso da minha vida e não sei o que me espera. Contudo, sei que a luz de Deus está presente, que Ele ressuscitou, que a sua luz é mais forte do que toda a obscuridade; que a bondade de Deus é maior do que todo o mal deste mundo. E isto ajuda-me a prosseguir com segurança. Isto ajuda-nos a ir em frente e neste momento agradeço de coração a quantos me fazem ouvir continuamente o «sim» de Deus através da sua fé. Por fim — o cardeal Decano — muito obrigado pelas suas palavras de amizade fraterna, por toda a colaboração nestes anos. E um grande obrigado a quantos colaboraram comigo nos meus trinta anos em Roma, que me ajudaram a carregar o peso da minha responsabilidade. Obrigado. Amém.

SANTA MISSA COM ORDENAÇÕES SACERDOTAIS

Basílica Vaticana

IV Domingo de Páscoa, 29 de Abril de 2012

Venerados Irmãos

Prezados Ordinandos

Queridos irmãos e irmãs

A tradição romana de celebrar as Ordenações sacerdotais neste 4º Domingo de Páscoa, Domingo do «Bom Pastor», contém uma grande riqueza de significado, ligada à convergência entre a Palavra de Deus, o Rito litúrgico e o Tempo pascal em que se insere. Em particular, a figura do pastor, tão relevante na Sagrada Escritura e naturalmente muito importante para a definição do sacerdote, adquire a sua plena verdade e clareza no rosto de Cristo, à luz do Mistério da sua morte e ressurreição. Estimados Ordinandos, também vós podereis beneficiar sempre desta riqueza, em cada dia da vossa vida, e assim o vosso sacerdócio será renovado continuamente.

Este ano o trecho evangélico é o central do capítulo 10 de João, e começa precisamente com a afirmação de Jesus: «Eu sou o bom pastor», seguida imediatamente pela primeira característica fundamental: «O bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas» (*Jo* 10, 11). Portanto, neste aspecto nós somos levados imediatamente ao centro, ao ápice da revelação de Deus como pastor do seu povo; este centro e ápice é Jesus, precisamente Jesus que morre na cruz e no terceiro dia ressuscita do sepulcro, ressuscita com toda a sua humanidade, e deste modo envolve cada um de nós, cada homem, na sua passagem da morte para a vida. Este acontecimento — a Páscoa de Cristo — em que se realiza plena e definitivamente a obra pastoral de Deus, é um evento sacrificial: por isso, o Bom Pastor e o Sumo Sacerdote coincidem na pessoa de Jesus, que deu a vida por nós.

Mas observemos brevemente também as primeiras duas Leituras e o Salmo responsorial (*Sl* 118). O trecho dos *Actos dos Apóstolos* (4, 8-12) apresenta-nos o testemunho de são Pedro diante dos chefes do povo e dos anciãos de Jerusalém, depois da cura milagrosa do paralítico. Pedro afirma

com grande franqueza que «Jesus é a pedra que foi rejeitada por vós, construtores, e que se transformou em pedra angular»; e acrescenta: «E não há salvação em nenhum outro, pois não há debaixo do céu qualquer outro nome dado aos homens que nos possa salvar» (vv. 11-12). Depois, o Apóstolo interpreta à luz do mistério pascal de Cristo o *Salmo* 118, no qual o orante dá graças a Deus, que respondeu ao seu grito de ajuda e o salvou. Este Salmo reza: «A pedra que os construtores rejeitaram / veio a tornar-se pedra angular. / Isto foi obra do Senhor: / e é um prodígio aos nossos olhos» (*Sl* 118, 22-23). Jesus viveu precisamente esta experiência: de ser rejeitado pelos chefes do seu povo e reabilitado por Deus, posto como fundamento de um novo templo, de um novo povo que louvará o Senhor com frutos de justiça (cf. *Mt* 21, 42-43). Portanto, a primeira Leitura e o Salmo responsorial, que é o próprio Salmo 118, evocam fortemente o contexto pascal, e com esta imagem da pedra rejeitada e restabelecida atraem o nosso olhar sobre Jesus morto e ressuscitado.

A segunda Leitura, tirada da *Primeira Carta de João* (3, 1-2), fala-nos ao contrário do fruto da Páscoa de Cristo: o facto de nos termos tornado filhos de Deus. Nas palavras de João ainda se sente toda a admiração por esta dádiva: não somos só chamados filhos de Deus, mas «realmente o somos!» (v. 1). Com efeito, a condição filial do homem é o fruto da obra salvífica de Jesus: com a sua encarnação, com a sua morte e ressurreição, e com o dom do Espírito Santo Ele inseriu o homem numa relação nova com Deus, a sua própria relação com o Pai. Por isso, Jesus ressuscitado diz: «Subo para o meu Pai, que é vosso Pai; para o meu Deus, que é vosso Deus» (*Jo* 20, 17). Trata-se de uma relação já plenamente real, mas que ainda não se manifestou de maneira completa: sê-lo-á no final, quando — se Deus quiser — pudermos ver o seu rosto sem véus (cf. v. 2).

Caros Ordinandos, é para lá que o Bom Pastor nos quer conduzir! É para lá que o sacerdote é chamado a levar os fiéis que lhe foram confiados: para a vida verdadeira, a vida «em abundância» (*Jo* 10, 10). Por conseguinte, voltemos ao Evangelho e à parábola do pastor. «O bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas» (*Jo* 10, 11). Jesus insiste sobre esta característica essencial do verdadeiro pastor, que é Ele mesmo: a do «dar a sua vida». Repete-o três vezes e no final conclui, dizendo: «É por isso que meu pai me ama: porque Eu ofereço a minha vida, para depois a retomar.

Ninguém ma tira, mas sou Eu que a ofereço livremente. Tenho o poder de a oferecer e o poder de a retomar. Tal é o encargo que recebi de meu Pai» (Jo 10, 17-18). Claramente, esta é a característica qualificadora do pastor, como Jesus o interpreta pessoalmente, segundo a vontade do Pai que O enviou. A figura bíblica do rei-pastor, que compreende principalmente a tarefa de reger o povo de Deus, de o manter unido e de o orientar, toda esta função régia se realiza plenamente em Jesus Cristo, na dimensão sacrificial, no ofertório da vida. Numa palavra, realiza-se no mistério da Cruz, ou seja, no gesto supremo de humildade e de amor oblato. O abade Teodoro Estudita diz: «Por meio da cruz nós, ovelhinhas de Cristo, fomos congregados num único aprisco, e fomos destinados às moradas eternas» (*Discurso sobre a adoração da Cruz*: PG 99, 699).

Para esta perspectiva orientam as fórmulas do Rito da Ordenação dos Presbíteros, que estamos a celebrar. Por exemplo, entre as perguntas que dizem respeito aos «compromissos dos eleitos», a última, que possui uma índole culminante e de certa maneira sintética, reza assim: «Quereis estar cada vez mais estreitamente unidos a Cristo, Sumo Sacerdote, que como vítima pura se ofereceu ao Pai por nós, consagrando-vos a vós mesmos a Deus, juntamente com Ele, para a salvação de todos os homens?». Com efeito, o presbítero é aquele que é inserido de um modo singular no mistério do Sacrifício de Cristo, mediante uma união pessoal com Ele, para prolongar a sua missão salvífica. Esta união, que se verifica graças ao Sacramento da Ordem, exige que se torne «cada vez mais estreita», pela correspondência generosa do próprio sacerdote. Por isso, amados Ordinandos, daqui a pouco vós respondereis a esta pergunta, dizendo: «Sim, com a ajuda de Deus, eu quero». Sucessivamente, nos Ritos explicativos, no momento da unção crismal, o celebrante diz: «O Senhor Jesus Cristo, que o Pai consagrou no Espírito Santo e no poder, te conserve para a santificação do seu povo e para a oferta do sacrifício». E depois, na entrega do pão e do vinho: «Recebe as ofertas do povo santo, para o sacrifício eucarístico. Toma consciência do que farás, imita o que celebrarás e conforma a tua vida com o mistério da cruz de Cristo Senhor». Ressalta vigorosamente que, para o sacerdote, celebrar todos os dias a Santa Missa não significa desempenhar uma função ritual, mas cumprir uma missão que envolve inteira e profundamente a existência, em comunhão com Cristo ressuscitado que, na sua Igreja, continua a realizar o Sacrifício redentor.

Esta dimensão eucarístico-sacrificial é inseparável da pastoral e constitui o núcleo de verdade e de força salvífica, do qual depende a eficácia de cada actividade. Naturalmente, não falamos da eficácia apenas no plano psicológico ou social, mas da fecundidade vital da presença de Deus a nível profundamente humano. A mesma pregação, as obras e os gestos de vários tipos, que a Igreja cumpre com as suas múltiplas iniciativas, perderiam a sua fecundidade salvífica, se faltasse a celebração do Sacrifício de Cristo. E ela é confiada aos sacerdotes ordenados. Com efeito, o presbítero é chamado a viver em si mesmo aquilo que Jesus experimentou pessoalmente, ou seja, a dedicar-se de maneira completa à pregação e à cura do homem de todos os males do corpo e do espírito, e depois, no final, a resumir tudo no gesto supremo do «dar a vida» pelos homens, gesto que encontra a sua expressão sacramental na Eucaristia, memorial perpétuo da Páscoa de Jesus. É através desta «porta» do Sacrifício pascal que os homens e as mulheres de todos os tempos e lugares podem entrar na vida eterna; é através deste «caminho santo» que eles podem realizar o êxodo que os há-de conduzir à «terra prometida» da verdadeira liberdade, aos «verdes prados» da paz e da alegria sem fim (cf. *Jo* 10, 7.9; *Sl* 77, 14.20-21; *Sl* 23, 2).

Prezados Ordinandos, esta Palavra de Deus ilumine toda a vossa vida. E quando o peso da cruz se tornar mais pesado, sabeis que aquela será a hora mais preciosa, para vós e para as pessoas que vos forem confiadas: renovando com fé e com amor o vosso «Sim, com a ajuda de Deus, eu quero», vós cooperareis com Cristo, Sumo Sacerdote e Bom Pastor, para apascentar as suas ovelhas — talvez só aquela que se perdeu, mas pela qual se faz uma grande festa no Céu! A Virgem Maria, *Salus Populi Romani*, vele sempre sobre cada um de vós e sobre o vosso caminho. Amém!

VISITA PASTORAL A AREZZO, LA VERNA E SANSEPOLCRO
(13 DE MAIO DE 2012)

Parque "Il Prato", Arezzo

Domingo, 13 de Maio de 2012

Estimados irmãos e irmãs

É com grande alegria que posso partir convosco o pão da Palavra de Deus e da Eucaristia. Transmito a minha cordial saudação a todos vós e agradeço-vos a calorosa hospitalidade! Saúdo o vosso Pastor, D. Riccardo Fontana, a quem agradeço as amáveis expressões de boas-vindas, os demais Prelados, os Sacerdotes, os Religiosos, as Religiosas e os Representantes das Associações e dos Movimentos eclesiais. Dirijo uma saudação deferente ao Presidente da Câmara municipal, Advogado Giuseppe Fanfani, enquanto lhe agradeço o discurso de saudação, ao Senador Mario Monti, Presidente do Conselho dos Ministros, e às outras Autoridades civis e militares. Um agradecimento especial a quantos colaboraram generosamente para esta minha Visita Pastoral.

Hoje recebe-me uma Igreja antiga, perita em relações e benemérita pelo seu compromisso ao longo dos séculos, e em ter construído a cidade do homem à imagem da Cidade de Deus. Com efeito, na terra da Toscana a comunidade de Arezzo distinguiu-se muitas vezes na história pelo sentido de liberdade e pela capacidade de diálogo entre diferentes componentes sociais. Enquanto venho pela primeira vez entre vós, os meus votos são para que a Cidade saiba fazer frutificar sempre esta herança preciosa.

Nos séculos passados, a Igreja que está em Arezzo foi enriquecida e animada por múltiplas expressões da fé cristã, entre as quais a mais elevado é a dos santos. Penso de maneira particular em são Donato, vosso padroeiro, cujo testemunho de vida, que fascinou a cristandade da Idade Média, ainda é actual. Ele foi um evangelizador intrépido, para que todos se libertassem dos costumes pagãos e voltassem a encontrar na Palavra de Deus a força para afirmar a dignidade de cada pessoa e o verdadeiro sentido da liberdade. Através da sua pregação, reconduziu à unidade mediante a oração e a Eucaristia, as populações das quais foi Bispo. O cálice quebrado e

recomposto por são Donato, do qual fala são Gregório Magno (cf. *Diálogos* I, 7, 3), é imagem da obra pacificadora levada a cabo pela Igreja no seio da sociedade, para o bem comum. Assim dão testemunho de vós são Pier Damiani e, juntamente com ele, a grande tradição camaldulense que desde há mil anos, na região do Casentino, oferece a sua riqueza espiritual a esta Igreja diocesana e à Igreja universal.

Na vossa Catedral está sepultado o beato Gregório X, Papa, como que a demonstrar, na diversidade dos tempos e das culturas, a continuidade do serviço que a Igreja de Cristo tenciona prestar ao mundo. Sustentado pela luz que derivava das nascentes Ordens Mendicantes, de teólogos e de santos, entre os quais são Tomás de Aquino e são Boaventura de Bagnoregio, ele enfrentou os grandes problemas da sua época: a reforma da Igreja; a recomposição do cisma com o Oriente cristão, que procurou realizar com o Concílio de Lião; a atenção pela Terra Santa; a paz e as relações entre os povos — ele foi o primeiro no Ocidente a manter um intercâmbio de embaixadores com Kublai Khan, da China.

Prezados amigos! A primeira Leitura apresentou-nos um momento importante no qual se manifesta precisamente a universalidade da Mensagem cristã e da Igreja: na casa de Cornélio, são Pedro baptizou os primeiros pagãos. No Antigo Testamento, Deus desejava que a bênção do povo judeu não permanecesse exclusiva, mas fosse estendida a todas as nações. A partir do chamamento de Abraão, Ele tinha dito: «Todas as famílias da Terra serão em ti abençoadas» (*Gn* 12, 3). E assim Pedro, inspirado do Alto, compreende que «Deus não faz acepção de pessoas, mas em qualquer povo, quem O teme e põe em prática a justiça, lhe é agradável» (*Act* 10, 34-35). O gesto realizado por Pedro torna-se imagem da Igreja aberta à humanidade inteira. Seguindo a grande tradição da vossa Igreja e das vossas Comunidades, sede testemunhas autênticas do amor de Deus por todos!

Mas como podemos nós, com a nossa debilidade, transmitir este amor? Na segunda Leitura, são João disse-nos com vigor que a libertação do pecado e das suas consequências não é iniciativa nossa, mas de Deus. Não fomos nós que O amamos, mas foi Ele que nos amou e assumiu sobre Si o nosso pecado, lavando-o com o sangue de Cristo. Deus amou-nos primeiro

e quer que entremos na sua comunhão de amor, para colaborar para a sua obra redentora.

No trecho do Evangelho ressoou o convite do Senhor: «Destinei-vos a irdes e a dardes fruto, e para que o vosso fruto permaneça» (*Jo 15, 16*). Trata-se de uma palavra dirigida de modo específico aos Apóstolos mas, em sentido lato, diz respeito a todos os discípulos de Jesus. A Igreja inteira, todos nós somos enviados pelo mundo para anunciar o Evangelho e a salvação. Mas a iniciativa é sempre de Deus, que chama para os múltiplos ministérios, a fim de que cada um desempenhe a própria função em vista do bem comum. Chamados ao sacerdócio ministerial, à vida consagrada, à vida conjugal, ao compromisso no mundo, a todos é pedido que respondam com generosidade ao Senhor, sustentados pela sua Palavra que nos tranquiliza: «Não fostes vós que me escolhestes, fui Eu que vos escolhi» (*Ibidem*).

Caros amigos! Conheço a obra da vossa Igreja para a promoção da vida cristã. Sede fermento na sociedade, sede cristãos presentes, empreendedores e coerentes. Na sua história multimilenária, a Cidade de Arezzo resume expressões significativas de culturas e valores. Entre os tesouros da vossa tradição conta-se o orgulho de uma identidade cristã, testemunhada por muitos sinais e por devoções radicadas, como aquela a Nossa Senhora do Alívio. Esta terra, onde nasceram grandes personalidades do Renascimento, de Petrarca a Vasari, desempenhou um papel concreto na afirmação daquele conceito do homem que incidiu na história da Europa, fundamentando-se nos valores cristãos. Também recentemente, pertence ao património ideal da cidade aquilo que alguns dos seus melhores filhos, na investigação universitária e nas sedes institucionais, souberam elaborar sobre o próprio conceito de civitas, declinando o ideal cristão da era dos comuns nas categorias da nossa época. No contexto da Igreja na Itália, comprometida nesta década sobre o tema da educação, devemos perguntar-nos, sobretudo na região que é pátria do Renascimento, que visão do homem somos capazes de propor às novas gerações. A Palavra de Deus que ouvimos é um convite forte a viver o amor de Deus por todos, e a cultura destas terras conta entre os seus valores distintivos a solidariedade, a atenção aos mais débeis e o respeito pela dignidade de cada um. A hospitalidade, que também em tempos mais recentes, vós soubestes oferecer a quantos vieram em busca de liberdade e de trabalho, é muito conhecida. Ser solidário com

os pobres significa reconhecer o desígnio de Deus Criador, que fez de todos uma só família.

Sem dúvida, também a vossa Província é fortemente provada pela crise económica. A complexidade dos problemas torna difícil encontrar as soluções mais rápidas e eficazes para sair da actual situação, que atinge especialmente as camadas mais frágeis e preocupa não pouco os jovens. A atenção ao próximo, desde os séculos mais remotos, impeliu a Igreja a tornar-se concretamente solidária com quantos se encontram em necessidade, compartilhando recursos, promovendo estilos de vida mais essenciais e contrastando a cultura do efémero, que iludiu muitas pessoas, determinando uma profunda crise espiritual. Esta Igreja diocesana, enriquecida pelo testemunho luminoso do Pobrezinho de Assis, continue a estar atenta e a ser solidária com quantos se encontram em necessidade, mas saiba educar também para a superação de lógicas puramente materialistas, que muitas vezes marcam o nosso tempo e acabam por ofuscar precisamente o sentido da solidariedade e da caridade.

Dar testemunho do amor de Deus na atenção aos últimos conjuga-se inclusive com a defesa da vida, desde o seu nascimento até ao seu termo natural. Na vossa região, garantir a todos dignidade, saúde e direitos fundamentais é sentido justamente como um bem irrenunciável. A defesa da família, através de leis justas e capazes de tutelar também os mais débeis, constitua sempre um ponto importante para conservar um tecido social sólido e oferecer perspectivas de esperança para o futuro. Assim como na Idade Média os estatutos das vossas cidades foram instrumento para assegurar a muitos os direitos inalienáveis, também hoje continue o compromisso por promover uma Cidade com um rosto cada vez mais humano. Nisto a Igreja oferece a sua contribuição para que o amor a Deus seja sempre acompanhado pelo amor ao próximo.

Amados irmãos e irmãs! Continuai o serviço a Deus e ao homem, segundo o ensinamento de Jesus, o exemplo luminoso dos vossos santos e a tradição do vosso povo. Que nesta tarefa vos acompanhe e vos sustente sempre a salvaguarda materna de Nossa Senhora do Alívio, que vós tanto amais e venerais. Amém!

Basílica Vaticana

Domingo, 27 de Maio de 2012

Queridos irmãos e irmãs

Sinto-me feliz por celebrar convosco esta Santa Missa, animada hoje também pelo Coro da Academia de Santa Cecília e pela Orquestra juvenil — à qual agradeço — na Solenidade de Pentecostes. Este mistério constitui o baptismo da Igreja, é um acontecimento que lhe conferiu, por assim dizer, a forma inicial e o estímulo para a sua missão. E esta «forma» e «estímulo» são sempre válidos, sempre actuais, e renovam-se de modo particular mediante as acções litúrgicas. Esta manhã gostaria de meditar sobre um aspecto essencial do mistério do Pentecostes, que nos nossos dias conserva toda a sua importância. O Pentecostes é a festa da união, da compreensão e da comunhão humana. Todos podemos constatar como no nosso mundo, mesmo se estamos cada vez mais próximos uns dos outros com o progresso dos meios de comunicação, e as distâncias geográficas parecem desaparecer, a compreensão e a comunhão entre as pessoas muitas vezes é superficial e difícil. Permanecem desequilíbrios que com frequência levam a conflitos; o diálogo entre as gerações torna-se difícil e por vezes prevalece a contraposição; assistimos a factos quotidianos nos quais nos parece que os homens estão a tornar-se mais agressivos e mais conflituosos; compreender-se parece demasiado comprometedor e prefere-se permanecer no próprio eu, nos próprios interesses. Nesta situação, podemos deveras encontrar e viver aquela unidade da qual temos necessidade?

A narração do Pentecostes nos Actos dos Apóstolos, que ouvimos na primeira leitura (cf. 2, 1-11), contém um panorama dos últimos grandes afrescos que encontramos no início do Antigo Testamento: a antiga história da construção da Torre de Babel. Mas o que é Babel? É a descrição de um reino no qual os homens concentraram tanto poder que pensaram que já não precisavam de fazer referência a um Deus distante e deste modo eram tão fortes que podiam construir sozinhos um caminho que leva ao céu para abrir as suas portas e pôr-se no lugar de Deus. Mas precisamente nesta

situação verifica-se algo anómalo e singular. Enquanto os homens estavam a trabalhar juntos, construindo a torre, repentinamente deram-se conta de que estavam a construir um contra o outro. Enquanto tentavam ser como Deus, corriam o perigo de nem sequer ser mais homens, porque tinham perdido um elemento fundamental do ser pessoas humanas: a capacidade de se aproximarem, de se compreenderem e de trabalhar juntos.

Esta narração bíblica contém uma sua verdade perene; podemos vê-la ao longo da história, mas também no nosso mundo. Com o progresso da ciência e da técnica alcançamos o poder de dominar forças da natureza, de manipular os elementos, de fabricar seres vivos, chegando quase até ao próprio ser humano. Nesta situação, rezar a Deus parece algo superado, inútil, porque nós próprios podemos construir e realizar tudo o que queremos. Mas não nos apercebemos de que estamos a viver a mesma experiência de Babel. É verdade, multiplicámos as possibilidades de comunicar, de obter informações, de transmitir notícias, mas podemos dizer que aumentou a capacidade de nos compreendermos ou talvez, paradoxalmente, entendemo-nos cada vez menos? Entre os homens não parece porventura que se insinua um sentido de desconfiança, de suspeita, de receio recíproco, até nos tornarmos inclusive perigosos uns para os outros? Voltemos então à pergunta inicial: pode haver de veras unidade, concórdia? E como?

Encontramos a resposta na Sagrada Escritura: só pode haver unidade com o dom do Espírito de Deus, o qual nos dará um coração novo e uma língua nova, uma capacidade nova de comunicar. E foi isto que se verificou no Pentecostes. Naquela manhã, cinquenta dias depois da Páscoa, um vento impetuoso soprou sobre Jerusalém e a chama do Espírito Santo desceu sobre os discípulos reunidos, pousou sobre cada um e acendeu neles o fogo divino, um fogo de amor, capaz de transformar. O receio desapareceu, o coração sentiu uma nova força, as línguas soltaram-se e começaram a falar com franqueza, de modo que todos pudessem compreender o anúncio de Jesus Cristo morto e ressuscitado. No Pentecostes, onde havia divisão e indiferença, surgiram unidade e compreensão.

Mas olhemos para o Evangelho de hoje, no qual Jesus afirma: «Quando vier o Espírito da Verdade, Ele guiar-vos-á para a verdade total» (Jo 16, 13).

Aqui Jesus, falando do Espírito Santo, explica-nos o que é a Igreja e como ela deva viver para ser ela mesma, para ser o lugar da unidade e da comunhão na Verdade: diz-nos que agir como cristãos significa não nos fecharmos no próprio «eu», mas orientarmo-nos para o todo: significa acolher em nós mesmos a Igreja inteira ou, ainda melhor, deixar que ela nos acolha interiormente. Então, quando eu falo, penso, ajo como cristão, não o faço fechando-me no meu eu, mas faço-o sempre no todo e a partir do todo: assim o Espírito Santo, Espírito de unidade e de verdade, pode continuar a ressoar nos nossos corações e nas mentes dos homens e estimulá-los a encontrar-se e a aceitar-se uns aos outros. O Espírito, precisamente pelo facto de que age desta forma, introduz-nos em toda a verdade, que é Jesus, guia-nos no seu aprofundamento e compreensão: não crescemos no conhecimento fechando-nos no nosso eu, mas unicamente tornando-nos capazes de ouvir e partilhar, só no «nós» da Igreja, com uma atitude de profunda humildade interior. E desta forma torna-se mais claro por que motivo Babel é Babel e o Pentecostes é o Pentecostes. Onde os homens pretendem tornar-se Deus, podem unicamente pôr-se uns contra os outros. Ao contrário, onde estão na verdade do Senhor, abrem-se à acção do seu Espírito que os ampara e une.

A contraposição entre Babel e o Pentecostes é repetida também na segunda leitura, onde o Apóstolo diz: «Caminhai segundo o Espírito e não sereis levados a satisfazer o desejo da carne» (Gl 5, 16). São Paulo explica-nos que a nossa vida pessoal está marcada por um conflito interior, por uma divisão, entre os impulsos que provêm da carne e os que derivam do Espírito; e nós não podemos segui-los todos. Com efeito, não podemos ser contemporaneamente egoístas e generosos, seguir a tendência de dominar os outros e sentir a alegria do serviço abnegado. Devemos escolher sempre que impulso seguir e só o podemos fazer de modo autêntico com a ajuda do Espírito de Cristo. São Paulo enumera — como ouvimos — as obras da carne, que são os pecados de egoísmo e de violência, como inimizade, discórdia, ciúmes, desentendimentos; são pensamentos e acções que não fazem viver de modo deveras humano e cristão, no amor. É uma orientação que leva a perder a própria vida. Ao contrário, o Espírito Santo guia-nos rumo às alturas de Deus, porque podemos viver já nesta terra o germe de vida divina que está em nós. Com efeito, São Paulo afirma: «O fruto do Espírito é amor, alegria e paz» (Gl 5, 22). E vemos que o Apóstolo usa o

plural para descrever as obras da carne, que provocam a dispersão do ser humano, enquanto usa o singular para definir a acção do Espírito, fala de «fruto», precisamente como à dispersão de Babel se contrapõe a unidade do Pentecostes.

Queridos amigos, devemos viver segundo o Espírito de unidade e de verdade, e por isto temos que rezar a fim de que o Espírito nos ilumine e guie para vencermos o fascínio de seguir verdades nossas, e acolhermos a verdade de Cristo transmitida na Igreja. A narração do Pentecostes em Lucas diz-nos que Jesus antes de subir ao céu pediu aos Apóstolos que permanecessem juntos para se prepararem para receber o dom do Espírito Santo. E assim reuniram-se em oração com Maria no Cenáculo na expectativa do acontecimento prometido (cf. Act 1, 14). Recolhida com Maria, como no seu nascer, a Igreja reza também hoje: «*Veni Sancte Spiritus!* — Vem, Espírito Santo, enche os corações dos teus filhos e acende neles o fogo do teu amor!». Amém.

VISITA PASTORAL À ARQUIDIOCESE DE MILÃO
E VII ENCONTRO MUNDIAL DAS FAMÍLIAS
(1-3 DE JUNHO DE 2012)

Parque de Bresso

Domingo, 3 de Junho de 2012

*Venerados Irmãos,
Distintas Autoridades,
Amados irmãos e irmãs!*

Grande momento de alegria e de comunhão é este que vivemos ao celebrar o Sacrifício Eucarístico, nesta manhã. Está reunida com o Sucessor de Pedro uma grande assembleia, composta por fiéis vindos de muitas nações. Nela temos uma expressiva imagem da Igreja, una e universal, fundada por Cristo e fruto da missão que Jesus, como ouvimos no Evangelho, confiou aos seus Apóstolos: «Ide, pois, fazer discípulos de todas as nações, baptizai-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo» (Mt 28, 18-19). Saúdo com afecto e gratidão o Cardeal Angelo Scola, Arcebispo de Milão, e o Cardeal Ennio Antonelli, Presidente do Pontifício Conselho para a Família, principais artífices deste VII Encontro Mundial das Famílias, bem como os seus colaboradores, os Bispos Auxiliares de Milão e todos os outros Prelados. Com prazer, saúdo todas as Autoridades presentes. E, hoje, o meu caloroso abraço vai sobretudo para vós, queridas famílias! Obrigado pela vossa participação!

Na segunda Leitura, o apóstolo Paulo recordou-nos que recebemos no Baptismo o Espírito Santo, que de tal modo nos une a Cristo como irmãos e liga ao Pai como filhos, que podemos gritar: «Abba! Pai!» (cf. Rm 8, 15.17). Então foi-nos dado um germen de vida nova, divina, que se há-de fazer crescer até à realização definitiva na glória celeste; tornamo-nos membros da Igreja, a família de Deus, «sacrarium Trinitatis» – na expressão de Santo Ambrósio –, «um povo – como ensina o Concílio Vaticano II – unido pela unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo» (Const. *Lumen gentium*, 4). A solenidade litúrgica da Santíssima Trindade, que hoje celebramos, convida-nos a contemplar este mistério, mas impele-nos também ao compromisso de viver a comunhão com Deus e entre nós

segundo o modelo da comunhão trinitária. Somos chamados a acolher e a transmitir, concordes, as verdades da fé; a viver o amor recíproco e para com todos, compartilhando alegrias e sofrimentos, aprendendo a pedir e a dar o perdão, valorizando os diversos carismas sob a guia dos Pastores. Numa palavra, está-nos confiada a tarefa de construir comunidades eclesiais que sejam cada vez mais família, capazes de reflectir a beleza da Trindade e evangelizar não só com a palavra mas – diria eu – por «irradiação», com a força do amor vivido.

Não é só a Igreja que é chamada a ser imagem do Deus Uno em Três Pessoas, mas também a família fundada no matrimónio entre o homem e a mulher. No princípio, de facto, «Deus criou o ser humano à sua imagem, criou-o à imagem de Deus: Ele os criou homem e mulher. Abençoando-os, Deus disse-lhes: “Crescei e multiplicai-vos”» (Gn 1, 27-28). Deus criou o ser humano, homem e mulher, com igual dignidade, mas também com características próprias e complementares, para que os dois fossem dom um para o outro, se valorizassem reciprocamente e realizassem uma comunidade de amor e de vida. O amor é o que faz da pessoa humana a autêntica imagem da Trindade, imagem de Deus. Queridos esposos, na vivência do matrimónio, não dais qualquer coisa ou alguma actividade, mas a vida inteira. E o vosso amor é fecundo, antes de mais nada, para vós mesmos, porque desejais e realizais o bem um do outro, experimentando a alegria do receber e do dar. Depois é fecundo na procriação generosa e responsável dos filhos, na solicitude carinhosa por eles e na educação cuidadosa e sábia. Finalmente é fecundo para a sociedade, porque a vida familiar é a primeira e insubstituível escola das virtudes sociais, tais como o respeito pelas pessoas, a gratuidade, a confiança, a responsabilidade, a solidariedade, a cooperação. Queridos esposos, cuidai dos vossos filhos e, num mundo dominado pela técnica, transmiti-lhes com serenidade e confiança as razões para viver, a força da fé desvendando-lhes metas altas e servindo-lhes de apoio na fragilidade. Mas também vós, filhos, sabeis manter sempre uma relação de profundo afecto e solícito cuidado com os vossos pais, e as relações entre irmãos e irmãs sejam também oportunidade para crescer no amor.

O projecto de Deus para o casal humano alcança a sua plenitude em Jesus Cristo, que elevou o matrimónio a Sacramento. Com um dom especial

do Espírito Santo, queridos esposos, Cristo faz-vos participar no seu amor esponsal, tornando-vos sinal do seu amor pela Igreja: um amor fiel e total. Se souberdes acolher este dom, renovando diariamente o vosso «sim» com fé e com a força que vem da graça do Sacramento, também a vossa família viverá do amor de Deus, tomando por modelo a Sagrada Família de Nazaré. Queridas famílias, pedi muitas vezes, na oração, o auxílio da Virgem Maria e de São José, para que vos ensinem a acolher o amor de Deus como o acolheram eles. A vossa vocação não é fácil de viver, especialmente hoje, mas a realidade do amor é maravilhosa, é a única força que pode verdadeiramente transformar o universo, o mundo. Aos vossos olhos foi oferecido o testemunho de tantas famílias, que indicam os caminhos para crescer no amor: manter um relacionamento perseverante com Deus e participar na vida eclesial, cultivar o diálogo, respeitar o ponto de vista do outro, estar disponíveis para servir, ser paciente com os defeitos alheios, saber perdoar e pedir perdão, superar com inteligência e humildade os possíveis conflitos, concordar as directrizes educacionais, estar abertos às outras famílias, atentos aos pobres, ser responsáveis na sociedade civil. Todos estes são elementos que constroem a família. Vivei-os com coragem, pois na medida em que, com o apoio da graça divina, viverdes o amor mútuo e para com todos, tornar-vos-eis um Evangelho vivo, uma verdadeira Igreja doméstica (cf. Exort. ap. *Familiaris consortio*, 49). Quero dedicar uma palavra também aos fiéis que, embora compartilhando os ensinamentos da Igreja sobre a família, estão marcados por experiências dolorosas de falência e separação. Sabei que o Papa e a Igreja vos apoiam na vossa fadiga. Encorajo-vos a permanecer unidos às vossas comunidades, enquanto almejo que as dioceses assumam adequadas iniciativas de acolhimento e proximidade.

No livro do Génesis, Deus confia ao casal humano a sua criação, para que a guarde, cultive e guie de acordo com o seu plano (cf. 1, 27-28; 2, 15). Nesta indicação da Sagrada Escritura, podemos ler a missão que tem o homem e a mulher de colaborar com Deus para transformar o mundo, através do trabalho, da ciência e da técnica. O homem e a mulher são também imagem de Deus nesta obra preciosa, que devem realizar com o mesmo amor do Criador. Vemos que, nas teorias económicas modernas, prevalece muitas vezes uma concepção utilitarista do trabalho, da produção e do mercado. Mas, o projecto de Deus e a própria experiência mostram que

não é a lógica unilateral do que me é útil e do maior lucro que pode concorrer para um desenvolvimento harmonioso, o bem da família e para construir uma sociedade justa, porque traz consigo uma competição exasperada, fortes desigualdades, degradação do meio ambiente, corrida ao consumo, mal-estar nas famílias. Antes, a mentalidade utilitarista tende a estender-se também às relações interpessoais e familiares, reduzindo-as a convergências precárias de interesses individuais e minando a solidez do tecido social.

Um último elemento. O homem, enquanto imagem de Deus, é chamado também ao descanso e à festa. A narrativa da criação termina com estas palavras: «Concluída, no sétimo dia, toda a obra que tinha feito, Deus repousou, no sétimo dia, de todo o trabalho por Ele realizado. Deus abençoou o sétimo dia e santificou-o» (Gn 2, 2-3). Para nós, cristãos, o dia de festa é o Domingo, dia do Senhor, Páscoa da semana. É o dia da Igreja, assembleia convocada pelo Senhor ao redor da mesa da Palavra e do Sacrifício Eucarístico, como estamos a fazer hoje, para nos alimentar d'Ele, entrar no seu amor e viver do seu amor. É o dia do homem e dos seus valores: convivência, amizade, solidariedade, cultura, contacto com a natureza, jogo, desporto. É o dia da família, em que se há-de viver, juntos, o sentido da festa, do encontro, da partilha, também com a participação na Santa Missa. Queridas famílias, mesmo nos ritmos acelerados do nosso tempo, não percais o sentido do dia do Senhor! É como o oásis onde parar para saborear a alegria do encontro e saciar a nossa sede de Deus.

Família, trabalho, festa: três dons de Deus, três dimensões da nossa vida que se devem encontrar num equilíbrio harmonioso. Harmonizar os horários do trabalho e as exigências da família, a profissão e a paternidade e maternidade, o trabalho e a festa é importante para construir sociedades com um rosto humano. Nisto, privilegiai sempre a lógica do ser sobre a do ter: a primeira constrói, a segunda acaba por destruir. É preciso educar-se para crer, em primeiro lugar na família, no amor autêntico: o amor que vem de Deus e nos une a Ele e, por isso mesmo, «nos transforma em um Nós, que supera as nossas divisões e nos faz ser um só, até que, no fim, Deus seja “tudo em todos” (1 Cor 15, 28)» (Enc. *Deus caritas est*, 18). Amen.

SANTA MISSA NA SOLENIDADE DE CORPUS CHRISTI

Basílica de São João de Latrão

Quinta-feira, 7 de Junho de 2012

Prezados irmãos e irmãs!

Esta tarde gostaria de meditar convosco sobre dois aspectos, ligados entre si, do Mistério eucarístico: o culto da Eucaristia e a sua sacralidade. É importante retomá-los em consideração para os preservar de visões incompletas do próprio Mistério, como aquelas que se relevaram no passado recente.

Antes de tudo, uma reflexão sobre o valor do culto eucarístico, em particular da adoração do Santíssimo Sacramento. É a experiência que, também esta tarde, nós viveremos após a Missa, antes da procissão, durante a sua realização e no seu encerramento. Uma interpretação unilateral do Concílio Vaticano II tinha penalizado esta dimensão, limitando praticamente a Eucaristia ao momento celebrativo. Com efeito, foi muito importante reconhecer a centralidade da celebração, no qual o Senhor convoca o seu povo, o reúne ao redor da dúplici mesa da Palavra e do Pão de vida, o alimenta e o une a Si no ofertório do Sacrifício. Esta valorização da assembleia litúrgica, em que o Senhor age e realiza o seu mistério de comunhão, permanece obviamente válida, mas ela deve ser recolocada no equilíbrio justo. Com efeito — como acontece com frequência — para ressaltar um aspecto termina-se por sacrificar outro. Neste caso, a justa evidência conferida à celebração da Eucaristia prejudicou a adoração, como gesto de fé e de oração dirigido ao Senhor Jesus, realmente presente no Sacramento do altar. Este desequilíbrio teve repercussões inclusive na vida espiritual dos fiéis. Com efeito, concentrando toda a relação com Jesus Eucaristia unicamente no momento da Santa Missa, corre-se o risco de esvaziar da sua presença o resto do tempo e do espaço existenciais. E assim compreende-se menos o sentido da presença constante de Jesus no meio de nós e connosco, uma presença concreta, próxima, no meio das nossas casas, como «Coração vibrante» da cidade, do povoado, do território com as suas

várias expressões e actividades. O Sacramento da Caridade de Cristo deve permear toda a vida quotidiana.

Na realidade, é errado opor a celebração à adoração, como se uma com a outra estivessem em concorrência. É precisamente o contrário: o culto do Santíssimo Sacramento constitui como que o «ambiente» espiritual em cujo contexto a comunidade pode celebrar bem e na verdade a Eucaristia. A acção litúrgica só pode expressar o seu pleno significado e valor se for precedida, acompanhada e seguida por esta atitude interior de fé e de adoração. O encontro com Jesus na Santa Missa realiza-se verdadeira e plenamente quando a comunidade é capaz de reconhecer que no Sacramento Ele habita a sua casa, nos espera, nos convida à sua mesa e depois, quando a assembleia se dissolve, permanece connosco, com a sua presença discreta e silenciosa, e acompanha-nos com a sua intercessão, continuando a receber os nossos sacrifícios espirituais e a oferecê-los ao Pai.

A este propósito, apraz-me sublinhar a experiência que juntos viveremos também esta noite. No momento da adoração, nós estamos todos no mesmo plano, de joelhos diante do Sacramento do Amor. O sacerdócio comum e o ministerial encontram-se unidos no culto eucarístico. É uma experiência muito bonita e significativa, que vivemos várias vezes na Basílica de São Pedro e também nas inesquecíveis vigílias com os jovens — recordo, por exemplo, as de Köln, London, Zagreb e Madrid. É evidente para todos que estes momentos de vigília eucarística preparam a celebração da Santa Missa e predisõem os corações para o encontro, de tal modo ele seja ainda mais fecundo. Estarmos todos em silêncio prolongado diante do Senhor presente no seu Sacramento é uma das experiências mais autênticas do nosso ser Igreja, que é acompanhado de maneira complementar pela celebração da Eucaristia, ouvindo a Palavra de Deus, cantando, aproximando-nos juntos da mesa do Pão de Vida. Comunhão e contemplação não se podem separar, pois caminham juntas. Para me comunicar verdadeiramente com outra pessoa devo conhecê-la, saber estar em silêncio ao seu lado, ouvi-la e fitá-la com amor. O amor autêntico e a amizade verdadeira vivem sempre desta reciprocidade de olhares, de silêncios intensos, eloquentes e repletos de respeito e de veneração, de tal maneira que o encontro seja vivido profundamente, de modo pessoal e não

superficial. E infelizmente, se falta esta dimensão, também a própria comunhão sacramental pode tornar-se, da nossa parte, um gesto superficial. No entanto, na comunhão autêntica, preparada pelo diálogo da oração e da vida, nós podemos dirigir ao Senhor palavras de confiança, como aquelas que há pouco ressoaram no Salmo responsorial: «Senhor, sou teu servo, filho da tua serva; / quebraste as minhas cadeias. / Hei-de oferecer-te sacrifícios de louvor / invocando, Senhor, o teu nome» (Sl 115, 16-17).

Agora gostaria de passar brevemente ao segundo aspecto: a sacralidade da Eucaristia. Também aqui ressentimos, no passado recente, de um determinado desentendimento a respeito da mensagem autêntica da Sagrada Escritura. A novidade cristã em relação ao culto foi influenciada por uma certa mentalidade secularista dos anos sessenta e setenta do século passado. É verdade, e permanece sempre válido, que o centro do culto já não se encontra nos ritos e nos sacrifícios antigos, mas no próprio Cristo, na sua pessoa, na sua vida e no seu mistério pascal. E todavia, desta novidade fundamental não se deve concluir que o sagrado já não existe, mas que ele encontrou o seu cumprimento em Jesus Cristo, Amor divino encarnado. A *Carta aos Hebreus*, que ouvimos esta tarde na segunda Leitura, fala-nos precisamente da novidade do sacerdócio de Cristo, «Sumo Sacerdote dos bens futuros» (Hb 9, 11), mas não afirma que o sacerdócio terminou. Cristo «é Mediador de uma nova aliança» (Hb 9, 15), estabelecida no seu sangue, que purifica «a nossa consciência das obras mortas» (Hb 9, 14). Ele não aboliu o sagrado, mas completou-o, inaugurando um novo culto, que é sem dúvida plenamente espiritual, mas que no entanto, enquanto estivermos a caminho no tempo, ainda se serve de sinais e de ritos, que só virão a faltar no final, na Jerusalém celeste, onde já não haverá templo algum (cf. Ap 21, 22). Graças a Cristo, a sacralidade é mais verdadeira, mais intensa e, como acontece no caso dos mandamentos, também mais exigente! Não é suficiente a observância ritual, mas exigem-se a purificação do coração e o compromisso da vida.

Apraz-me ressaltar também que o sagrado tem uma função educativa, e inevitavelmente o seu desaparecimento empobrece a cultura, em particular a formação das novas gerações. Se, por exemplo, em nome de uma fé secularizada que já não precisa de sinais sagrados, fosse abolida esta procissão urbana do *Corpus Christi*, o perfil espiritual de Roma ficaria

«nivelado» e por isso a nossa consciência pessoal e comunitária seria debilitada. Ou então, pensemos numa mãe e num pai que, em nome de uma fé dessacralizada, privassem os próprios filhos de toda a ritualidade religiosa: na realidade, acabariam por deixar este campo livre aos numerosos sucedâneos presentes na sociedade consumista, a outros ritos e sinais, que mais facilmente poderiam tornar-se ídolos. Deus, nosso Pai, não agiu assim com a humanidade: mandou o seu Filho ao mundo não para abolir, mas para levar a cumprimento também o sagrado. No ápice desta missão, na última Ceia, Jesus instituiu o Sacramento do seu Corpo e do seu Sangue, o Memorial do seu Sacrifício pascal. Agindo deste modo, Ele pôs-se no lugar dos sacrifícios antigos, mas fê-lo no âmbito de um rito, que ordenou aos Apóstolos que perpetuassem como sinal supremo do verdadeiro Sagrado, que é Ele mesmo. Caros irmãos e irmãs, é com esta fé que nós celebramos hoje e cada dia o Mistério eucarístico e que O adoramos como Centro da nossa vida e âmago do mundo! Amém.

CONCELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA E IMPOSIÇÃO DOS PÁLIOS AOS NOVOS ARCEBISPOS
METROPOLITANOS
NA SOLENIDADE DOS SANTOS PEDRO E PAULO

Basílica Vaticana

Sexta-feira, 29 de Junho de 2012

*Venerados Cardeais,
Amados Irmãos no Episcopado e no Sacerdócio,
Queridos irmãos e irmãs!*

Reunimo-nos à volta do altar para celebrar solenemente os Apóstolos São Pedro e São Paulo, Padroeiros principais da Igreja de Roma. Temos connosco os Arcebispos Metropolitanos nomeados durante os últimos doze meses, que acabaram de receber o pálio: a eles dirijo, de modo especial e afectuoso, a minha saudação. E, enviada por Sua Santidade Bartolomeu I, está presente também uma eminente Delegação do Patriarcado Ecuménico de Constantinopla, que acolho com gratidão fraterna e cordial. Em espírito ecuménico, tenho o prazer de saudar, e agradecer pela sua participação, «The Choir of Westminster Abbey», que anima a Liturgia juntamente com a Capela Sistina. Saúdo também os Senhores Embaixadores e as Autoridades civis: a todos agradeço pela presença e a oração.

À frente da Basílica de São Pedro, como todos bem sabem, estão colocadas duas estátuas imponentes dos Apóstolos Pedro e Paulo, facilmente identificáveis pelas respectivas prerrogativas: as chaves na mão de Pedro e a espada na mão de Paulo. Também na entrada principal da Basílica de São Paulo Extra-muros, estão conjuntamente representadas cenas da vida e do martírio destas duas colunas da Igreja. Desde sempre a tradição cristã tem considerado São Pedro e São Paulo inseparáveis: na verdade, juntos, representam todo o Evangelho de Cristo. Mas, a sua ligação como irmãos na fé adquiriu um significado particular em Roma. De facto, a comunidade cristã desta Cidade viu neles uma espécie de antítese dos mitológicos Rómulo e Remo, o par de irmãos a quem se atribui a fundação de Roma. E poder-se-ia, continuando em tema de fraternidade, pensar ainda noutro paralelismo antitético formado com o primeiro par bíblico de irmãos: mas, enquanto nestes vemos o efeito do pecado pelo qual

Caim mata Abel, Pedro e Paulo, apesar de ser humanamente bastante diferentes e não obstante os conflitos que não faltaram no seu mútuo relacionamento, realizaram um modo novo e autenticamente evangélico de ser irmãos, tornado possível precisamente pela graça do Evangelho de Cristo que neles operava. Só o seguimento de Cristo conduz a uma nova fraternidade: esta é, para cada um de nós, a primeira e fundamental mensagem da Solenidade de hoje, cuja importância se reflecte também na busca da plena comunhão, à qual anelam o Patriarca Ecuménico e o Bispo de Roma, bem como todos os cristãos.

Na passagem do Evangelho de São Mateus que acabamos de ouvir, Pedro faz a sua confissão de fé em Jesus, reconhecendo-O como Messias e Filho de Deus; fá-lo também em nome dos outros apóstolos. Em resposta, o Senhor revela-lhe a missão que pretende confiar-lhe, ou seja, a de ser a «pedra», a «rocha», o fundamento visível sobre o qual está construído todo o edifício espiritual da Igreja (cf. *Mt* 16, 16-19). Mas, de que modo Pedro é a rocha? Como deve realizar esta prerrogativa, que naturalmente não recebeu para si mesmo? A narração do evangelista Mateus começa por nos dizer que o reconhecimento da identidade de Jesus proferido por Simão, em nome dos Doze, não provém «da carne e do sangue», isto é, das suas capacidades humanas, mas de uma revelação especial de Deus Pai. Caso diverso se verifica logo a seguir, quando Jesus prediz a sua paixão, morte e ressurreição; então Simão Pedro reage precisamente com o ímpeto «da carne e do sangue»: «Começou a repreender o Senhor, dizendo: (...) Isso nunca Te há-de acontecer!» (16, 22). Jesus, por sua vez, replicou-lhe: «Vai-te daqui, Satanás! Tu és para Mim uma ocasião de escândalo...» (16, 23). O discípulo que, por dom de Deus, pode tornar-se uma rocha firme, surge aqui como ele é na sua fraqueza humana: uma pedra na estrada, uma pedra onde se pode tropeçar (em grego, *skandalon*). Por aqui, se vê claramente a tensão que existe entre o dom que provém do Senhor e as capacidades humanas; e aparece de alguma forma antecipado, nesta cena de Jesus com Simão Pedro, o drama da história do próprio Papado, caracterizada precisamente pela presença conjunta destes dois elementos: graças à luz e força que provêm do Alto, o Papado constitui o fundamento da Igreja peregrina no tempo, mas, ao longo dos séculos assoma também a fraqueza dos homens, que só a abertura à acção de Deus pode transformar.

E no Evangelho de hoje sobressai, forte e clara, a promessa de Jesus: «as portas do inferno», isto é, as forças do mal, «*non praevalerunt*», não conseguirão levar a melhor. Vem à mente a narração da vocação do profeta Jeremias, a quem o Senhor diz ao confiar-lhe a missão: «Eis que hoje te estabeleço como cidade fortificada, como coluna de ferro e muralha de bronze, diante de todo este país, dos reis de Judá e de seus chefes, dos sacerdotes e do povo da terra. Far-te-ão guerra, mas não hão-de vencer - *non praevalerunt* -, porque Eu estou contigo para te salvar» (*Jr* 1, 18-19). Na realidade, a promessa que Jesus faz a Pedro é ainda maior do que as promessas feitas aos profetas antigos: de facto, estes encontravam-se ameaçados por inimigos somente humanos, enquanto Pedro terá de ser defendido das «portas do inferno», do poder destrutivo do mal. Jeremias recebe uma promessa que diz respeito à sua pessoa e ministério profético, enquanto Pedro recebe garantias relativamente ao futuro da Igreja, da nova comunidade fundada por Jesus Cristo e que se prolonga para além da existência pessoal do próprio Pedro, ou seja, por todos os tempos.

Detenhamo-nos agora no símbolo das chaves, de que nos fala o Evangelho. Ecoa nele o oráculo do profeta Isaías a Eliaquim, de quem se diz: «Porei sobre os seus ombros a chave do palácio de David; o que ele abrir, ninguém fechará; o que ele fechar, ninguém abrirá» (*Is* 22, 22). A chave representa a autoridade sobre a casa de David. Entretanto, no Evangelho, há outra palavra de Jesus, mas dirigida aos escribas e fariseus, censurando-os por terem fechado aos homens o Reino dos Céus (cf. *Mt* 23, 13). Também este dito nos ajuda a compreender a promessa feita a Pedro: como fiel administrador da mensagem de Cristo, compete-lhe abrir a porta do Reino dos Céus e decidir se alguém será aí acolhido ou rejeitado (cf. *Ap* 3, 7). As duas imagens – a das chaves e a de ligar e desligar – possuem significado semelhante e reforçam-se mutuamente. A expressão «ligar e desligar» pertencia à linguagem rabínica, aplicando-se tanto no contexto das decisões doutrinárias como no do poder disciplinar, ou seja, a faculdade de infligir ou levantar a excomunhão. O paralelismo «na terra (...) nos Céus» assegura que as decisões de Pedro, no exercício desta sua função eclesial, têm valor também diante de Deus.

No capítulo 18 do Evangelho de Mateus, consagrado à vida da comunidade eclesial, encontramos outro dito de Jesus dirigido aos

discípulos: «Em verdade vos digo: Tudo o que ligardes na terra será ligado no Céu, e tudo o que desligardes na terra será desligado no Céu» (*Mt* 18, 18). E na narração da aparição de Cristo ressuscitado aos Apóstolos na tarde da Páscoa, São João refere esta palavra do Senhor: «Recebei o Espírito Santo. Àqueles a quem perdoardes os pecados, ficarão perdoados; àqueles a quem os retiverdes, ficarão retidos» (*Jo* 20, 22-23). À luz destes paralelismos, é claro que a autoridade de «desligar e ligar» consiste no poder de perdoar os pecados. E esta graça, que despoja da sua energia as forças do caos e do mal, está no coração do mistério e do ministério da Igreja. A Igreja não é uma comunidade de seres perfeitos, mas de pecadores que se devem reconhecer necessitados do amor de Deus, necessitados de ser purificados através da Cruz de Jesus Cristo. Os ditos de Jesus sobre a autoridade de Pedro e dos Apóstolos deixam transparecer precisamente que o poder de Deus é o amor: o amor que irradia a sua luz a partir do Calvário. Assim podemos compreender também por que motivo, na narração evangélica, à confissão de fé de Pedro se segue imediatamente o primeiro anúncio da paixão: na verdade, foi com a sua própria morte que Jesus venceu as forças do inferno; com o seu sangue, Ele derramou sobre o mundo uma torrente imensa de misericórdia, que irriga, com as suas águas salutare, a humanidade inteira.

Queridos irmãos, como recordei no princípio, a iconografia tradicional apresenta São Paulo com a espada, e sabemos que esta representa o instrumento do seu martírio. Mas, repassando os escritos do Apóstolo dos Gentios, descobrimos que a imagem da espada se refere a toda a sua missão de evangelizador. Por exemplo, quando já sentia aproximar-se a morte, escreve a Timóteo: «Combati o bom combate» (*2 Tm* 4, 7); aqui não se trata seguramente do combate de um comandante, mas daquele de um arauto da Palavra de Deus, fiel a Cristo e à sua Igreja, por quem se consumou totalmente. Por isso mesmo, o Senhor lhe deu a coroa de glória e colocou-o, juntamente com Pedro, como coluna no edifício espiritual da Igreja. Amados Metropolitanos, o pálio, que vos entreguei, recordar-vos-á sempre que estais constituídos no e para o grande mistério de comunhão que é a Igreja, edifício espiritual construído sobre Cristo como pedra angular e, na sua dimensão terrena e histórica, sobre a rocha de Pedro. Animados por esta certeza, sintamo-nos todos juntos colaboradores da verdade, que – como sabemos – é una e «sinfónica», exigindo de cada um de nós e das nossas

comunidades o esforço contínuo de conversão ao único Senhor na graça de um único Espírito. Que nos guie e acompanhe sempre no caminho da fé e da caridade, a Santa Mãe de Deus. Rainha dos Apóstolos, rogai por nós!

Amen.

VISITA PASTORAL A FRASCATI

Praça de São Pedro, Frascati

Domingo, 15 de Julho de 2012

Estimados irmãos e irmãs

É-me grato estar hoje no meio de vós para celebrar esta Eucaristia e para partilhar alegrias e esperanças, dificuldades e compromissos, ideais e aspirações desta Comunidade diocesana. Saúdo o Senhor Cardeal Tarcisio Bertone, meu Secretário de Estado e Titular desta Diocese. Saúdo o vosso Pastor, D. Raffaello Martinelli, e o Presidente da Câmara municipal de Frascati, agradecendo-lhes as amáveis palavras de boas-vindas com que me receberam em nome de todos vós. Estou feliz por saudar o Senhor Ministro, os Presidentes da Região e da Província, o Presidente da Câmara municipal de Roma, os Presidentes dos demais Municípios aqui presentes e todas as distintas Autoridades.

E estou muito feliz por celebrar hoje esta Missa com o vosso Bispo que, como disse, foi para mim durante mais de vinte anos, um colaborador fidelíssimo e muito competente na Congregação para a Doutrina da Fé. Trabalhando sobretudo nos campos do catecismo e da catequese, com grande silêncio e discrição, contribuiu para o Catecismo da Igreja Católica e para o Compêndio do Catecismo. Nesta grande sinfonia da fé também a sua voz está muito presente.

No Evangelho deste domingo, Jesus toma a iniciativa de enviar os doze Apóstolos em missão (cf. *Mc* 6, 7-13). Com efeito, o termo «apóstolos» significa precisamente «enviados, mandados». A sua vocação realiza-se plenamente depois da Ressurreição de Cristo, mediante o dom do Espírito Santo no Pentecostes. No entanto, é muito importante que desde o início Jesus queira comprometer os Doze na sua obra: trata-se de uma espécie de «estágio» em vista da grande responsabilidade que os espera. O facto de que Jesus chame alguns discípulos a colaborar directamente para a sua missão manifesta um aspecto do seu amor: ou seja, Ele não desdenha a ajuda que outros homens podem oferecer à sua obra; conhece os seus

limites, as suas debilidades, mas não os despreza; aliás, confere-lhes a dignidade de ser seus enviados. Jesus envia-os dois a dois e dá-lhes instruções que o Evangelista resume em poucas frases. A primeira diz respeito ao espírito de desapego: os apóstolos não devem viver apegados ao dinheiro e à comodidade. Depois, Jesus avisa os discípulos que nem sempre receberão um acolhimento favorável: às vezes serão rejeitados; aliás, poderão ser até perseguidos. Mas isto não os deve impressionar: eles devem falar em nome de Jesus e pregar o Reino de Deus, sem se preocupar em alcançar o sucesso. Sucesso! O sucesso deixam-no a Deus. A primeira Leitura proclamada apresenta-nos a mesma perspectiva, demonstrando-nos que os enviados de Deus muitas vezes não são bem acolhidos. Este é o caso do profeta Amós, enviado por Deus para profetizar no santuário de Betel, um santuário do reino de Israel (cf. *Am* 7, 12-15). Amós prega com grande energia contra as injustiças, denunciando sobretudo os abusos do rei e dos ilustres, abusos que ofendem o Senhor e tornam vãos os gestos de culto. Por isso Amasias, sacerdote de Betel, ordena que Amós vá embora. Responde que não foi ele quem escolheu essa missão, mas o Senhor quem fez dele um profeta e que o enviou precisamente ali, ao reino de Israel. Portanto, quer seja aceite, quer seja rejeitado, ele continuará a profetizar, pregando aquilo que Deus diz e não o que os homens gostariam de ouvir. E este permanece o mandato da Igreja: não prega aquilo que os poderosos querem ouvir. O seu critério é a verdade e a justiça, mesmo que vá contra os aplausos e contra o poder humano. Analogamente, no Evangelho, Jesus avisa os Doze que poderá acontecer que nalguma localidade eles sejam rejeitados. Em tal caso, deverão ir alhures, depois de ter realizado diante do povo o gesto de sacudir a poeira dos pés, sinal que exprime o desapego em dois sentidos: desapego moral — como dizer: o anúncio foi-vos comunicado, sois vós que o rejeitais — e desapego material — não quisemos e não queremos nada para nós mesmos (cf. *Mc* 6, 11). A outra indicação muito importante do trecho evangélico é que os Doze não podem contentar-se com pregar a conversão: segundo as instruções e o exemplo de Jesus, a pregação deve ser acompanhada da cura dos doentes. Cura corporal e espiritual dos doentes. Fala das curas concretas das doenças, fala também da expulsão dos demónios, ou seja, da purificação da mente humana, da limpeza, limpeza dos olhos da alma que são obscurecidos pelas ideologias e por isso não podem ver Deus, não conseguem ver a verdade e a justiça. Esta dúplici cura corporal e espiritual é sempre o mandato dos discípulos de Cristo. Por

consequente, a missão apostólica deve abranger sempre os dois aspectos de pregação da Palavra de Deus e de manifestação da sua bondade mediante gestos de caridade, de serviço e de dedicação. Prezados irmãos e irmãs, dou graças a Deus que me enviou hoje para vos anunciar de novo esta Palavra de salvação! Uma Palavra que se encontra na base da vida e da acção da Igreja, também desta Igreja que está em Frascati. O vosso Bispo informou-me acerca do compromisso pastoral que lhe está mais a peito, que é em síntese um compromisso formativo, dirigido antes de tudo aos formadores: formar os formadores. É precisamente aquilo que Jesus fez com os seus discípulos: instruiu-os, preparou-os, formou-os inclusive mediante o «estágio» missionário, para que fossem capazes de assumir a responsabilidade apostólica na Igreja. Na comunidade cristã, este é sempre o primeiro serviço que os responsáveis oferecem: a partir dos pais, que na família cumprem a missão educativa em relação aos filhos; pensemos nos párocos, que são responsáveis pela formação na comunidade; em todos os sacerdotes, nos vários campos de trabalho: todos vivem uma dimensão educativa prioritária; e os fiéis leigos, para além do papel já recordado de pais, estão comprometidos no serviço formativo com os jovens ou com os adultos, como responsáveis na Acção Apostólica e noutros Movimentos eclesiais, ou empenhados em ambientes civis e sociais, sempre com uma forte atenção à formação das pessoas.

O Senhor chama todos, distribuindo vários dons para diversas tarefas na Igreja. Chama ao sacerdócio e à vida consagrada, e chama ao matrimónio e ao compromisso como leigos na própria Igreja e na sociedade. É importante que a riqueza dos dons encontre pleno acolhimento, especialmente da parte dos jovens; que se sinta a alegria de responder a Deus com todo o próprio ser, transmitindo-a no caminho do sacerdócio e da vida consagrada, ou no caminho do matrimónio, duas veredas complementares que se iluminam reciprocamente, que se enriquecem de forma mútua e, juntas, enriquecem a comunidade. A virgindade pelo Reino de Deus e o matrimónio são ambas vocações, chamadas de Deus às quais responder com e para a vida inteira. Deus chama: é necessário ouvir, acolher e responder. Como Maria: Eis-me, faça-se em mim segundo a tua palavra (cf. *Lc 1, 38*).

Também aqui, na comunidade diocesana de Frascati, o Senhor semeia generosamente os seus dons, chama a segui-lo e a prolongar a sua missão

no presente. Também aqui há necessidade de uma nova evangelização, e é por isso que vos proponho viver intensamente o Ano da Fé, que terá início em Outubro, a cinquenta anos da abertura do Concílio Vaticano II. Os Documentos do Concílio contêm uma riqueza enorme para a formação das novas gerações cristãs, para a formação da nossa consciência. Portanto lede-o, lede o Catecismo da Igreja Católica, e assim redescobrireis a beleza de ser cristão, de ser Igreja, de viver o grande «nós» que Jesus formou ao seu redor, para evangelizar o mundo: o «nós» da Igreja, jamais fechado, mas sempre aberto e orientado para o anúncio do Evangelho.

Caros irmãos e irmãs de Frascati! Sede unidos entre vós e ao mesmo tempo abertos, missionários. Permanecei firmes na fé, arraigados em Cristo mediante a Palavra e a Eucaristia; sede pessoas que rezam, para permanecer sempre unidos a Cristo, como ramos à videira, e ao mesmo tempo ide, anunciai a sua mensagem a todos, especialmente aos mais pequeninos, aos pobres e a quantos sofrem. Em cada comunidade, amai-vos uns aos outros, não permaneçais divididos mas vivei como irmãos, a fim de que o mundo creia que Jesus está vivo na sua Igreja, e o Reino de Deus está próximo. Os Padroeiros da Diocese de Frascati são dois Apóstolos: Filipe e Tiago, dois dos Doze. À sua intercessão confio o caminho da vossa Comunidade, para que se renove na fé e dê testemunho claro dela mediante as obras da caridade. Amém!

SANTA MISSA NA SOLENIDADE DA ASSUNÇÃO DA BEM-AVENTURADA VIRGEM
MARIA

Paróquia de Santo Tomás de Vilanova, Castel Gandolfo

Quarta-feira 15 de Agosto de 2012

Prezados irmãos e irmãs

No dia 1 de Novembro de 1950, o Venerável Papa Pio XII proclamava como dogma que a Virgem Maria, «concluindo o curso da vida terrena, foi elevada à glória celeste em alma e corpo». Esta verdade de fé era conhecida pela Tradição, afirmada pelos Padres da Igreja, e representava sobretudo um aspecto relevante do culto prestado à Mãe de Cristo. Precisamente o elemento cultural constituiu, por assim dizer, a força motriz que determinou a formulação deste dogma: o dogma manifesta-se como um acto de louvor e de exaltação à Virgem Santa. Isto sobressai também do próprio texto da Constituição apostólica, onde se afirma que o dogma é proclamado «em honra do Filho, para a glorificação da Mãe e o júbilo de toda a Igreja». Assim, exprime-se de forma dogmática aquilo que já tinha sido celebrado no culto e na devoção do Povo de Deus, como a mais elevada e estável glorificação de Maria: o acto de proclamação da Assunção apresenta-se quase como uma liturgia da fé. E no Evangelho que há pouco ouvimos, a própria Maria pronuncia profeticamente algumas palavras que orientam nesta perspectiva. Ela diz: «Doravante, todas as gerações me chamarão bem-aventurada» (Lc 1, 48). Trata-se de uma profecia para toda a história da Igreja. Esta expressão do *Magnificat*, mencionada por são Lucas, indica que o louvor à Virgem Santa, Mãe de Deus, intimamente unida a Cristo seu Filho, diz respeito à Igreja de todos os tempos e de todos os lugares. E a anotação destas palavras por parte do Evangelista pressupõe que a glorificação de Maria já estava presente no período de são Lucas e que ele a considerava um dever e um compromisso da comunidade cristã para todas as gerações. As palavras de Maria dizem que é um dever da Igreja recordar a grandeza de Nossa Senhora para a fé. Por conseguinte, esta solenidade é um convite a louvar a Deus e a contemplar a grandeza de Nossa Senhora, porque é no rosto dos seus que nós conhecemos quem é Deus.

Mas por que motivo Maria é glorificada com a Assunção ao Céu? Como ouvimos, são Lucas vê a raiz da exaltação e do louvor a Maria na expressão de Isabel: «Bem-aventurada aquela que acreditou» (*Lc* 1, 45). E o *Magnificat*, este cântico ao Deus vivo e em acção na história, é um hino de fé e de amor, que brota do coração da Virgem. Ela viveu com fidelidade exemplar e conservou no mais íntimo do seu coração as palavras de Deus ao seu povo, as promessas feitas a Abraão, Isaac e Jacob, fazendo delas o conteúdo da sua oração: no *Magnificat* a Palavra de Deus tornou-se a palavra de Maria, lâmpada do seu caminho, de maneira a torná-la disponível a acolher também no seu seio o Verbo de Deus que se fez carne. A página evangélica de hoje evoca esta presença de Deus na história e no próprio desenrolar dos acontecimentos; aqui há uma referência particular ao *Segundo livro de Samuel* no capítulo 6 (1-15), onde David transporta a Santa Arca da Aliança. O paralelo que o Evangelista faz é claro: Maria à espera do nascimento do Filho Jesus é a Arca Santa que traz em si a presença de Deus, uma presença que é fonte de consolação, de alegria plena. Com efeito, João dança no seio de Isabel, precisamente como David dançava diante da Arca. Maria é a «visita» de Deus que cria júbilo. No seu cântico de louvor, Zacarias di-lo-á explicitamente: «Bendito o Senhor, Deus de Israel, que visitou e redimiu o seu povo» (*Lc* 1, 68). A casa de Zacarias experimentou a visita de Deus com o nascimento inesperado de João Baptista, mas sobretudo com a presença de Maria, que traz no seu seio o Filho de Deus.

Mas agora interroguemo-nos: o que é que a Assunção de Maria confere ao nosso caminho, à nossa vida? A primeira resposta é: na Assunção vemos que em Deus existe espaço para o homem, o próprio Deus é a casa de muitos aposentos da qual Jesus fala (cf. *Jo* 14, 2); Deus é a casa do homem, em Deus há espaço de Deus. Quanto a Maria, unindo-se, unida a Deus, não se afasta de nós, não vai a uma galáxia desconhecida, mas quem procura Deus aproxima-se, porque Deus está próximo de todos nós; e Maria, unida a Deus, participa da presença de Deus, encontra-se extremamente próxima de nós, de cada um de nós. Há uma bonita palavra de são Gregório Magno sobre são Bento, que podemos aplicar de novo a Maria: são Gregório Magno afirma que o coração de são Bento se tornou tão grande, que toda a criação podia entrar nesse coração. Isto é válido ainda mais para Maria: totalmente unida a Deus, Maria tem um coração tão grande que toda a

criação pode entrar nele, e os ex-votos demonstram-no em todas as partes da terra. Maria está próxima, pode ouvir, pode ajudar, encontra-se próxima de todos nós. Em Deus há espaço para o homem e Deus está próximo; quanto a Maria, unida a Deus, está extremamente próxima, tem um coração tão grande quanto o coração de Deus.

Mas existe também outro aspecto: em Deus não existe espaço unicamente para o homem; no homem há espaço para Deus. Também isto vemos em Maria, a Arca Santa que traz em si a presença de Deus. Em nós há espaço para Deus, e esta presença de Deus em nós, tão importante para iluminar o mundo na sua tristeza, nos seus problemas, esta presença realiza-se na fé: na fé abrimos as portas do nosso ser, de tal forma que Deus entre em nós, a fim de que Deus possa ser a força que dá vida e caminho ao nosso ser. Em nós existe espaço, abramo-nos como Maria se abriu, dizendo: «Que se cumpra em mim a tua vontade, eu sou a serva do Senhor». Abrindo-nos a Deus, nada perdemos. Pelo contrário: a nossa vida torna-se rica e grande. E deste modo fé, esperança e amor combinam-se entre si. Hoje existem muitas palavras sobre um mundo melhor a esperar: seria a nossa esperança. Se e quando este mundo melhor virá, nós não o sabemos, eu não sei. Obviamente, um mundo que se afasta de Deus não se torna melhor, mas pior. Somente a presença de Deus pode garantir também um mundo bom. Mas deixemos isto.

Uma realidade, uma esperança é certa: Deus espera por nós, aguarda-nos, não caminhamos no vazio, somos aguardados. Deus espera-nos e, indo para o outro mundo, encontramos a bondade da Mãe, encontramos os nossos, encontramos o Amor eterno. Deus aguarda-nos: esta é a nossa grande alegria e a grandiosa esperança que nasce precisamente desta festa. Maria visita-nos, é a alegria da nossa vida, e a alegria é esperança.

Portanto, o que podemos dizer? Coração grande, presença de Deus no mundo, espaço de Deus em nós e espaço de Deus para nós, esperança, ser esperado: tal é a sinfonia desta festa, a indicação que a meditação desta Solenidade nos concede. Maria é aurora e esplendor da Igreja triunfante; ela constitui a consolação e a esperança para o povo ainda a caminho, comenta o Prefácio hodierno. Confiemo-nos à sua intercessão materna para que, através do Senhor, fortaleçamos a nossa fé na vida eterna; ajude-nos a viver

bem o tempo que Deus nos oferece com esperança. Uma esperança cristã, que não é apenas saudade do Céu, mas desejo vivo e concreto de Deus aqui no mundo, desejo de Deus que nos torna peregrinos incansáveis, alimentando em nós a coragem e a força da fé, que é ao mesmo tempo coragem e fortaleza do amor. Amém!

Domingo, 2 de Setembro de 2012

Queridos irmãos e irmãs

Ainda ressoam profundamente em mim as palavras com as quais, há três anos, o Cardeal Schönborn nos apresentou a exegese deste Evangelho: a misteriosa correlação do íntimo com o exterior e o que torna o homem impuro, o que o contamina e o que é puro. Por isso hoje, não quero fazer eu também a exegese deste mesmo Evangelho, ou fá-la-ei apenas superficialmente. Ao contrário, tentarei dizer uma palavra sobre as duas Leituras.

No Deuterónimo vemos a «alegria da lei»: lei não como vínculo, como algo que nos tira a liberdade, mas como prenda e dom. Quando os outros povos olharem para este grande povo — assim diz a leitura, assim diz Moisés — então dirão: Que povo sábio! Admiraremos a sabedoria deste povo, a equidade da lei e a proximidade do Deus que está ao seu lado e que lhe responde quando é chamado. É esta a alegria humilde de Israel: receber um dom de Deus. Ele é diverso do triunfalismo, do orgulho do que vem de si mesmos: Israel não se sente orgulhoso com a própria lei como Roma se podia sentir com o direito romano como dom à humanidade, e como a França talvez com o «Code Napoléon», como a Prússia do «Preußisches Landrecht», etc. — obras do direito que reconhecemos. Mas Israel sabe: esta lei não foi ele mesmo que a fez, não é fruto da sua genialidade, é dom. Deus mostrou-lhe o que é o direito. Deus deu-lhe a sabedoria. A lei é sabedoria. Sabedoria é a arte de ser homem, a arte de poder viver bem e de poder morrer bem. E só se pode viver e morrer bem. E pode-se viver e morrer bem só quando se recebeu a verdade e quando a verdade nos indica o caminho. Estar gratos pelo dom que nós não inventámos, mas que nos foi dado em dom, e viver na sabedoria; aprender, graças ao dom de Deus, a ser homens de modo recto.

Porém, o Evangelho mostra-nos que existe também um perigo — como se diz inclusive directamente no início do trecho hodierno do Deuterónimo: «Nada acrescentar, nada tirar». Ensina-nos que, com o

passar do tempo, ao dom de Deus acrescentaram-se aplicações, obras e hábitos humanos que, crescendo, escondem aquilo que é próprio da sabedoria doada por Deus, tornando-se um verdadeiro vínculo que é preciso interromper, ou então que se leva à presunção: fomos nós que o inventámos!

Mas passemos a nós, à Igreja. Com efeito, segundo a nossa fé, a Igreja é o Israel que se tornou universal no qual, através do Senhor, todos se tornam filhos de Abraão; o Israel que se tornou universal, no qual persiste o núcleo essencial da lei, desprovido das contingências do tempo e do povo. Este núcleo é simplesmente o próprio Cristo, o amor de Deus por nós e o nosso amor por Ele e pelos homens. Ele é a Tora viva, é o dom de Deus por nós, no qual agora todos recebemos a sabedoria de Deus. No estar unidos a Cristo, no «com-caminhar» e no «com-viver» com Ele, nós mesmos aprendemos como ser homens de modo justo, recebemos a sabedoria que é verdade, sabemos viver e morrer, porque Ele mesmo é a vida e a verdade.

Portanto é oportuno que a Igreja, como Israel, esteja cheia de gratidão e de alegria. «Qual é o povo que pode dizer que Deus lhe está tão próximo? Qual o povo recebeu este dom?». Não fomos nós que o fizemos, foi-nos doado. Alegria e gratidão pelo facto de o podermos conhecer, de termos recebido a sabedoria do viver bem, e é isto que deveria caracterizar o cristão. Com efeito, no Cristianismo das origens era assim: o ser libertado das trevas do caminhar como que às apalpadelas, da ignorância — o que sou? por que sou? como devo ir em frente? — o facto de ter sido libertado, o estar na luz, na amplidão da verdade. Esta era a consciência fundamental. Uma gratidão que se irradiava ao redor e que assim unia os homens na Igreja de Jesus Cristo.

Mas também na Igreja existe o mesmo fenómeno: elementos humanos acrescentam-se e levam à presunção, ao chamado triunfalismo que se vangloria de si mesmo em vez de louvar a Deus, ou ao vínculo, que é necessário eliminar, interromper e esmagar. O que devemos fazer? O que devemos dizer? Penso que estamos precisamente nesta fase, na qual vemos na Igreja apenas aquilo que nós mesmos fizemos, e assim arruína-se a alegria da nossa fé; que já não cremos e não ousamos dizer: Ele indicou-nos quem é a verdade, o que é a verdade, mostrou-nos o que é o homem, doou-

nos a justiça da vida recta. Só preocupamo-nos por nos elogiar a nós mesmos, e temos medo de nos fazermos vincular por regulamentos que nos impedem a liberdade e a novidade da vida.

Se lemos hoje, por exemplo, na Carta de Tiago: «Sois gerados por meio de uma palavra de verdade», quem de nós ousaria alegrar-se com a verdade que nos foi concedida? Vem-nos imediatamente a pergunta: mas como se pode ter a verdade? Isto é intolerância! Hoje, a ideia de verdade e de intolerância estão quase completamente fundidas entre si, e assim já não ousamos crer de modo algum na verdade ou falar da verdade. Parece que está distante, parece algo ao qual é melhor não recorrer. Ninguém pode dizer: tenho a verdade — esta é a objecção que se faz — e, justamente, ninguém pode ter a verdade. É a verdade que nos possui, é algo vivo! Nós não somos os seus detentores, mas somos arrebatados por ela. Se nos deixarmos guiar e mover por ela, permaneceremos nela; se estivermos com ela e nela, se formos peregrinos da verdade, então ela estará em nós e por nós. Penso que devemos aprender de novo este «não-ter-a-verdade». Como ninguém pode dizer: tenho filhos — não são uma nossa posse, são um dom, e como dádiva de Deus, são-nos dados para uma tarefa — assim não podemos dizer: tenho a verdade, mas foi a verdade que veio a nós e nos impele. Devemos aprender a fazer-nos mover por ela, a fazer-nos conduzir por ela. E então ela voltará a resplandecer: se ela mesma nos conduzir e nos compenetrar.

Estimados amigos, queremos pedir ao Senhor que nos faça este dom. Hoje, são Tiago diz-nos na Leitura: não deveis limitar-vos a ouvir a Palavra, mas deveis pô-la em prática. Trata-se de uma advertência acerca da intelectualização da fé e da teologia. É um receio que sinto nesta época, quando leio tantas coisas inteligentes: que se torne um jogo do intelecto, no qual «passamos a bola uns aos outros», no qual tudo é somente um mundo intelectual que não compenetra e forma a nossa vida, e que portanto não nos introduz na verdade. Creio que estas palavras de são Tiago se dirigem precisamente a nós como teólogos: não só ouvir, não apenas intelecto — fazer, deixar-se formar pela verdade, deixar-se orientar por ela! Oremos ao Senhor para que nos aconteça isto, e que assim a verdade tenha poder sobre nós, e que conquiste força no mundo através de nós.

A Igreja pôs a palavra do Deuteronomio — «Onde existe um povo cujo Deus está tão próximo, como o nosso Deus está próximo de nós, cada vez que O invocamos?» — no centro do Ofício divino do *Corpus Domini*, e assim conferiu-lhe um novo significado: qual é o povo cujo Deus está tão próximo, como o nosso Deus está próximo de nós? Na Eucaristia isto tornou-se realidade plena. Sem dúvida, não é apenas um aspecto exterior: alguém pode estar próximo do tabernáculo e, ao mesmo tempo, estar distante do Deus vivo. O que conta é a proximidade interior! Deus tornou-se tão próximo de nós, que Ele mesmo é um homem: isto deve desconcertar-nos e surpreender sempre! Ele está tão próximo, que é um de nós. Conhece o ser humano, o «sabor» do ser humano; conhece-o a partir de dentro, provou-o com as suas alegrias e os seus sofrimentos. Como homem, está próximo de mim, perto, «ao alcance da voz» — tão próximo que me ouve e que posso saber: Ele ouve-me e responde-me, embora talvez não como eu o imagine.

Deixemo-nos encher de novo desta alegria: qual é o povo cujo Deus está tão próximo, como o nosso Deus está próximo de nós? Tão próximo que é um de nós, que me toca a partir de dentro. Sim, que entra em mim na Sagrada Eucaristia. Um pensamento até desconcertante. Sobre este processo, uma vez São Boaventura utilizou, nas suas orações de Comunhão, uma formulação que impressiona, quase assusta. Ele diz: meu Senhor, como te passou pela mente, entrar na latrina imunda do meu corpo? Sim, Ele entra na nossa miséria, fá-lo com consciência e fá-lo para nos compenetrar, para nos purificar e para nos renovar a fim de que, através de nós, em nós, a verdade esteja no mundo e se realize a salvação. Peçamos perdão ao Senhor pela nossa indiferença, pela nossa miséria que nos faz pensar unicamente em nós mesmos, pelo nosso egoísmo que não procura a verdade, mas que segue o próprio hábito, e que talvez com frequência apresenta o Cristianismo só como um sistema de hábitos. Peçamos-lhe que Ele entre, poderosamente, nas nossas almas, que se faça presente em nós e através de nós — e que assim a alegria nasça também em nós: Deus está aqui, e ama-me, é a nossa salvação! Amém.

VIAGEM APOSTÓLICA AO LÍBANO
(14-16 DE SETEMBRO DE 2012)

SANTA MISSA E ENTREGA DA EXORTAÇÃO APOSTÓLICA PÓS-SINODAL PARA O
MÉDIO ORIENTE

Beirut City Center Waterfront

Domingo, 16 de Setembro de 2012

Amados irmãos e irmãs

«*Bendito seja Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo*» (Ef 1, 3). Bendito seja Ele neste dia em que tenho a alegria de me encontrar convosco aqui, no Líbano, para entregar aos Bispos da região a Exortação apostólica pós-sinodal *Ecclesia in Medio Oriente*. Agradeço cordialmente a Sua Beatitude Béchara Boutros Raïas amáveis palavras de boas-vindas. Saúdo os outros Patriarcas e os Bispos das Igrejas orientais, os Bispos latinos das regiões vizinhas bem como os Cardeais e os Bispos vindos doutros países. Com grande afecto, saúdo a todos vós, queridos irmãos e irmãs do Líbano e também dos países de toda esta amada região do Médio Oriente, que viestes celebrar, com o sucessor de Pedro, Jesus Cristo crucificado, morto e ressuscitado. Dirijo também a minha deferente saudação ao Presidente da República e às Autoridades libanesas, aos Responsáveis e aos membros das outras tradições religiosas que quiseram estar aqui nesta manhã.

Neste domingo em que o Evangelho nos interpela sobre a verdadeira identidade de Jesus, sentimo-nos a caminhar com os discípulos na estrada que leva às aldeias da região de Cesareia de Filipe. «*E quem dizeis vós que Eu sou?*» (Mc 8, 29): pergunta-lhes Jesus. O momento escolhido para lhes colocar esta questão não é sem significado. Jesus encontra-se num ponto de viragem decisiva da sua vida. Sobe para Jerusalém, para o lugar onde será realizado, através da cruz e ressurreição, o acontecimento central da nossa salvação. É também em Jerusalém que, depois de todos estes acontecimentos, vai nascer a Igreja. E, neste momento decisivo, Jesus começa por perguntar aos seus discípulos: «*Quem dizem os homens que Eu sou?*» (Mc 8, 27), recebendo deles respostas muito variadas: João Batista, Elias, um profeta... Ainda hoje, como ao longo dos séculos, aqueles que, de

diversas maneiras, se cruzaram com Jesus no seu caminho têm a sua resposta a dar. São abordagens que podem ajudar a encontrar o caminho da verdade. Mas as mesmas, embora não sejam necessariamente falsas, são insuficientes, porque não atingem o cerne da identidade de Jesus. Só alguém que aceite seguir pelo seu caminho, viver em comunhão com Ele na comunidade dos discípulos, é que pode ter um verdadeiro conhecimento. Tal é o caso de Pedro, que, desde há algum tempo, vive com Jesus e que agora responde: «*Tu és o Messias*» (Mc 8, 29). Resposta certa, sem dúvida alguma; mas ainda insuficiente, dado que Jesus sente a necessidade de a especificar. Ele entrevê que as pessoas poderiam servir-se desta resposta para desígnios que não são os seus, para suscitar falsas esperanças temporais sobre Ele. Não se deixa bloquear nos simples atributos do libertador humano que muitos esperam.

Anunciando aos seus discípulos que terá de sofrer, ser condenado à morte e depois ressuscitar, Jesus quer fazer-lhes compreender quem Ele é verdadeiramente. Um Messias sofredor, um Messias servo, e não um libertador político onipotente. Ele é o Servo obediente à vontade de seu Pai até ao ponto de perder a sua vida. É o que anunciava já o profeta Isaías na primeira leitura. Assim Jesus vai contra o que muitos esperavam d'Ele. A sua afirmação choca e desconcerta. E ouve-se o protesto de Pedro, que O censura, recusando para o seu Mestre o sofrimento e a morte. Jesus mostra-se severo com ele, e faz-lhe compreender que aquele que quiser ser seu discípulo deve aceitar ser servo, como Ele Se fez Servo.

Seguir Jesus significa tomar a própria cruz para O acompanhar pelo seu caminho, um caminho incómodo que não é o do poder nem da glória terrena, mas o que leva necessariamente a renunciar a si mesmo, a perder a sua vida por Cristo e pelo Evangelho, a fim de a salvar. É que nos foi dada a certeza de que este caminho leva à ressurreição, à vida verdadeira e definitiva com Deus. Decidir acompanhar Jesus Cristo que Se fez o Servo de todos exige uma intimidade cada vez maior com Ele, colocando-se atentamente à escuta da sua Palavra, a fim de tirar dela a inspiração para o nosso agir. Ao promulgar o Ano da Fé, que começará em 11 de Outubro próximo, quis que cada fiel pudesse comprometer-se de maneira renovada neste caminho da conversão do coração. Por isso, ao longo deste ano, encorajo-vos vivamente a aprofundar a vossa reflexão sobre a fé para a

tornar mais consciente e fortalecer a vossa adesão a Jesus Cristo e ao seu Evangelho.

Irmãos e irmãs, o caminho por onde Jesus nos quer conduzir é um caminho de esperança para todos. A glória de Jesus revela-se no momento em que, na sua humanidade, Ele Se mostra mais frágil, especialmente na encarnação e na cruz. É assim que Deus manifesta o seu amor, fazendo-Se servo, dando-Se a nós. Porventura não é este um mistério extraordinário, por vezes difícil de admitir? O próprio apóstolo Pedro só o compreenderá mais tarde.

Na segunda leitura, São Tiago lembrou-nos como este seguimento de Jesus, para ser autêntico, exija actos concretos: «*Pelas obras, te mostrarei a minha fé*» (Tg 2, 18). Servir é uma exigência imperativa para a Igreja, de modo que os cristãos são verdadeiros servos à imagem de Jesus. O serviço é um elemento constitutivo da identidade dos discípulos de Cristo (cf. Jo 13, 15-17). A vocação da Igreja e do cristão é servir; e fazê-lo, como o próprio Senhor, gratuitamente e a todos sem distinção. Assim, servir a justiça e a paz, num mundo onde a violência não cessa de alongar o seu rasto de morte e destruição, é uma urgência de modo a comprometer-se em prol duma sociedade fraterna, para edificar a comunhão. Amados irmãos e irmãs, peço ao Senhor de modo particular que conceda a esta região do Médio Oriente servidores da paz e da reconciliação, para que todos possam viver pacífica e dignamente. É um testemunho essencial que os cristãos devem prestar aqui, em colaboração com todas as pessoas de boa vontade. Eu vos convido a todos a trabalhar pela paz; cada qual ao seu nível e no lugar onde se encontra.

Além disso o serviço deve estar no centro da vida da própria comunidade cristã. Todo o ministério, toda a função na Igreja é primariamente um serviço a Deus e aos irmãos. É este espírito que deve animar todos os baptizados, uns em relação aos outros, especialmente através dum compromisso efectivo a favor dos mais pobres, dos marginalizados, daqueles que sofrem, para que seja preservada a dignidade inalienável de toda a pessoa.

Queridos irmãos e irmãs que sofreis no corpo ou no coração, o vosso sofrimento não é inútil. Cristo Servo está perto de todos aqueles que

sofrem. Está presente junto de vós. Oxalá encontreis no vosso caminho irmãos e irmãs que manifestem concretamente a presença amorosa de Cristo, que não vos pode abandonar. Permanecei cheios de esperança por causa de Cristo!

E vós todos, irmãos e irmãs, que viestes participar nesta celebração, procurai tornar-vos cada vez mais conformes ao Senhor Jesus, Ele que Se fez Servo de todos pela vida do mundo. Deus abençoe o Líbano, abençoe todos os povos desta amada região do Médio Oriente e lhes conceda o dom da sua paz. Amen.

VISITA PASTORAL A LORETO NO 50º ANIVERSÁRIO DA VIAGEM DE JOÃO XXIII
(4 DE OUTUBRO DE 2012)

Praça de Nossa Senhora de Loreto

Quinta-feira, 4 de Outubro de 2012

*Senhores Cardeais,
Venerados Irmãos no episcopado,
Queridos irmãos e irmãs!*

No dia 4 de outubro de 1962, o Beato João XXIII veio em peregrinação a este Santuário para confiar à Virgem Maria o Concílio Ecumênico Vaticano II, que seria inaugurado uma semana depois. Naquela ocasião, ele, que alimentava uma filial e profunda devoção a Nossa Senhora, se dirigiu a ela com estas palavras: «Hoje, mais uma vez, e em nome de todo o episcopado, a Vós, dulcíssima Mãe, que sois invocada como *Auxilium Episcoporum*, pedimos por Nós, Bispo de Roma e por todos os Bispos do mundo que nos alcance a graça de entrar na sala conciliar da Basílica de São Pedro como entraram no Cenáculo os Apóstolos e os primeiros discípulos de Jesus: um só coração, uma pulsação única de amor a Cristo e pelas almas, um propósito único de viver e de nos imolarmos pela salvação de cada pessoa e dos povos. Assim, por vossa intercessão materna, nos anos e nos séculos futuros, possa se dizer que a graça de Deus precedeu, acompanhou e coroou o vigésimo primeiro Concílio Ecumênico, infundindo em todos os filhos da Santa Igreja novo fervor, ímpeto de generosidade, firmeza de propósitos» (AAS 54 [1962], 727).

À distância de cinquenta anos, após ter sido chamado pela Divina Providência a suceder, na Cátedra de Pedro, aquele Papa inesquecível, também vim aqui em peregrinação para confiar à Mãe de Deus duas importantes iniciativas eclesiais: o Ano da Fé, que terá início daqui a uma semana, no dia 11 de outubro, no quinquagésimo aniversário da abertura do Concílio Vaticano II, e a Assembléia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, por mim convocada para o mês de outubro, com o tema «*A Nova Evangelização para a transmissão da Fé Cristã*». Queridos amigos! A todos vós dirijo a minha mais cordial saudação. Agradeço ao Arcebispo de

Loreto, Dom Giovanni Tonucci, pelas calorosas expressões de boas-vindas. Saúdo os demais Bispos presentes, os Sacerdotes, os Padres Capuchinhos, aos quais está confiada a cura pastoral do santuário, e às Religiosas. Dirijo um deferente pensamento ao Prefeito, Dr. Paolo Niccoletti, a quem também agradeço por suas amáveis palavras, ao Representante do Governo e às Autoridades civis e militares presentes. Expresso o meu reconhecimento a todos aqueles que generosamente contribuíram com a realização desta minha Peregrinação.

Como recordei na Carta Apostólica de sua convocação, através do Ano da Fé “pretendo convidar os Irmãos Bispos de todo o mundo para que se unam ao Sucessor de Pedro, no tempo de graça espiritual que o Senhor nos oferece, a fim de comemorar o dom precioso da fé” (Porta fidei,8). E justamente aqui em Loreto temos a oportunidade de nos colocarmos na escola de Maria, d’ela que foi proclamada “Bem-aventurada” porque “acreditou” (*Lc* 1,45). Este Santuário, construído ao redor de sua casa terrena, guarda a memória do momento no qual o Anjo do Senhor veio a Maria com o grande anúncio da Encarnação, e ela lhe deu sua resposta. Esta humilde habitação é um testemunho concreto e tangível do maior acontecimento da nossa história: a Encarnação; o Verbo se fez carne, e Maria, a serva do Senhor, é o canal privilegiado através do qual Deus habitou entre nós (cf. *Jo* 1,14). Maria ofereceu a sua carne, colocou-se inteiramente à disposição da vontade de Deus, tornando-se “lugar” de sua presença, “lugar” no qual habita o Filho de Deus. Aqui podemos repetir as palavras do Salmo com as quais, segundo a Carta aos Hebreus, Cristo iniciou a sua vida terrena dizendo ao Pai: «Tu não quiseste vítima e oferenda, mas formaste-me um corpo... Por isso eu disse: “Eu vim, ó Deus, para fazer a tua vontade”» (10,5.7). Maria disse palavras semelhantes diante do Anjo que lhe revela o plano de Deus sobre ela: «Eis aqui a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra» (*Lc* 1,38). A vontade de Maria coincide com a vontade do Filho no único projeto de amor do Pai e nele se unem céu e terra, Deus criador e sua criatura. Deus torna-se homem, Maria se faz “casa viva” do Senhor, templo onde mora o Altíssimo. O Beato João XXIII há cinquenta anos, aqui em Loreto, convidava a contemplar este mistério, a “refletir sobre esta união do céu com a terra, que é a finalidade da Encarnação e da Redenção”, e continuava afirmando que o próprio Concílio tinha como objetivo estender sempre mais o alcance

benéfico da Encarnação e Redenção de Cristo em todas as formas da vida social (cf. AAS 54 [1962], 724). É um convite que ressoa hoje com particular intensidade. Na crise atual que atinge não apenas a economia, mas vários setores da sociedade, a Encarnação do Filho de Deus nos fala de quanto o homem é importante para Deus e Deus para o homem. Sem Deus o homem acaba por deixar prevalecer o seu egoísmo sobre a solidariedade e sobre o amor, as coisas materiais sobre os valores, o ter sobre o ser. É preciso voltar para Deus para que o homem volte a ser homem. Com Deus mesmo nos momentos difíceis, de crise, o horizonte da esperança não desaparece: a Encarnação nos diz que jamais estamos sozinhos, Deus entrou em nossa humanidade e nos acompanha.

Mas o habitar do Filho de Deus na “casa viva”, no templo, que é Maria, nos leva a outro pensamento: onde Deus mora, devemos reconhecer que todos estamos “em casa”; onde Cristo mora, os seus irmãos e as suas irmãs não são mais estrangeiros. Maria, que é a mãe de Cristo é também nossa mãe, nos abre a porta da sua Casa, nos guia para entrarmos na vontade de seu Filho. É a fé, então, que nos dá uma casa neste mundo, que nos reúne em uma única família e que nos faz todos irmãos e irmãs. Contemplando Maria, devemos nos perguntar se também nós queremos ser abertos ao Senhor, se queremos oferecer a nossa vida para que seja uma morada para Ele; ou então, ao contrário, se tememos que a presença do Senhor possa ser um limite para nossa liberdade, e se queremos reservar para nós uma parte de nossa vida, de modo que possa pertencer apenas a nós. Mas é Deus mesmo que liberta nossa liberdade, que a liberta do fechamento em si mesma, de possuir, da sede de poder, de posse, de domínio, e a torna capaz de abrir-se à dimensão que a realiza no sentido pleno: o do dom de si, do amor, que se faz serviço e partilha.

A fé nos faz habitar, morar, mas nos faz também trilhar o caminho da vida. Também a Santa Casa de Loreto conserva um ensinamento importante. Como sabemos, ela foi colocada numa estrada. Isso poderia parecer deveras estranho: do nosso ponto de vista, de fato, a casa e a estrada parecem se excluir. Na realidade, justamente nesse aspecto particular, encontra-se uma mensagem singular desta Casa. Ela não é uma casa privada, não pertence a uma pessoa ou a uma família, mas é uma habitação aberta para todos, que está, por assim dizer, na estrada de todos nós. Então,

aqui em Loreto, encontramos uma casa que nos faz permanecer, habitar, e que ao mesmo tempo nos faz caminhar: recorda-nos que somos todos peregrinos, que devemos estar sempre a caminho para outra habitação, para a casa definitiva, para a Cidade eterna, a morada de Deus com a humanidade redimida (cf. *Ap* 21,3).

Existe ainda um ponto importante do relato evangélico da Anunciação que quero destacar, um aspecto que jamais deixa de maravilharmos: Deus pede o “sim” do homem, criou um interlocutor livre, pede que sua criatura Lhe responda com plena liberdade. São Bernardo de Claraval, em um de seus Sermões mais célebres, quase “representa” a espera da parte de Deus e da humanidade pelo “sim” de Maria, dirigindo-se a ela com uma súplica: «O anjo espera a vossa resposta, porque chegou o tempo de voltar ao que o enviou... Ó Senhora, dai essa resposta, que a terra, os infernos, antes, que os céus esperam. Como o Rei e Senhor de todos desejava ver a vossa beleza, assim deseja ardentemente a vossa resposta afirmativa... Levantai-vos, correi, abri! Levantai-vos com a fé, apressai-vos com vossa oferta, abri com a vossa adesão!» (*In laudibus Virginis Matris*, Hom. IV, 8: *Opera omnia*, Edit. Cisterc. 4, 1966, p. 53s). Deus pede a livre adesão de Maria para se tornar homem. Certo, o “sim” da Virgem é fruto da Graça divina. Mas a graça não elimina a liberdade, ao contrário, a cria e a sustém. A fé não tolhe nada à criatura humana, mas permite a sua plena e definitiva realização.

Queridos irmãos e irmãs, nesta peregrinação que repercorre a do Beato João XXIII – e que se dá, providencialmente, no dia em que se celebra a memória de São Francisco de Assis, verdadeiro “Evangelho Vivo” – quero confiar à Santíssima Mãe de Deus todas as dificuldades que vive o nosso mundo na busca de serenidade e de paz; os problemas de tantas famílias que olham para o futuro com preocupação, os desejos dos jovens que se abrem à vida, os sofrimentos dos que esperam gestos e escolhas de solidariedade e de amor. Quero confiar à Mãe de Deus também este especial tempo de graça para a Igreja, que se abre diante de nós. Vós, Mãe do “sim”, que escutastes Jesus, falai-nos d’Ele, contai-nos sobre vossa estrada para segui-Lo no caminho da fé, ajudai-nos a anunciá-lo para que cada homem possa acolhê-lo e se tornar morada de Deus. Amém!

SANTA MISSA PARA A ABERTURA DO ANO DA FÉ

Praça de São Pedro

Quinta-feira, 11 de Outubro de 2012

*Venerados Irmãos,
Queridos irmãos e irmãs!*

Hoje, com grande alegria, 50 anos depois da abertura do Concílio Vaticano II, damos início ao Ano da fé. Tenho o prazer de saudar a todos vós, especialmente Sua Santidade Bartolomeu I, Patriarca de Constantinopla, e Sua Graça Rowan Williams, Arcebispo de Cantuária. Saúdo também, de modo especial, os Patriarcas e Arcebispos Maiores das Igrejas Orientais católicas, e os Presidentes das Conferências Episcopais. Para fazer memória do Concílio, que alguns dos aqui presentes – a quem saúdo com afeto especial - tivemos a graça de viver em primeira pessoa, esta celebração foi enriquecida com alguns sinais específicos: a procissão inicial, que quis recordar a memorável procissão dos Padres conciliares, quando entraram solenemente nesta Basílica; a entronização do Evangelário, cópia daquele que foi utilizado durante o Concílio; e a entrega das sete mensagens finais do Concílio e do Catecismo da Igreja Católica, que realizarei no termo desta celebração, antes da Bênção Final. Estes sinais, não nos fazem apenas recordar, mas também nos oferecem a possibilidade de ir além da comemoração. Eles nos convidam a entrar mais profundamente no movimento espiritual que caracterizou o Vaticano II, para que se possa assumi-lo e levá-lo adiante no seu verdadeiro sentido. E este sentido foi e ainda é a fé em Cristo, a fé apostólica, animada pelo impulso interior que leva a comunicar Cristo a cada homem e a todos os homens, no peregrinar da Igreja nos caminhos da história.

O Ano da fé que estamos inaugurando hoje está ligado coerentemente com todo o caminho da Igreja ao longo dos últimos 50 anos: desde o Concílio, passando pelo Magistério do Servo de Deus Paulo VI, que proclamou um "Ano da Fé", em 1967, até chegar ao Grande Jubileu do ano 2000, com o qual o Bem-Aventurado João Paulo II propôs novamente a toda a humanidade Jesus Cristo como único Salvador, ontem, hoje e

sempre. Entre estes dois Pontífices, Paulo VI e João Paulo II, houve uma profunda e total convergência na visão de Cristo como o centro do cosmos e da história, e no ardente desejo apostólico de anunciá-lo ao mundo. Jesus é o centro da fé cristã. O cristão crê em Deus através de Jesus Cristo, que nos revelou a face de Deus. Ele é o cumprimento das Escrituras e seu intérprete definitivo. Jesus Cristo não é apenas o objeto de fé, mas, como diz a Carta aos Hebreus, é aquele «que em nós começa e completa a obra da fé» (*Hb* 12,2).

O Evangelho de hoje nos fala que Jesus Cristo, consagrado pelo Pai no Espírito Santo, é o verdadeiro e perene sujeito da evangelização. «O Espírito do Senhor está sobre mim, / porque ele me consagrou com a unção / para anunciar a Boa-Nova aos pobres» (*Lc* 4,18). Esta missão de Cristo, este movimento, continua no espaço e no tempo, ao longo dos séculos e continentes. É um movimento que parte do Pai e, com a força do Espírito, impele a levar a Boa-Nova aos pobres, tanto no sentido material como espiritual. A Igreja é o instrumento primordial e necessário desta obra de Cristo, uma vez que está unida a Ele como o corpo à cabeça. «Como o Pai me enviou, também eu vos envio» (*Jo* 20,21). Estas foram as palavras do Senhor Ressuscitado aos seus discípulos, que soprando sobre eles disse: «Recebei o Espírito Santo» (v. 22). O sujeito principal da evangelização do mundo é Deus, através de Jesus Cristo; mas o próprio Cristo quis transmitir à Igreja a missão, e o fez e continua a fazê-lo até o fim dos tempos infundindo o Espírito Santo nos discípulos, o mesmo Espírito que repousou sobre Ele, e n'Ele permaneceu durante toda a vida terrena, dando-lhe a força de «proclamar a libertação aos cativos / e aos cegos a recuperação da vista; para libertar os oprimidos e para proclamar um ano da graça do Senhor» (*Lc* 4,18-19).

O Concílio Vaticano II não quis colocar a fé como tema de um documento específico. E, no entanto, o Concílio esteve inteiramente animado pela consciência e pelo desejo de ter que, por assim dizer, imergir mais uma vez no mistério cristão, para poder propô-lo novamente e eficazmente para o homem contemporâneo. Neste sentido, o Servo de Deus Paulo VI, dois anos depois da conclusão do Concílio, se expressava usando estas palavras: «Se o Concílio não trata expressamente da fé, fala da fé a cada página, reconhece o seu caráter vital e sobrenatural, pressupõe-na

íntegra e forte, e estrutura as suas doutrinas tendo a fé por alicerce. Bastaria recordar [algumas] afirmações do Concílio (...) para dar-se conta da importância fundamental que o Concílio, em consonância com a tradição doutrinal da Igreja, atribui à fé, a verdadeira fé, que tem a Cristo por fonte e o Magistério da Igreja como canal» (*Catequese na Audiência Geral de 8 de março de 1967*). Até aqui, a citação de Paulo VI, em 1967.

Agora, porém, temos de voltar para aquele que convocou o Concílio Vaticano II e que o inaugurou: o Bem-Aventurado João XXIII. No *Discurso de Abertura*, ele apresentou a finalidade principal do Concílio usando estas palavras: «O que mais importa ao Concílio Ecumênico é o seguinte: que o depósito sagrado da doutrina cristã seja guardado e ensinado de forma mais eficaz. (...) Por isso, o objetivo principal deste Concílio não é a discussão sobre este ou aquele tema doutrinal... Para isso, não havia necessidade de um Concílio... É necessário que esta doutrina certa e imutável, que deve ser fielmente respeitada, seja aprofundada e apresentada de forma a responder às exigências do nosso tempo» (AAS 54 [1962], 790791-792). Até aqui, a citação do Papa João XIII, na inauguração do Concílio.

À luz destas palavras, entende-se aquilo que eu mesmo pude então experimentar: durante o Concílio havia uma tensão emocionante, em relação à tarefa comum de fazer resplandecer a verdade e a beleza da fé no hoje do nosso tempo, sem sacrificá-la frente às exigências do presente, nem mantê-la presa ao passado: na fé ecoa o eterno presente de Deus, que transcende o tempo, mas que só pode ser acolhida no nosso hoje, que não torna a repetir-se. Por isso, julgo que a coisa mais importante, especialmente numa ocasião tão significativa como a presente, seja reavivar em toda a Igreja aquela tensão positiva, aquele desejo ardente de anunciar novamente Cristo ao homem contemporâneo. Mas para que este impulso interior à nova evangelização não seja só um ideal e não peque de confusão, é necessário que ele se apoie sobre uma base de concreta e precisa, e esta base são os documentos do Concílio Vaticano II, nos quais este impulso encontrou a sua expressão. É por isso que repetidamente tenho insistido na necessidade de retornar, por assim dizer, à «letra» do Concílio - ou seja, aos seus textos - para também encontrar o seu verdadeiro espírito; e tenho repetido que neles se encontra a verdadeira herança do Concílio Vaticano II. A referência aos documentos protege dos extremos tanto de nostalgias

anacrônicas como de avanços excessivos, permitindo captar a novidade na continuidade. O Concílio não excogitou nada de novo em matéria de fé, nem quis substituir aquilo que existia antes. Pelo contrário, preocupou-se em fazer com que a mesma fé continue a ser vivida no presente, continue a ser uma fé viva em um mundo em mudança.

Se nos colocarmos em sintonia com a orientação autêntica que o Bem-Aventurado João XXIII queria dar ao Vaticano II, poderemos atualizá-la ao longo deste Ano da Fé, no único caminho da Igreja que quer aprofundar continuamente a «bagagem» da fé que Cristo lhe confiou. Os Padres conciliares queriam voltar a apresentar a fé de uma forma eficaz, e se quiseram abrir-se com confiança ao diálogo com o mundo moderno foi justamente porque eles estavam seguros da sua fé, da rocha firme em que se apoiavam. Contudo, nos anos seguintes, muitos acolheram acriticamente a mentalidade dominante, questionando os próprios fundamentos do *depositum fidei* a qual infelizmente já não consideravam como própria diante daquilo que tinham por verdade.

Se a Igreja hoje propõe um novo Ano da fé e a nova evangelização, não é para prestar honras a uma efeméride, mas porque é necessário, ainda mais do que há 50 anos! E a resposta que se deve dar a esta necessidade é a mesma desejada pelos Papas e Padres conciliares e que está contida nos seus documentos. Até mesmo a iniciativa de criar um Concílio Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização – ao qual agradeço o empenho especial para o Ano da fé – enquadra-se nessa perspectiva. Nos últimos decênios tem-se visto o avanço de uma "desertificação" espiritual. Qual fosse o valor de uma vida, de um mundo sem Deus, no tempo do Concílio já se podia perceber a partir de algumas páginas trágicas da história, mas agora, infelizmente, o vemos ao nosso redor todos os dias. É o vazio que se espalhou. No entanto, é precisamente a partir da experiência deste deserto, deste vazio, que podemos redescobrir a alegria de crer, a sua importância vital para nós homens e mulheres. No deserto é possível redescobrir o valor daquilo que é essencial para a vida; assim sendo, no mundo de hoje, há inúmeros sinais da sede de Deus, do sentido último da vida, ainda que muitas vezes expressos implícita ou negativamente. E no deserto existe, sobretudo, necessidade de pessoas de fé que, com suas próprias vidas, indiquem o caminho para a Terra Prometida, mantendo assim viva a

esperança. A fé vivida abre o coração à Graça de Deus que liberta do pessimismo. Hoje, mais do que nunca, evangelizar significa testemunhar uma vida nova, transformada por Deus, indicando assim o caminho. A primeira Leitura falava da sabedoria do viajante (cf. *Eccl* 34,9-13): a viagem é uma metáfora da vida, e o viajante sábio é aquele que aprendeu a arte de viver e pode compartilhá-la com os irmãos - como acontece com os peregrinos no Caminho de Santiago, ou em outros caminhos de peregrinação que, não por acaso, estão novamente em voga nestes últimos anos. Por que tantas pessoas hoje sentem a necessidade de fazer esses caminhos? Não seria porque neles encontraram, ou pelo menos intuíram o significado do nosso estar no mundo? Eis aqui o modo como podemos representar este Ano da fé: uma peregrinação nos desertos do mundo contemporâneo, em que se deve levar apenas o que é essencial: nem cajado, nem sacola, nem pão, nem dinheiro, nem duas túnicas - como o Senhor exorta aos Apóstolos ao enviá-los em missão (cf. *Lc* 9,3), mas sim o Evangelho e a fé da Igreja, dos quais os documentos do Concílio Vaticano II são uma expressão luminosa, assim como é o Catecismo da Igreja Católica, publicado há 20 anos.

Venerados e queridos irmãos, no dia 11 de outubro de 1962, celebrava-se a festa de Santa Maria, Mãe de Deus. A Ela lhe confiamos o Ano da fé, tal como fiz há uma semana, quando fui, em peregrinação, a Loreto. Que a Virgem Maria brilhe sempre qual estrela no caminho da nova evangelização. Que Ela nos ajude a pôr em prática a exortação do Apóstolo Paulo: «A palavra de Cristo, em toda a sua riqueza, habite em vós. Ensinai e admoestai-vos uns aos outros, com toda a sabedoria... Tudo o que fizerdes, em palavras ou obras, seja feito em nome do Senhor Jesus. Por meio dele dai graças a Deus Pai» (*Col* 3,16-17). Amém.

CAPELA PAPAL PARA A CANONIZAÇÃO DOS BEATOS:
JACQUES BERTHIEU
PEDRO CALUNGSOD
GIOVANNI BATTISTA PIAMARTA
MARIA DEL MONTE CARMELO SALLÉS Y BARANGUERAS
MARIANNE COPE
KATERI TEKAKWITHA
ANNA SCHÄFFER

Praça de São Pedro

Domingo, 21 de Outubro de 2012

O Filho do homem veio para servir e dar a sua vida como resgate para muitos (cf. Mc 10,45)

*Venerados Irmãos,
Queridos irmãos e irmãs!*

Hoje a Igreja escuta mais uma vez estas palavras de Jesus, pronunciadas durante o caminho rumo a Jerusalém, onde devia cumprir-se o seu mistério de paixão, morte e ressurreição. São palavras que manifestam o sentido da missão de Cristo na terra, marcada pela sua imolação, pela sua doação total. Neste terceiro domingo de outubro, no qual se celebra o Dia Mundial das Missões, a Igreja as escuta com uma intensidade particular e reaviva a consciência de viver totalmente em um permanente estado de serviço ao homem e ao Evangelho, como Aquele que se ofereceu a si mesmo até o sacrifício da vida.

Dirijo a minha cordial saudação a todos vós, que encheis a Praça de São Pedro, nomeadamente as Delegações oficiais e os peregrinos vindos para festejar os novos sete Santos. Saúdo com afeto os Cardeais e Bispos que nestes dias estão participando da Assembléia sinodal sobre a Nova Evangelização. É providencial a coincidência entre esta Assembléia e o Dia das Missões; e a Palavra de Deus que acabamos de escutar se mostra iluminadora para ambas. Esta nos mostra o estilo do evangelizador, chamado a testemunhar e anunciar a mensagem cristã conformando-se a Jesus Cristo, seguindo a Sua mesma vida.

O Filho do homem veio para servir e dar a sua vida como resgate para muitos (cf. Mc 10,45)

Estas palavras constituíram o programa de vida dos sete beatos que a Igreja hoje inscreve solenemente na gloriosa fileira dos Santos. Com coragem heróica eles consumiram a sua existência na consagração total a Deus e no serviço generoso aos irmãos. São filhos e filhas da Igreja, que escolheram a vida do serviço seguindo o Senhor. A santidade na Igreja teve sempre a sua fonte no mistério da Redenção, que já prefigurava o profeta Isaías na primeira Leitura: o Servo do Senhor, o justo que «fará justos inúmeros homens, carregando sobre si suas culpas» (Is 53,11); este Servo é Jesus Cristo, crucificado, ressuscitado e vivo na glória. A celebração hodierna constitui uma confirmação eloquente dessa misteriosa realidade salvífica. A tenaz profissão de fé destes sete discípulos generosos de Cristo, a sua conformação ao Filho do Homem resplandece hoje em toda a Igreja.

Jacques Berthie, nascido em 1838, na França, foi desde muito cedo um enamorado de Jesus Cristo. Durante o seu ministério paroquial, desejou ardentemente salvar as almas. Ao fazer-se jesuíta, queria percorrer o mundo para a glória de Deus. Pastor incansável na Ilha de Santa Maria e depois em Madagascar, lutou contra a injustiça, levando alívio para os pobres e enfermos. Os malgaxes o consideravam um sacerdote vindo do céu, e diziam: Tu és o nosso “pai e mãe”! Ele se fez tudo para todos, haurindo na oração e no amor do Coração de Jesus a força humana e sacerdotal para enfrentar o martírio, em 1896. Morreu dizendo: «Prefiro antes morrer que renunciar à minha fé». Queridos amigos, que a vida deste evangelizador seja um encorajamento e um modelo para os sacerdotes, para que sejam homens de Deus como ele o foi! Que o seu exemplo ajude os numerosos cristãos que são perseguidos por causa da sua fé nos dias de hoje! Que a sua intercessão, durante este ano da fé, produza frutos em Madagascar e no Continente africano! *Que Deus abençoe o povo malgaxe!*

Pedro Calungsod nasceu aproximadamente no ano 1654, na região de Visayas, nas Filipinas. Seu amor a Cristo o inspirou a preparar-se como catequista com os missionários jesuítas da região. Em 1668, junto com outros dois jovens catequistas, acompanhou o Padre Diego Luiz de San Vitores para as Ilhas Marianas com o fim de evangelizar o povo Chamorro.

Nesse lugar, a vida era difícil e os missionários enfrentaram a perseguição nascida da inveja e de calúnias. Pedro, contudo, demonstrou uma grande fé e caridade, e continuou catequizando os seus muitos convertidos, dando testemunho de Cristo através de uma vida de pureza e dedicação ao Evangelho. O seu desejo de ganhar almas para Cristo se sobrepunha a tudo, e isso o levou a aceitar decididamente o martírio. Morreu no dia 2 de abril de 1672. Algumas testemunhas contaram que Pedro poderia ter fugido para um lugar seguro, mas escolheu permanecer ao lado do Padre Diego. O sacerdote, antes de ser morto, pôde dar a absolvição a Pedro. Que o exemplo e o testemunho corajoso de Pedro Calungsod inspire o dileto povo das Filipinas a anunciar corajosamente o Reino e ganhar almas para Deus!

Giovanni Battista Piamarta, sacerdote da Diocese de Brescia, foi um grande apóstolo da caridade e da juventude. Percebia a necessidade de uma presença cultural e social do catolicismo no mundo moderno, por isso se dedicou ao progresso cristão, moral e profissional das novas gerações, com a sua esplêndida humanidade e bondade. Animado por uma confiança inabalável na Providência Divina e de um profundo espírito de sacrifício, enfrentou dificuldades e fadigas para dar vida a diversas obras apostólicas, entre as quais: o Instituto dos pequenos artesãos, a Editora Queriniana, a Congregação masculina da Sagrada Família de Nazaré e a Congregação das Humildes Servas do Senhor. O segredo da sua vida, intensa e ativa, residia nas longas horas que ele dedicava à oração. Quando estava sobrecarregado pelo trabalho, aumentava o tempo do encontro, de coração a coração, com o Senhor. Demorava-se de muito bom grado junto do Santíssimo Sacramento, meditando a paixão, morte e ressurreição de Cristo, para alcançar a força espiritual e voltar a lançar-se, sempre com novas iniciativas pastorais, à conquista do coração das pessoas, sobretudo dos jovens, para levá-los de volta para as fontes da vida.

«Sobre nós venha, Senhor, a vossa graça, pois, em vós, nós esperamos!» Com essas palavras, a liturgia nos convida a fazer nosso este hino a Deus criador e providente, aceitando o seu plano nas nossas vidas. Assim o fez Santa Maria del Carmelo Salles y Barangueras, religiosa nascida em Vic, Espanha, em 1848. Vendo a sua esperança preenchida, após muitas dificuldades, ao contemplar o progresso da Congregação das Religiosas Concepcionistas Missionárias do Ensino, pôde cantar junto com a Mãe de

Deus: «Seu amor de geração em geração, chega a todos que o respeitam». A sua obra educativa, confiada à Virgem Imaculada, continua a dar frutos abundantes entre os jovens e através da entrega generosa das suas filhas que, como ela, se confiam ao Deus que pode tudo.

Passo agora para Marianne Cope, nascida em 1838 em Heppenheim, na Alemanha. Com apenas um ano de vida, foi levada para os Estados Unidos, e em 1862 entrou na Ordem Terceira Regular de São Francisco, em Siracusa, Nova Iorque. Mais tarde, como Superiora geral da sua congregação, Madre Marianne abraçou voluntariamente a chamada para ir cuidar dos leprosos no Havaí, depois da recusa de muitos. Ela partiu, junto com seis irmãs da sua congregação, para administrar pessoalmente um hospital em Oahu, fundando em seguida o Hospital Mamulani, em Maui, e abrindo uma casa para meninas de pais leprosos. Cinco anos depois, aceitou o convite para abrir uma casa para mulheres e meninas na Ilha de Molokai, partindo com coragem e, encerrando assim seu contato com o mundo exterior. Ali, cuidou do Padre Damião, então já famoso pelo seu trabalho heróico com os leprosos, assistindo-o até a sua morte e assumindo o seu trabalho com os leprosos. Em uma época em que pouco se podia fazer por aqueles que sofriam dessa terrível doença, Marianne Cope demonstrou um imenso amor, coragem e entusiasmo. Ela é um exemplo luminoso e valioso da melhor tradição de religiosas católicas dedicadas à enfermagem e do espírito do seu amado São Francisco de Assis.

Kateri Tekakwitha nasceu no que hoje é o Estado de Nova Iorque, em 1656, filha de pai Mohawk e de mãe Algoquin cristã, que lhe transmitiu a fé no Deus vivo. Foi batizada aos 20 anos de idade, para escapar da perseguição, se refugiou na Missão São Francisco Xavier, perto de Montreal. Ali ela trabalhou, fiel às tradições culturais do seu povo, embora renunciando as convicções religiosas deste, até a sua morte com 24 anos. Levando uma vida simples, Kateri permaneceu fiel ao seu amor por Jesus, à oração e à Missa diária. O seu maior desejo era saber e fazer aquilo que agradava a Deus.

Kateri impressiona-nos pela ação da graça na sua vida, carente de apoios externos, e pela firmeza na sua vocação tão particular na sua cultura. Nela, fé e cultura se enriqueceram mutuamente! Possa o seu exemplo nos

ajudar a viver lá onde nos encontremos, sem renunciar àquilo que somos, amando a Jesus! Santa Kateri, protetora do Canadá e primeira santa ameríndia, nós te confiamos a renovação da fé entre os povos nativos e em toda a América do Norte! Que Deus abençoe os povos nativos!

A jovem Anna Schäffer, de Mindelstetten, quis entrar em uma congregação missionária. Nascida em uma família humilde, ela conseguiu, trabalhando como doméstica, acumular o dote necessário para poder entrar no convento. Neste emprego, sofreu um grave acidente com queimaduras incuráveis nos seus pés, que a prenderam em um leito pelo resto da vida. Foi assim que o seu quarto de enferma se transformou em uma cela conventual, e o seu sofrimento, em serviço missionário. Inicialmente se revoltou contra o seu destino, mas em seguida, compreendeu que a sua situação era uma chamada amorosa do Crucificado para O seguisse. Fortalecida pela comunhão diária, tornou-se uma intercessora incansável através da oração e um espelho do amor de Deus para as numerosas pessoas que procuravam conselho. Que o seu apostolado de oração e de sofrimento, de oferta e de expiação seja para os crentes de sua terra um exemplo luminoso e que a sua intercessão fortaleça a atuação abençoada dos centros cristãos de curas paliativas para doentes terminais.

Queridos irmãos e irmãs! Estes novos Santos, diferentes pela sua origem, língua, nação e condição social, estão unidos com todo o Povo de Deus no mistério de Salvação de Cristo, o Redentor. Junto a eles, também nós aqui reunidos com os Padres sinodais, provenientes de todas as partes do mundo, proclamamos, com as palavras do salmo, que Senhor é «o nosso auxílio e proteção», e pedimos: «sobre nós venha, Senhor, a vossa graça, da mesma forma que em vós nós esperamos» (*Sal 32, 20-22*). Que o testemunho dos novos Santos, a sua vida oferecida generosamente por amor a Cristo, possa falar hoje a toda a Igreja, e a sua intercessão possa reforçá-la e sustentá-la na sua missão de anunciar o Evangelho no mundo inteiro.

Basílica Vaticana

Domingo, 28 de Outubro de 2012

*Venerados Irmãos,
Ilustres Senhores e Senhoras,
Amados irmãos e irmãs!*

O milagre da cura do cego Bartimeu ocupa uma posição significativa na estrutura do Evangelho de Marcos. De facto, está colocado no fim da secção designada «viagem para Jerusalém», isto é, a última peregrinação de Jesus para a Cidade Santa, para a Páscoa em que, como Ele sabe, O aguardam a paixão, a morte e a ressurreição. Para subir a Jerusalém a partir do vale do Jordão, Jesus passa por Jericó, e o encontro com Bartimeu tem lugar à saída da cidade, «quando – observa o evangelista – [Jesus] ia a sair de Jericó com os seus discípulos e uma grande multidão» (10, 46), a mesma multidão que, dali a pouco, aclamará Jesus como Messias na sua entrada em Jerusalém. Precisamente na estrada estava sentado a mendigar Bartimeu, cujo nome significa «filho de Timeu», como diz o próprio evangelista. Todo o Evangelho de Marcos é um itinerário de fé, que se desenvolve gradualmente na escola de Jesus. Os discípulos são os primeiros actores deste percurso de descoberta, mas há ainda outros personagens que desempenham papel importante, e Bartimeu é um deles. A sua cura prodigiosa é a última que Jesus realiza antes da sua paixão, e não é por acaso que se trata da cura dum cego, isto é, dum pessoa cujos olhos perderam a luz. A partir de outros textos, sabemos também que a condição de cegueira tem um significado denso nos Evangelhos. Representa o homem que tem necessidade da luz de Deus – a luz da fé – para conhecer verdadeiramente a realidade e caminhar pela estrada da vida. Condição essencial é reconhecer-se cego, necessitado desta luz; caso contrário, permanece-se cego para sempre (cf. *Jo* 9, 39-41).

Situado naquele ponto estratégico da narração de Marcos, Bartimeu é apresentado como modelo. Ele não é cego de nascença, mas perdeu a vista: é o homem que perdeu a luz e está ciente disso, mas não perdeu a

esperança, sabe agarrar a possibilidade deste encontro com Jesus e confia-se a Ele para ser curado. Na realidade, ouvindo dizer que o Mestre passa pela sua estrada, grita: «Jesus, filho de David, tem misericórdia de mim!» (Mc 10, 47), e repete-o vigorosamente (v. 48) E quando Jesus o chama e lhe pergunta que quer d'Ele, responde: «Mestre, que eu veja!» (v. 51). Bartimeu representa o homem que reconhece o seu mal, e grita ao Senhor com a confiança de ser curado. A sua imploração, simples e sincera, é exemplar, tendo entrado na tradição da oração cristã da mesma forma que a súplica do publicano no templo: «Ó Deus, tem piedade de mim, que sou pecador» (Lc 18, 13). No encontro com Cristo, vivido com fé, Bartimeu readquire a luz que havia perdido e, com ela, a plenitude da sua própria dignidade: põe-se de pé e retoma o caminho, que desde então tem um guia, Jesus, e uma estrada, a mesma que Jesus percorre. O evangelista não nos diz mais nada de Bartimeu, mas nele mostra-nos quem é o discípulo: aquele que, com a luz da fé, segue Jesus «pelo caminho» (v. 52).

Num dos seus escritos, Santo Agostinho observa um particular acerca da figura de Bartimeu, que pode ser interessante e significativo também hoje para nós. O santo Bispo de Hipona reflecte sobre o facto de Marcos referir, neste caso, não só o nome da pessoa que é curada, mas também de seu pai, e chega à conclusão de que «Bartimeu, filho de Timeu, era um personagem decaído duma situação de grande prosperidade, e a sua condição de miséria devia ser universalmente conhecida e de domínio público, enquanto não era apenas cego, mas um mendigo que estava sentado na berma da estrada. Por esta razão, Marcos não o quis recordar só a ele, porque o facto de ter recuperado a vista conferiu ao milagre tão grande ressonância como grande era a fama da desventura que atingira o cego» (*O consenso dos evangelistas*, 2, 65, 125: *PL* 34, 1138) . Assim escreve Santo Agostinho!

Esta interpretação de Bartimeu como pessoa decaída duma condição de «grande prosperidade» é sugestiva, convidando-nos a reflectir sobre o facto que há riquezas preciosas na nossa vida que podemos perder e que não são materiais. Nesta perspectiva, Bartimeu poderia representar aqueles que vivem em regiões de antiga evangelização, onde a luz da fé se debilitou, e se afastaram de Deus, deixando de O considerarem relevante na própria vida: são pessoas que deste modo perderam uma grande riqueza,

«decaíram» numa alta dignidade – não económica ou de poder terreno, mas a dignidade cristã –, perderam a orientação segura e firme da vida e tornaram-se, muitas vezes inconscientemente, mendigos do sentido da existência. São as inúmeras pessoas que precisam de uma nova evangelização, isto é, de um novo encontro com Jesus, o Cristo, o Filho de Deus (cf. *Mc* 1, 1), que pode voltar a abrir os seus olhos e ensinar-lhes a estrada. É significativo que, no momento em que concluímos a Assembleia sinodal sobre a Nova Evangelização, a Liturgia nos proponha o Evangelho de Bartimeu. Esta Palavra de Deus tem algo a dizer de modo particular a nós que nestes dias nos debruçamos sobre a urgência de anunciar novamente Cristo onde a luz da fé se debilitou, onde o fogo de Deus, à semelhança dum fogo em brasas, pede para ser reavivado a fim de se tornar chama viva que dá luz e calor a toda a casa.

A nova evangelização diz respeito a toda a vida da Igreja. Refere-se, em primeiro lugar, à pastoral ordinária que deve ser mais animada pelo fogo do Espírito a fim de incendiar os corações dos fiéis que frequentam regularmente a comunidade reunindo-se no dia do Senhor para se alimentarem da sua Palavra e do Pão de vida eterna. Aqui gostaria de sublinhar três linhas pastorais que emergiram do Sínodo. A primeira diz respeito aos *Sacramentos da iniciação cristã*. Foi reafirmada a necessidade de acompanhar, com uma catequese adequada, a preparação para o Baptismo, a Confirmação e a Eucaristia; e reiterou-se também a importância da Penitência, sacramento da misericórdia de Deus. É através deste itinerário sacramental que passa o chamamento do Senhor à santidade, que é dirigido a todos os cristãos. Na realidade, várias vezes se repetiu que os verdadeiros protagonistas da nova evangelização são os santos: eles falam, com o exemplo da vida e as obras da caridade, uma linguagem compreensível a todos.

Em segundo lugar, a nova evangelização está essencialmente ligada à *missão ad gentes*. A Igreja tem o dever de evangelizar, de anunciar a mensagem da salvação aos homens que ainda não conhecem Jesus Cristo. No decurso das próprias reflexões sinodais, foi sublinhado que há muitos ambientes em África, na Ásia e na Oceânia, onde os habitantes aguardam com viva expectativa – às vezes sem estar plenamente conscientes disso – o primeiro anúncio do Evangelho. Por isso, é preciso pedir ao Espírito Santo

que suscite na Igreja um renovado dinamismo missionário, cujos protagonistas sejam, de modo especial, os agentes pastorais e os fiéis leigos. A globalização provocou um notável deslocamento de populações, pelo que se impõe a necessidade do primeiro anúncio também nos países de antiga evangelização. Todos os homens têm o direito de conhecer Jesus Cristo e o seu Evangelho; e a isso corresponde o dever dos cristãos – de todos os cristãos: sacerdotes, religiosos e leigos – de anunciarem a Boa Nova.

Um terceiro aspecto diz respeito às *peessoas baptizadas que, porém, não vivem as exigências do Baptismo*. Durante os trabalhos sinodais, foi posto em evidência que estas pessoas se encontram em todos os continentes, especialmente nos países mais secularizados. A Igreja dedica-lhes uma atenção especial, para que encontrem de novo Jesus Cristo, redescubram a alegria da fé e voltem à prática religiosa na comunidade dos fiéis. Para além dos métodos tradicionais de pastoral, sempre válidos, a Igreja procura lançar mão de novos métodos, valendo-se também de novas linguagens, apropriadas às diversas culturas do mundo, para implementar um diálogo de simpatia e amizade que se fundamenta em Deus que é Amor. Em várias partes do mundo, a Igreja já encetou este caminho de criatividade pastoral para se aproximar das pessoas afastadas ou à procura do sentido da vida, da felicidade e, em última instância, de Deus. Recordamos algumas missões urbanas importantes, o «Átrio dos Gentios», a missão continental, etc.. Não há dúvida que o Senhor, Bom Pastor, abençoará abundantemente estes esforços que nascem do zelo pela sua Pessoa e pelo seu Evangelho.

Queridos irmãos e irmãs, Bartimeu, uma vez obtida novamente a vista graças a Jesus, juntou-se à multidão dos discípulos, entre os quais havia seguramente outros que, como ele, foram curados pelo Mestre. Assim são os novos evangelizadores: pessoas que fizeram a experiência de ser curadas por Deus, através de Jesus Cristo. Eles têm como característica a alegria do coração, que diz com o Salmista: «O Senhor fez por nós grandes coisas; por isso, exultamos de alegria» (*Sal 126/125, 3*). Com jubilosa gratidão, hoje também nós nos dirigimos ao Senhor Jesus, *Redemptor hominis e Lumen gentium*, fazendo nossa uma oração de São Clemente de Alexandria: «Até agora errei na esperança de encontrar Deus, mas porque Vós me iluminais, ó Senhor, encontro Deus por meio de Vós, e de Vós recebo o Pai, torno-me herdeiro convosco, porque não Vos envergonhastes de me ter por irmão.

Cancelemos, portanto, cancelemos o esquecimento da verdade, a ignorância; e, removendo as trevas que nos impedem de ver como a névoa nos olhos, contemplemos o verdadeiro Deus...; já que, sobre nós sepultados nas trevas e prisioneiros da sombra da morte, brilhou uma luz do céu [luz] mais pura que o sol, mais doce que a vida nesta terra » (*Protrettico*, 113, 2–114, 1). Amen.

Basílica Vaticana, Altar da Cátedra

Sábado, 3 de Novembro de 2012

*Venerados Irmãos,
queridos irmãos e irmãs!*

Está presente e vivo nos nossos corações o clima da comunhão dos Santos e da comemoração dos fiéis defuntos, que a liturgia nos fez viver de modo intenso nas celebrações dos dias passados. Em particular, a visita aos cemitérios permite-nos renovar o vínculo com as pessoas queridas que nos deixaram; a morte, paradoxalmente, conserva o que a vida não pode preservar. De facto, descobrimos de maneira singular precisamente dos túmulos, que permanecem quase como um espelho da sua existência, do seu mundo: o modo como os nossos defuntos viveram, o que amaram, temeram, esperaram e reflectiram; eles interpela-nos e levam-nos a estabelecer um diálogo que a morte põe em crise. Assim, os lugares da sepultura constituem uma espécie de assembleia, na qual os vivos encontram os próprios defuntos e com eles restabelecem os vínculos de uma comunhão que a morte não pôde interromper. E aqui em Roma, naqueles cemitérios peculiares que são as catacumbas, sentimos, como em nenhum outro lugar, os vínculos profundos com a cristandade antiga, que nos é tão próxima. Quando entramos nos corredores das catacumbas romanas — assim como nos cemitérios das nossas cidades e das nossas aldeias — é como se atravessássemos um limiar imaterial e entrássemos em comunicação com quantos estão a salvaguardar o próprio passado, feito de alegrias e sofrimentos, de derrotas e esperanças. Isto acontece porque a morte diz respeito ao homem de hoje exactamente como ao de outrora; e mesmo se muitos aspectos dos tempos passados se tornaram estranhos, a morte permaneceu a mesma.

Diante desta realidade, o ser humano de todas as épocas procura uma fresta de luz que faça esperar, que ainda fale de vida, e também a visita aos túmulos exprime este desejo. Mas como respondemos, nós cristãos, à questão da morte? Respondemos com a fé em Deus, com um olhar de

esperança firme que se funda na Morte e Ressurreição de Jesus Cristo. Então a morte abre-se à vida, àquela eterna, que não é uma cópia infinita do tempo presente, mas algo completamente novo. A fé diz-nos que a imortalidade verdadeira pela qual aspiramos não é uma ideia, um conceito, mas uma relação de comunhão plena com o Deus vivo: é o estar nas suas mãos, no seu amor e tornar-nos um só n'Ele juntamente com todos os irmãos e irmãs que Ele criou e redimiu, com a criação inteira. A nossa esperança então repousa no amor de Deus que resplandece na Cruz de Cristo e faz ressoar no coração as palavras de Jesus ao bom ladrão: «Em verdade te digo: Hoje estarás comigo no Paraíso» (*Lc 23, 43*). Esta é a vida que alcançou a sua plenitude em Deus; uma vida que agora nós só podemos entrever, assim como avistamos o céu sereno através da neblina.

Neste clima de fé e oração, queridos Irmãos, estamos reunidos ao redor do altar para oferecer o Sacrifício eucarístico em sufrágio pelos Cardeais, pelos Arcebispos e Bispos que concluíram a sua existência terrena durante o ano passado. De modo particular recordamos os saudosos Irmãos Cardeais John Patrick Foley, Anthony Bevilacqua, José Sánchez, Ignace Moussa Daoud, Luis Aponte Martínez, Rodolfo Quezada Toruño, Eugênio de Araújo Sales, Paul Shan Kuo-hsi, Carlo Maria Martini, e Fortunato Baldelli. Recordamos também com afecto todos os Arcebispos e Bispos falecidos, pedindo ao Senhor, piedoso, justo e misericordioso (cf. *Sl 114*), que lhes queira conceder o prémio eterno prometido aos fiéis servidores do Evangelho.

Recordando o testemunho destes nossos venerados Irmãos, podemos reconhecer neles os discípulos «mansos», «misericordiosos», «puros de coração», «pacificadores» dos quais nos falou a perícopa evangélica (cf. *Mt 5, 1-12*): amigos do Senhor que, confiando na sua promessa, até nas dificuldades e perseguições conservaram a alegria da fé e agora habitam para sempre na casa do Pai e gozam a recompensa celeste, cheios de felicidade e de graça. De facto, os Pastores que recordamos hoje serviram a Igreja com fidelidade e amor, muitas vezes enfrentando duras provações, para garantir atenção e solicitude ao rebanho que lhes fora confiado. Na variedade dos respectivos dotes e tarefas, deram exemplo de vigilância diligente, de dedicação sábia e zelosa ao Reino de Deus, oferecendo uma

contribuição preciosa à fase pós-conciliar, um tempo de renovação em toda a Igreja.

A Mesa eucarística, à qual se abeiraram, primeiro como fiéis e depois diariamente como ministros, antecipa do modo mais eloquente quanto o Senhor prometeu no «sermão da montanha»: a prerrogativa do Reino dos céus, a participação na mesa da Jerusalém celeste. Rezemos a fim de que isto se realize para todos. A nossa oração é alimentada por esta esperança firme que «não nos confunde» (cf. *Rm* 5, 5), porque é garantida por Cristo que quis viver na carne a experiência da morte para triunfar sobre ela com o evento prodigioso da Ressurreição. «Por que procurais entre os mortos aquele que vive? Não está aqui, ressuscitou» (*Lc* 24, 5-6). Este anúncio dos anjos, proclamado na manhã da Páscoa junto do sepulcro vazio chegou até nós através dos séculos e propõe-nos, também nesta assembleia litúrgica, o motivo essencial da nossa esperança. De facto, «Se morrermos em Cristo, com Ele também havemos de viver» — recorda-nos são Paulo (*Rm* 6, 8). É o próprio Espírito Santo, por meio do qual o amor de Deus foi derramado nos nossos corações, que faz com que a nossa esperança não seja vã (cf. *Rm* 5, 5). Deus Pai, rico em misericórdia, que deu à morte o seu Filho unigénito quando éramos ainda pecadores, como não nos doará a salvação agora que fomos justificados pelo sangue d'Ele? (cf. *Rm* 5, 6-11). A nossa justiça baseia-se na fé em Cristo. É Ele o «Justo», preanunciado em todas as Escrituras; é graças ao seu Mistério pascal que, atravessando o limiar da morte, os nossos olhos poderão ver Deus, contemplar a sua face (cf. *Job* 19, 27a).

Ao lado da singular existência humana do Filho de Deus está a da sua Mãe Santíssima que, única entre todas as criaturas, veneramos Imaculada e cheia de graça. Os nossos Irmãos Cardeais e Bispos, que hoje recordamos, foram amados com predilecção pela Virgem Maria e retribuíram o seu amor com devoção filial. Hoje queremos confiar as suas almas à sua intercessão materna, a fim de que sejam introduzidas por Ela no Reino eterno do Pai, circundados por muitos dos fiéis pelos quais dedicaram a vida. Maria vigie sobre eles, que agora dormem o sono da paz na expectativa da ditosa ressurreição, com o seu olhar zeloso. Elevemos a Deus a nossa oração por eles, sustentados pela esperança de um dia nos encontrarmos todos, unidos para sempre no Paraíso. Amém.

Basílica Vaticana

Sábado, 24 de Novembro de 2012

«*Creio na Igreja una, santa, católica e apostólica*».

Amados irmãos e irmãs!

Estas palavras que os novos Cardeais vão pronunciar solenemente daqui a pouco, ao recitarem a profissão de fé, fazem parte do Símbolo niceno-constantinopolitano, a síntese da fé da Igreja que cada um recebe no momento do Baptismo. Só professando e guardando intacta esta norma da verdade é que somos discípulos autênticos do Senhor. Neste Consistório, quero deter-me em particular sobre o significado do termo «católica», que indica um traço essencial da Igreja e da sua missão. O assunto é vasto e poderia ser apresentado sob diferentes pontos de vista; hoje limito-me a algumas considerações.

As notas características da Igreja correspondem a um desígnio divino, como afirma o *Catecismo da Igreja Católica*: «É Cristo que, pelo Espírito Santo, concede à sua Igreja que seja una, santa, católica e apostólica, e é ainda Ele que a chama a realizar cada uma destas qualidades» (n. 811). No nosso caso específico, a Igreja é católica, porque Cristo, na sua missão de salvação, abraça toda a humanidade. Embora a missão de Jesus na sua vida terrena se tivesse limitado ao povo judeu, «às ovelhas perdidas da casa de Israel» (*Mt* 15, 24) todavia desde o início estava orientada para levar a todos os povos a luz do Evangelho e fazer entrar todas as nações no Reino de Deus. Em Cafarnaum, à vista da fé do Centurião, Jesus exclama: «Digo-vos que, do Oriente e do Ocidente, muitos virão sentar-se à mesa do banquete com Abraão, Isaac e Jacob, no Reino do Céu» (*Mt* 8, 11). Esta perspectiva universalista resulta, para além do mais, da apresentação que Jesus fez de Si mesmo, acrescentando ao título de «Filho de David» a designação de «Filho do Homem» (*Mc* 10, 33), como acabámos de ouvir no texto evangélico proclamado. O título de «Filho do Homem», presente na linguagem da literatura apocalíptica judaica que se inspira na visão da

história do *Livro do profeta Daniel* (cf. 7, 13-14), recorda o personagem que vem «com as nuvens do céu» (v. 13) e é uma imagem que preanuncia um reino totalmente novo, um reino sustentado não por poderes humanos, mas pelo verdadeiro poder que vem de Deus. Jesus serve-Se desta expressão rica e complexa, aplicando-a a Si mesmo, para manifestar o verdadeiro carácter do seu messianismo, como missão destinada a todos e cada um dos homens, superando todo o particularismo étnico, nacional e religioso. E é precisamente no seguimento de Jesus, no deixar-se atrair para dentro da sua humanidade e, portanto, na comunhão com Deus que se entra neste novo reino, que a Igreja anuncia e antecipa e que vence toda a fragmentação e dispersão.

Depois Jesus envia a sua Igreja, não a um grupo, mas à totalidade do género humano para, na fé, o reunir num único povo a fim de o salvar, como justamente se exprime o Concílio Vaticano II na Constituição dogmática *Lumen gentium*: «Ao novo Povo de Deus todos os homens são chamados. Por isso, este Povo, permanecendo uno e único, deve estender-se a todo o mundo e por todos os séculos, para se cumprir o desígnio da vontade de Deus» (n. 13). Por conseguinte a universalidade da Igreja deriva da universalidade do único desígnio divino de salvação do mundo. Este carácter universal aparece claramente no dia do Pentecostes, quando o Espírito cumula da sua presença a primeira comunidade cristã, para que o Evangelho se estenda a todas as nações e faça crescer em todos os povos o único Povo de Deus. Assim, desde o seu início, a Igreja está orientada *kat'holon*, abraça todo o universo. Os Apóstolos dão testemunho de Cristo, dirigindo-se a homens originários de toda a terra, e cada um compreende-os como se falassem na sua língua nativa (cf. *Act* 2, 7-8). A partir daquele dia, a Igreja com a «força do Espírito Santo», como Jesus prometera, anuncia o Senhor morto e ressuscitado «em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra» (*Act* 1, 8). Portanto a missão universal da Igreja não parte de baixo, mas desce do alto, do Espírito Santo e, desde o primeiro instante, está orientada para se exprimir em todas as culturas e assim formar o único Povo de Deus. Não se trata tanto de uma comunidade local que cresce e se alarga lentamente, como sobretudo de um fermento que abre para o universal, para o todo, trazendo em si mesmo a universalidade.

«Ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda criatura» (Mc 16, 15); «fazei discípulos de todos os povos» (Mt 28, 19), diz o Senhor. Com estas palavras, Jesus envia os apóstolos a todas as criaturas, para que chegue a todo o lado a acção salvadora de Deus. Entretanto, se observarmos os discípulos no momento da ascensão de Jesus ao Céu, narrada no livro dos Actos dos Apóstolos, vemo-los ainda na sua visão fechada e pensam na restauração de um novo reino davídico, perguntando ao Senhor: «É agora que vais restaurar o Reino de Israel?» (Act 1, 6). E como responde Jesus? Responde, abrindo os seus horizontes e confiando-lhes a promessa e uma tarefa: promete que serão cumulados da força do Espírito Santo e confere-lhes o encargo de O testemunharem em todo o mundo, superando as fronteiras culturais e religiosas em que estavam habituados a pensar e viver para se abrirem ao Reino universal de Deus. E, no início do caminho da Igreja, os Apóstolos e os discípulos partem sem nenhuma segurança humana, mas unicamente com a força do Espírito Santo, do Evangelho e da fé. É o fermento que se espalha pelo mundo, entra nas diferentes vicissitudes e nos mais variados contextos culturais e sociais, mas permanece uma única Igreja. Ao redor dos Apóstolos, florescem as comunidades cristãs, mas elas são «a» Igreja que, em Jerusalém, em Antioquia ou em Roma, é sempre a mesma, una e universal. E quando os Apóstolos falam de Igreja, não falam de uma comunidade própria, falam da Igreja de Cristo e insistem sobre esta identidade única, universal e total da Catholica, que se realiza em cada Igreja local. A Igreja é una, santa, católica e apostólica, reflectindo em si mesma a fonte da sua vida e do seu caminho: a unidade e a comunhão da Trindade.

No sulco e na perspectiva da unidade e universalidade da Igreja, situa-se também o Colégio Cardinalício: este apresenta uma variedade de rostos, dado que exprime o rosto da Igreja universal. Desejo, com este Consistório, pôr em evidência de modo particular que a Igreja é Igreja de todos os povos, e por conseguinte exprime-se nas várias culturas dos diversos Continentes. É a Igreja de Pentecostes, que, na polifonia das vozes, ergue um canto único e harmonioso ao Deus vivo.

Saúdo cordialmente as delegações oficiais dos vários países, os bispos, os sacerdotes, as pessoas consagradas, os fiéis-leigos das diversas comunidades diocesanas e todos aqueles que tomam parte na alegria dos

novos membros do Colégio Cardinalício, a quem estão ligados pelo vínculo do parentesco, da amizade, da colaboração. Os novos Cardeais, que representam várias dioceses do mundo, ficam a partir de hoje agregados, a título muito especial, à Igreja de Roma e reforçam assim os laços espirituais que unem a Igreja inteira, vivificada por Cristo e cerrada em torno do Sucessor de Pedro. Ao mesmo tempo, o rito de hoje exprime o valor supremo da fidelidade. De facto, no juramento que daqui a pouco ides fazer, venerados Irmãos, estão escritas palavras carregadas de profundo significado espiritual e eclesial: «Prometo e juro permanecer, a partir de agora e para sempre enquanto tiver vida, fiel a Cristo e ao seu Evangelho, constantemente obediente à Santa Apostólica Igreja Romana». E, ao receber o barrete vermelho, ouvireis recordar-vos que o mesmo indica que «deveis estar prontos a comportar-vos com fortaleza, até à efusão do sangue, pelo incremento da fé cristã, pela paz e a tranquilidade do povo de Deus». Por sua vez, a entrega do anel será acompanhada pela advertência: «Sabe que, com o amor do Príncipe dos Apóstolos, se reforça o teu amor para com a Igreja».

Assim, nestes gestos e nas expressões que os acompanham, está indicada a fisionomia que assumis hoje na Igreja. Daqui para diante estareis unidos de forma ainda mais estreita e íntima com a Sé de Pedro: os títulos ou as diaconias das igrejas da Urbe recordar-vos-ão o vínculo que vos une, como membros a título muito especial, a esta Igreja de Roma, que preside à caridade universal. Especialmente através da vossa colaboração com os Dicastérios da Cúria Romana, sereis meus preciosos cooperadores antes de tudo no ministério apostólico a favor da catolicidade inteira, como Pastor de todo o rebanho de Cristo e primeiro garante da doutrina, da disciplina e da moral.

Queridos amigos, louvemos ao Senhor, que «não cessa de enriquecer, com largueza de dons, a sua Igreja dispersa pelo mundo» (*Oração*), revigorando-a na perene juventude que lhe deu. A Ele confiamos o novo serviço eclesial destes prezados e venerados Irmãos, para que possam prestar corajoso testemunho de Cristo, com o dinamismo edificante da fé e o sinal de um incessante amor oblativo. Amen.

CONSISTÓRIO ORDINÁRIO PÚBLICO PARA A CRIAÇÃO DE NOVOS CARDEAIS

SANTA MISSA COM OS NOVOS CARDEAIS

Basílica Vaticana

Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo Rei do Universo

Domingo, 25 de Novembro de 2012

*Senhores Cardeais,
Venerados Irmãos no Episcopado e no Sacerdócio,
Amados irmãos e irmãs!*

A solenidade de Jesus Cristo Rei do universo, que hoje coroa o Ano Litúrgico, vê-se enriquecida com a recepção no Colégio Cardinalício de seis novos membros, que convidei, como é tradição, para concelebrar comigo a Eucaristia nesta manhã. A cada um deles dirijo a minha saudação mais cordial, agradecendo ao Cardeal James Michael Harvey as amáveis palavras que em nome de todos me dirigiu. Saúdo os outros Purpurados e todos os Prelados presentes, bem como as ilustres Autoridades, os Senhores Embaixadores, os sacerdotes, os religiosos e todos os fiéis, especialmente quantos vieram das dioceses que estão confiadas ao cuidado pastoral dos novos Cardeais.

Neste último domingo do Ano Litúrgico, a Igreja convida-nos a celebrar Jesus Cristo como Rei do universo; chama-nos a dirigir o olhar em direcção ao futuro, ou melhor em profundidade, para a meta última da história, que será o reino definitivo e eterno de Cristo. Estava com o Pai no início, quando o mundo foi criado, e manifestará plenamente o seu domínio no fim dos tempos, quando julgar todos os homens. As três leituras de hoje falamos desse reino. No texto evangélico que ouvimos, tirado do Evangelho de São João, Jesus encontra-Se numa situação humilhante – a de acusado – diante do poder romano. Foi preso, insultado, escarnecido, e agora os seus inimigos esperam obter a sua condenação ao suplício da cruz. Apresentaram-No a Pilatos como alguém que aspira ao poder político, como o pretense rei dos judeus. O procurador romano faz a própria investigação e interroga Jesus: «Tu és rei dos judeus?» (Jo 18, 33). Na

resposta a esta pergunta, Jesus esclarece a natureza do seu reino e da própria messianidade, que não é poder terreno, mas amor que serve; afirma que o seu reino de modo algum se confunde com qualquer reino político: «A minha realeza não é deste mundo (...) o meu reino não é de cá» (v. 36).

É claro que Jesus não tem nenhuma ambição política. Depois da multiplicação dos pães, o povo, entusiasmado com o milagre, queria pegar n'Ele e fazê-Lo rei, para derrubar o poder romano e assim estabelecer um novo reino político, que seria considerado como o reino de Deus tão esperado. Mas Jesus sabe que o reino de Deus é de género totalmente diverso; não se baseia sobre as armas e a violência. E é justamente a multiplicação dos pães que se torna, por um lado, sinal da sua messianidade, mas, por outro, assinala uma viragem decisiva na sua actividade: a partir daquele momento aparece cada vez mais claro o caminho para a Cruz; nesta, no supremo acto de amor, resplandecerá o reino prometido, o reino de Deus. Mas a multidão não entende, fica decepcionada, e Jesus retira-Se para o monte sozinho para rezar, para falar com o Pai (cf. *Jo* 6, 1-15). Na narração da Paixão, vemos como os próprios discípulos, apesar de terem partilhado a vida com Jesus e ouvido as suas palavras, pensavam num reino político, instaurado mesmo com o uso da força. No Getsêmani, Pedro desembainhara a sua espada e começou a combater, mas Jesus deteve-o (cf. *Jo* 18, 10-11); não quer ser defendido com as armas, mas deseja cumprir a vontade do Pai até ao fim e estabelecer o seu reino, não com as armas e a violência, mas com a aparente fragilidade do amor que dá a vida. O reino de Deus é um reino completamente diferente dos reinos terrenos.

Por isso, diante de um homem indefeso, frágil, humilhado como se apresenta Jesus, um homem de poder como Pilatos fica surpreendido – surpreendido, porque ouve falar de um reino, de servidores – e faz uma pergunta, a seu ver paradoxal: «Logo, Tu és rei!». Que tipo de rei pode ser um homem naquelas condições!? Mas Jesus responde afirmativamente: «É como dizes: Eu sou rei! Para isto nasci, para isto vim ao mundo: para dar testemunho da Verdade. Todo aquele que vive da Verdade escuta a minha voz» (18, 37). Jesus fala de rei, de reino, referindo-Se não ao domínio mas à verdade. Pilatos não entende: poderá haver um poder que não se obtenha com meios humanos? Um poder que não corresponda à lógica do domínio e

da força? Jesus veio para revelar e trazer uma nova realeza: a realeza de Deus. Veio para dar testemunho da verdade de um Deus que é amor (cf. *1 Jo* 4, 8.16) e que deseja estabelecer um reino de justiça, de amor e de paz (cf. *Prefácio*). Quem está aberto ao amor, escuta este testemunho e acolhe-o com fé, para entrar no reino de Deus. Encontramos esta perspectiva na primeira leitura que ouvimos. O profeta Daniel prediz o poder de um personagem misterioso colocado entre o céu e a terra: «Vi aproximar-se, sobre as nuvens do céu, um ser semelhante a um filho de homem. Avançou até ao Ancião, diante do qual o conduziram. Foram-lhe dadas as soberanias, a glória e a realeza. Todos os povos, todas as nações e as gentes de todas as línguas o serviram. O seu império é um império eterno que não passará jamais, e o seu reino nunca será destruído» (7, 13-14). São palavras que prevêm um rei que domina de mar a mar até aos confins da terra, com um poder absoluto, que nunca será destruído. Esta visão do profeta, uma visão messiânica, é esclarecida e realiza-se em Cristo: o poder do verdadeiro Messias – poder que não mais desaparece e nunca será destruído – não é o poder dos reinos da terra que surgem e caem, mas o poder da verdade e do amor. Assim entendemos como a realeza, anunciada por Jesus nas parábolas e revelada aberta e explicitamente diante do Procurador romano, é a realeza da verdade, a única que dá a todas as coisas a sua luz e grandeza. Na segunda leitura, o autor do Apocalipse afirma que também nós participamos na realeza de Cristo. Na aclamação dirigida «Àquele que nos ama e nos purificou dos nossos pecados com o seu sangue», declara que Ele «fez de nós um reino, sacerdotes para Deus e seu Pai» (1, 5-6). Aqui está claro também que se trata de um reino fundado na relação com Deus, com a verdade, e não de um reino político. Com o seu sacrifício, Jesus abriu-nos a estrada para uma relação profunda com Deus: n'Ele tornamo-nos verdadeiros filhos adotivos, participando assim da sua realeza sobre o mundo. Portanto, ser discípulos de Jesus significa não se deixar fascinar pela lógica mundana do poder, mas levar ao mundo a luz da verdade e do amor de Deus. Depois o autor do Apocalipse estende o olhar até à segunda vinda de Jesus – quando Ele voltar para julgar os homens e estabelecer para sempre o reino divino – e recorda-nos que a conversão, como resposta à graça divina, é a condição para a instauração desse reino (cf. 1, 7). É um vigoroso convite dirigido a todos e cada um: converter-se sem cessar ao reino de Deus, ao domínio de Deus, da Verdade, na nossa vida. Pedimo-lo diariamente na oração do «Pai nosso» com as palavras «Venha a nós o

vosso reino», que equivale a dizer a Jesus: Senhor, fazei que sejamos vossos, vivei em nós, reuni a humanidade dispersa e atribulada, para que em Vós tudo se submeta ao Pai da misericórdia e do amor.

A vós, amados e venerados Irmãos Cardeais – penso de modo particular àqueles que foram criados ontem –, se confia esta responsabilidade impelente: dar testemunho do reino de Deus, da verdade. Isso significa fazer sobressair sempre a prioridade de Deus e da sua vontade face aos interesses do mundo e dos seus poderes. Fazei-vos imitadores de Jesus, que diante de Pilatos, na situação humilhante descrita pelo Evangelho, manifestou a sua glória: a glória de amar até ao fim, dando a própria vida pelas pessoas amadas. Esta é a revelação do reino de Jesus. E por isso, com um só coração e uma só alma, rezemos: «*Adveniat regnum tuum*». Amen.

I DOMINGO DE ADVENTO

PRIMEIRAS VÉSPERAS PRESIDIDAS PELO SANTO PADRE BENTO XVI

ENCONTRO COM OS UNIVERSITÁRIOS DOS ATENEUS ROMANOS E DAS
UNIVERSIDADES PONTIFÍCIAS

Basílica Vaticana

Sábado, 1º de Dezembro de 2012

«Aquele que vos chama é fiel» (1 Ts 5, 24).

Queridos amigos universitários!

As palavras do Apóstolo levam-nos a captar o verdadeiro significado do Ano litúrgico, que esta tarde começamos juntos com a recitação das Primeiras Vésperas de Advento. Todo o caminho do ano da Igreja se orienta para a descoberta e a vivência da fidelidade do Deus de Jesus Cristo que na gruta de Belém se apresentará a nós, mais uma vez, no rosto de um menino. Toda a história da salvação é um percurso de amor, de misericórdia e de benevolência: da criação à libertação do povo de Israel da escravidão do Egipto, do dom da Lei no Sinai ao regresso à pátria da escravidão babilónica. O Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob foi sempre o Deus próximo, que nunca abandonou o seu povo. Várias vezes suportou a sua infidelidade e esperou com paciência a vinda, sempre na liberdade de um amor que precede e ampara o amado, atento à sua dignidade e às suas expectativas mais profundas.

Deus não se fechou no seu céu, mas inclinou-se sobre as vicissitudes do homem: um mistério grande que chega a superar qualquer expectativa possível. Deus entra no tempo do homem do modo mais impensado: fazendo-se menino e percorrendo as etapas da vida humana, para que toda a nossa existência, espírito, alma e corpo — como nos recordou são Paulo — possa conservar-se irrepreensível e ser elevada às alturas de Deus. E faz tudo isto pelo seu amor fiel pela humanidade. Quando é verdadeiro o amor tende por sua natureza para o bem do próximo, para o maior bem possível, e não se limita a respeitar simplesmente os compromissos de amizade assumidos, mas vai além, sem cálculos nem medidas. Foi precisamente isto

que realizou o Deus vivo e verdadeiro, cujo mistério profundo nos é revelado nas palavras de são João: «Deus é amor» (1 Jo 4, 8.16). Este Deus em Jesus de Nazaré assume em si toda a humanidade, toda a história humana, e confere-lhe uma mudança nova, decisiva, rumo a um novo ser pessoa humana, caracterizado pelo ser gerado por Deus e por tender para Ele (cf. *A infância de Jesus*, p. 19).

Queridos jovens, ilustres Reitores e Professores, é para mim motivo de grande alegria partilhar estas reflexões convosco que aqui representais o mundo universitário romano, no qual confluem, mesmo se nas suas identidades específicas, as Universidades estatais e particulares de Roma e as Instituições pontifícias, que há muitos anos caminham juntas dando testemunho vivo de um diálogo e colaboração recíprocos entre os diversos saberes e a teologia. Saúdo e agradeço ao Cardeal Prefeito da Congregação para a Educação Católica, ao Reitor da Universidade de Roma «Foro Italico» e à vossa representante, as palavras que me dirigiram em nome de todos. Saúdo com sentida cordialidade o Cardeal Vigário e o Ministro da Educação, da Universidade e da Pesquisa, assim como as diversas autoridades académicas presentes. Saúdo com especial afecto a vós, queridos jovens universitários dos Ateneus romanos, que renovastes a vossa profissão de fé no Túmulo do apóstolo Pedro. Estais a viver o tempo da preparação para as grandes escolhas da vossa vida e para o serviço na Igreja e na sociedade. Esta tarde podeis experimentar que não estais sozinhos: convosco estão os professores, os capelães universitários e os animadores dos colégios. Convosco está o Papa! E, sobretudo, estais inseridos na grande comunidade académica romana, na qual é possível caminhar na oração, na pesquisa, no confronto, no testemunho do Evangelho. É um dom precioso para a vossa vida; sabeis vê-lo como um sinal da fidelidade de Deus, que vos oferece ocasiões para conformar a vossa existência com a de Deus, para vos deixardes santificar por Ele até à perfeição (cf 1 Ts 5, 23). O ano litúrgico que iniciámos com estas Vésperas será também para vós o caminho no qual mais uma vez reviver o mistério desta fidelidade de Deus, sobre a qual estais chamados a fundar a vossa vida como sobre uma rocha firme. Celebrando e vivendo com toda a Igreja este itinerário de fé, experimentareis que Jesus Cristo é o único Senhor do cosmos e da história, sem o qual qualquer construção humana corre o risco de se tornar vã. A liturgia, vivida no seu verdadeiro espírito, é sempre a escola fundamental

para viver a fé cristã, uma fé «teologal», que vos envolve em todo o vosso ser — espírito, alma e corpo — para que vos torneis pedras vivas na construção da Igreja e colaboradores da nova evangelização. De modo particular, na Eucaristia, o Deus vivo torna-se tão próximo, que se faz alimento que ampara o caminho, presença que transforma com o fogo do seu amor. Queridos amigos, vivemos num contexto no qual com frequência encontramos a indiferença em relação a Deus. Mas penso que no fundo de quantos — também entre os vossos coetâneos — vivem a distância de Deus, há uma profunda nostalgia de infinito, de transcendência. A vós compete testemunhar nas salas universitárias o Deus próximo, que se manifesta também na busca da verdade, alma de cada compromisso intelectual. A este propósito expresse a minha satisfação e encorajamento pelo programa de pastoral universitária com o título: «O Pai viu-o de longe. O hoje do homem, o hoje de Deus», proposto pela Repartição de pastoral universitária do Vicariato de Roma. A fé é a porta que Deus abre na vossa vida para vos conduzir ao encontro com Cristo, no qual o hoje do homem se encontra com o hoje de Deus. A fé cristã não é adesão a um deus genérico e indefinido, mas ao Deus vivo que em Jesus Cristo, Verbo feito homem, entrou na nossa história e se revelou como o Redentor do homem. Crer significa confiar a própria vida Àquele que é o único que lhe pode dar plenitude no tempo e abri-la a uma esperança além do tempo. Reflectir sobre a fé, neste Ano da fé, é o convite que desejo dirigir a toda a comunidade académica de Roma. O diálogo contínuo entre as Universidades estatais ou particulares e as pontifícias deixa esperar numa presença cada vez mais significativa da Igreja no âmbito da cultura não só romana, mas italiana e internacional. As Semanas culturais e o Simpósio internacional dos professores que terá lugar em Junho próximo, serão um exemplo desta experiência, que espero se possa realizar em todas as cidades universitárias nas quais estão presentes ateneus estatais, particulares e pontifícios. Queridos amigos, «aquele que vos chama é fiel e fará tudo isto» (1 Ts 5, 24); fará de vós anunciadores da sua presença. Na oração desta tarde encaminhamo-nos idealmente para a gruta de Belém a fim de saborear a verdadeira alegria do Natal: a alegria de acolher no centro da nossa vida, a exemplo da Virgem Maria e de São José, aquele Menino que nos recorda que os olhos de Deus estão abertos para o mundo e para cada homem (cf. Zc 12, 4). Os olhos de Deus estão abertos para nós porque Ele é fiel ao seu amor! Só esta certeza pode guiar a humanidade para metas de paz e de

prosperidade, neste momento histórico, delicado e complexo. Também a próxima Jornada Mundial da Juventude no Rio de Janeiro será para vós jovens universitários uma grande ocasião para manifestar a fecundidade histórica da fidelidade de Deus, oferecendo o vosso testemunho e o vosso compromisso pela renovação moral e social do mundo. A entrega do Ícone de Maria Sedes Sapientiae à delegação universitária brasileira por parte da Capelania universitária de Roma Tre, que este ano celebra o seu vigésimo aniversário, é um sinal deste vosso compromisso comum, jovens universitários de Roma.

A Maria, Sede da Sabedoria, confio todos vós e os vossos queridos; o estudo, o ensino, a vida dos Ateneus; especialmente o itinerário de formação e de testemunho neste Ano da fé. As lâmpadas que levareis às vossas capelarias sejam sempre alimentadas pela vossa fé humilde mas cheia de adoração, para que cada um de vós seja uma luz de esperança e de paz no ambiente universitário. Amém!

III Domingo de Advento "Gaudete", 16 de Dezembro de 2012

Amados irmãos e irmãs da Paróquia de São Patrício

Estou muito feliz por me encontrar no meio de vós e por celebrar a Sagrada Eucaristia convosco e para vós. Antes de tudo, gostaria de vos transmitir alguns pensamentos, à luz da Palavra de Deus que há pouco ouvimos. Neste terceiro Domingo de Advento, chamado Domingo «*Gaudete*», a Liturgia convida-nos à alegria. O Advento é um tempo de compromisso e de conversão, para preparar a vinda do Senhor, mas hoje a Igreja faz-nos antegozar o júbilo do Natal já próximo. Com efeito, o Advento é também tempo de alegria, porque desperta nos corações dos fiéis a expectativa do Salvador, e esperar a vinda de uma pessoa amada é sempre motivo de alegria. Este aspecto jubiloso está presente nas primeiras Leituras bíblicas deste Domingo. O Evangelho, ao contrário, corresponde a uma outra dimensão característica do Advento: a da conversão em vista da manifestação do Salvador, anunciado por João Baptista.

A primeira Leitura, que há pouco ouvimos, constitui um convite insistente à alegria. O trecho começa com esta expressão: «Alegra-te, filha de Sião! ... Exulta e rejubila-te com todo o teu coração, filha de Jerusalém!» (Sf 3, 14), que é semelhante à do anúncio do anjo a Maria: «Ave, cheia de graça!» (Lc 1, 26). O motivo essencial pelo qual a filha de Sião pode exultar é expresso na afirmação que há pouco ouvimos: «O Senhor, está no meio de ti» (Sf 3, 15.17); literalmente, seria «está no teu ventre», com uma clara referência à permanência de Deus na Arca da Aliança, colocada sempre no meio do povo de Israel. O profeta quer dizer-nos que já não há qualquer motivo de desconfiança, de desânimo e de tristeza, independentemente da situação que devemos enfrentar, porque estamos certos da presença do Senhor, a única que é suficiente para tranquilizar e rejubilar os corações. Além disso, o profeta Sofonias deixa entender que esta alegria é recíproca: somos convidados a alegrar-nos, mas também o Senhor se rejubila pela sua relação connosco; com efeito, o profeta escreve: «Ele rejubila-se por causa de ti, e renova-te o seu amor. Exulta de alegria por ti» (v. 17). A alegria que é prometida neste texto profético encontra o seu cumprimento em Jesus,

que se encontra no seio de Maria, a «Filha de Sião», e assim estabelece a sua morada no meio de nós (cf. *Jo* 1, 14). Com efeito, vindo ao mundo Ele doa-nos a sua alegria, como Ele mesmo confia aos seus discípulos: «Disse-vos essas coisas para que a minha alegria esteja em vós, e a vossa alegria seja completa» (*Jo* 15, 11). Jesus traz aos homens a salvação, uma nova relação com Deus que vence o mal e a morte, e traz a verdadeira alegria mediante esta presença do Senhor que vem iluminar o nosso caminho, que muitas vezes é oprimido pelas trevas e pelo egoísmo. E podemos ponderar se realmente estamos conscientes da presença do Senhor no meio de nós, que não é um Deus distante mas um Deus connosco, um Deus no meio de nós, que está connosco aqui na Sagrada Eucaristia, que está connosco na Igreja viva. E nós temos que ser portadores desta presença de Deus. E assim Deus alegra-se por nós e também nós podemos rejubilar: Deus existe, Deus é bom, Deus está próximo.

Na segunda Leitura, que há pouco ouvimos, são Paulo convida os cristãos de Filipos a alegrar-se no Senhor. Podemos alegrar-nos? E por que motivo é necessário rejubilar? A resposta de são Paulo é: porque «o Senhor está próximo!» (*Fl* 4, 5). Daqui a poucos dias celebraremos o Natal, a festividade da vinda de Deus, que se fez menino e nosso irmão para permanecer connosco e partilhar a nossa condição humana. Devemos alegrar-nos por esta sua proximidade, por esta sua presença, procurando compreender cada vez mais que realmente Ele está próximo, e para assim sermos penetrados pela realidade da bondade de Deus, da alegria que Cristo está connosco. O apóstolo Paulo diz com força, numa outra sua Carta, que nada pode separar-nos do amor de Deus, que se manifestou em Cristo. Unicamente o pecado nos afasta dele, mas este é um facto de separação que nós mesmos introduzimos na nossa relação com o Senhor. Porém, mesmo quando nos afastamos, Ele não deixa de nos amar e continua a permanecer próximo de nós com a sua misericórdia, com a sua disponibilidade a perdoar e a acolher-nos no seu amor. Por isso, assim continua são Paulo, nunca devemos angustiar-nos, pois podemos expor sempre ao Senhor os nossos pedidos, as nossas necessidades e as nossas preocupações «com orações e súplicas» (v. 6). E este é já um grande motivo de alegria: saber que é sempre possível pedir ao Senhor, e que Ele, o Senhor, nos atende, que Deus não está distante mas ouve realmente, que Ele nos conhece, e saber que nunca rejeita as nossas preces, embora não responda sempre do modo

como nós desejamos, mas responde. E o apóstolo acrescenta: orai «com acções de graças» (*Ibidem*). O júbilo que o Senhor nos comunica deve encontrar em nós o amor reconhecido. Efectivamente, a alegria só é completa quando reconhecemos a sua misericórdia, quando nos tornamos atentos aos sinais da sua bondade, se realmente sentirmos que esta bondade de Deus está connosco, e se lhe agradecermos aquilo que recebemos dele todos os dias. Quem acolhe os dons de Deus de modo egoísta não encontra a verdadeira alegria: ao contrário, aqueles que encontram nas dádivas recebidas de Deus ocasiões para o amar com gratidão sincera e para transmitir aos demais o seu amor, têm o coração verdadeiramente repleto de alegria. Recordemo-lo!

Depois das duas Cartas, analisemos o Evangelho. O Evangelho hodierno diz-nos que para acolher o Senhor que vem devemos preparar-nos, prestando muita atenção à nossa conduta de vida. Às várias pessoas que lhe perguntam o que devem fazer a fim de estar prontas para a vinda do Messias (cf. *Lc 3, 10.12.14*), João Baptista responde que Deus não exige nada de extraordinário, mas que cada um viva em conformidade com critérios de solidariedade e de justiça; sem elas não é possível preparar-se para o encontro com o Senhor. Por conseguinte, perguntemos também nós ao Senhor o que espera e o que deseja que façamos, e comecemos a compreender que Ele não exige gestos extraordinários, mas que levemos uma vida comum em rectidão e bondade. Finalmente, João Baptista indica quem devemos seguir com fidelidade e coragem. Antes de tudo, nega que ele mesmo é o Messias, e depois proclama com determinação: «Eu baptizo-vos com a água, mas eis que virá Outro, mais poderoso do que eu, a quem não sou digno de lhe desatar a correia das sandálias» (v. 16). Aqui observamos a grande humildade de João, ao reconhecer que a sua missão consiste em preparar o caminho para Jesus. Afirmando «Eu baptizo-vos com a água», quer dar a entender que a sua unção é simbólica. Com efeito, ele não pode eliminar nem perdoar os pecados: baptizando com a água, ele só pode indicar que é necessário mudar de vida. Ao mesmo tempo, João anuncia a vinda do «mais poderoso», que «vos baptizará no Espírito Santo e no fogo» (*Ibidem*). E, como ouvimos, este grande profeta recorre a imagens vigorosas para convidar à conversão, e não o faz com a finalidade de incutir temor, mas fá-lo sobretudo para estimular a receber bem o Amor de Deus, o Único que pode purificar verdadeiramente a vida. Deus faz-se homem como

nós, para nos outorgar uma esperança que é certeza: se o seguirmos, se vivermos com coerência a nossa existência cristã, Ele atrair-nos-á a si, levar-nos-á à comunhão consigo; e, no nosso coração, haverá a alegria verdadeira e a paz autêntica, inclusive no meio das dificuldades, também nos momentos de fragilidade.

Estimados amigos! Estou feliz por rezar convosco ao Senhor, que se torna presente na Eucaristia para permanecer sempre connosco. Saúdo cordialmente o Cardeal Vigário, o Bispo Auxiliar do Sector, o vosso Pároco, Pe. Fabio Fasciani, a quem agradeço as amáveis palavras com as quais me explicou a situação da paróquia, a riqueza espiritual da vida paroquial, e saúdo ainda todos os Sacerdotes aqui presentes. Saúdo quantos trabalham no âmbito da paróquia: os catequistas, os membros do coro e dos vários grupos paroquiais, assim como os seguidores do Caminho Neocatecumenal, aqui comprometidos no campo da missão. Vejo com alegria muitas crianças que seguem a palavra de Deus a diversos níveis, preparando-se para a Comunhão, para a Crisma e para o pós-Crisma, para a vida. Bem-vindos! Estou feliz por ver aqui uma Igreja viva! Dirijo o meu pensamento às Oblatas de Nossa Senhora do Rosário, presentes no território da paróquia, bem como a todos os habitantes do bairro, especialmente aos idosos, aos doentes e às pessoas em dificuldades. Nesta Santa Missa rezo por todos e cada um.

A vossa paróquia, que se formou no bairro do Colle Prenestino entre o final dos anos 60 e os meados dos anos 80, depois das dificuldades iniciais, devidas à falta de estruturas e de serviços, dotou-se de uma nova e bonita igreja, inaugurada em 2007, após uma longa espera. Portanto, este edifício sagrado seja um espaço privilegiado para crescer no conhecimento e no amor por Aquele que, daqui a poucos dias, receberemos na alegria da Natividade como Redentor do mundo e nosso Salvador. Não deixeis de vir encontrá-lo com frequência, para sentir ainda mais a sua presença que fortalece. Alegro-me pelo sentido de pertença à comunidade paroquial que, ao longo destes anos, amadureceu e se consolidou cada vez mais. Encorajovos a fim de que aumente cada vez mais a co-responsabilidade pastoral numa perspectiva de comunhão autêntica entre todas as realidades presentes, chamadas a viver a complementaridade na diversidade. De modo particular, desejo evocar a todos vós a importância e a centralidade da

Eucaristia na vida pessoal e comunitária. A Santa Missa seja o centro do vosso Domingo, que deve ser redescoberto e vivido como dia de Deus e da comunidade, dia no qual louvar e celebrar Aquele que morreu e ressuscitou pela nossa salvação e que nos pede para viver juntos na alegria de uma comunidade aberta e pronta para acolher cada pessoa sozinha ou em dificuldade. Do mesmo modo, exorto-vos a aproximar-vos com regularidade do sacramento da Reconciliação, sobretudo neste tempo de Advento.

Sei quanto levais a cabo na preparação dos adolescentes e dos jovens para os Sacramentos da vida cristã. O Ano da fé, que agora vivemos, deve tornar-se uma ocasião para fazer crescer e consolidar a experiência da catequese, de modo a permitir que todo o bairro conheça e aprofunde o Credo da Igreja e encontre o Senhor como uma Pessoa viva. Dirijo um pensamento especial às famílias, com os bons votos de que possam realizar plenamente a própria vocação ao amor com generosidade e perseverança. E desejo dirigir uma especial palavra de carinho e de amizade também a vós, caríssimos adolescentes e jovens que me ouvis, bem como aos vossos coetâneos que vivem nesta paróquia. Senti-vos autênticos protagonistas da nova evangelização, colocando as vossas energias vigorosas, o vosso entusiasmo e as vossas capacidades ao serviço de Deus e do próximo, no seio da comunidade.

Caros irmãos e irmãs, como já dissemos no início desta celebração, a liturgia deste dia exorta-nos à alegria e à conversão. Abramos o nosso espírito a este convite; corramos ao encontro do Senhor que vem, invocando e imitando são Patrício, grande evangelizador, e a Virgem Maria que, silenciosa e orante, esperou e preparou a Natividade do Redentor. Amém!

MISSA DA NOITE DE NATAL
SOLENIDADE DO NATAL DO SENHOR

Basílica Vaticana

24 de Dezembro de 2012

Amados irmãos e irmãs!

A beleza deste Evangelho não cessa de tocar o nosso coração: uma beleza que é esplendor da verdade. Não cessa de nos comover o facto de Deus Se ter feito menino, para que nós pudéssemos amá-Lo, para que ousássemos amá-Lo, e, como menino, Se coloca confiadamente nas nossas mãos. Como se dissesse: Sei que o meu esplendor te assusta, que à vista da minha grandeza procuras impor-te a ti mesmo. Por isso venho a ti como menino, para que Me possas acolher e amar.

Sempre de novo me toca também a palavra do evangelista, dita quase de fugida, segundo a qual não havia lugar para eles na hospedaria. Inevitavelmente se põe a questão de saber como reagiria eu, se Maria e José batessem à minha porta. Haveria lugar para eles? E recordamos então que esta notícia, aparentemente casual, da falta de lugar na hospedaria que obriga a Sagrada Família a ir para o estábulo, foi aprofundada e referida na sua essência pelo evangelista João nestes termos: «Veio para o que era Seu, e os Seus não O acolheram» (*Jo* 1, 11). Deste modo, a grande questão moral sobre o modo como nos comportamos com os prófugos, os refugiados, os imigrantes ganha um sentido ainda mais fundamental: Temos verdadeiramente lugar para Deus, quando Ele tenta entrar em nós? Temos tempo e espaço para Ele? Porventura não é ao próprio Deus que rejeitamos? Isto começa pelo facto de não termos tempo para Deus. Quanto mais rapidamente nos podemos mover, quanto mais eficazes se tornam os meios que nos fazem poupar tempo, tanto menos tempo temos disponível. E Deus? O que diz respeito a Ele nunca parece uma questão urgente. O nosso tempo já está completamente preenchido. Mas vejamos o caso ainda mais em profundidade. Deus tem verdadeiramente um lugar no nosso pensamento? A metodologia do nosso pensamento está configurada de modo que, no fundo, Ele não deva existir. Mesmo quando parece bater à

porta do nosso pensamento, temos de arranjar qualquer raciocínio para O afastar; o pensamento, para ser considerado «sério», deve ser configurado de modo que a «hipótese Deus» se torne supérflua. E também nos nossos sentimentos e vontade não há espaço para Ele. Queremo-nos a nós mesmos, queremos as coisas que se conseguem tocar, a felicidade que se pode experimentar, o sucesso dos nossos projectos pessoais e das nossas intenções. Estamos completamente «cheios» de nós mesmos, de tal modo que não resta qualquer espaço para Deus. E por isso não há espaço sequer para os outros, para as crianças, para os pobres, para os estrangeiros. A partir duma frase simples como esta sobre o lugar inexistente na hospedaria, podemos dar-nos conta da grande necessidade que há desta exortação de São Paulo: «Transformai-vos pela renovação da vossa mente» (*Rm* 12, 2). Paulo fala da renovação, da abertura do nosso intelecto (*nous*); fala, em geral, do modo como vemos o mundo e a nós mesmos. A conversão, de que temos necessidade, deve chegar verdadeiramente até às profundezas da nossa relação com a realidade. Peçamos ao Senhor para que nos tornemos vigilantes quanto à sua presença, para que ouçamos como Ele bate, de modo suave mas insistente, à porta do nosso ser e da nossa vontade. Peçamos para que se crie, no nosso íntimo, um espaço para Ele e possamos, deste modo, reconhecê-Lo também naqueles sob cujas vestes vem ter connosco: nas crianças, nos doentes e abandonados, nos marginalizados e pobres deste mundo.

Na narração do Natal, há ainda outro ponto que gostava de reflectir juntamente convosco: o hino de louvor que os anjos entoam depois de anunciar o Salvador recém-nascido: «Glória a Deus nas alturas, e paz na terra aos homens do seu agrado». Deus é glorioso. Deus é pura luz, esplendor da verdade e do amor. Ele é bom. É o verdadeiro bem, o bem por excelência. Os anjos que O rodeiam transmitem, primeiro, a pura e simples alegria pela percepção da glória de Deus. O seu canto é uma irradiação da alegria que os inunda. Nas suas palavras, sentimos, por assim dizer, algo dos sons melódiosos do céu. No canto, não está subjacente qualquer pergunta sobre a finalidade; há simplesmente o facto de transbordarem da felicidade que deriva da percepção do puro esplendor da verdade e do amor de Deus. Queremos deixar-nos tocar por esta alegria: existe a verdade; existe a pura bondade; existe a luz pura. Deus é bom; Ele é o poder supremo que está acima de todos os poderes. Nesta noite, deveremos

simplesmente alegrar-nos por este facto, juntamente com os anjos e os pastores.

E, com a glória de Deus nas alturas, está relacionada a paz na terra entre os homens. Onde não se dá glória a Deus, onde Ele é esquecido ou até mesmo negado, também não há paz. Hoje, porém, há correntes generalizadas de pensamento que afirmam o contrário: as religiões, mormente o monoteísmo, seriam a causa da violência e das guerras no mundo; primeiro seria preciso libertar a humanidade das religiões, para se criar então a paz; o monoteísmo, a fé no único Deus, seria prepotência, causa de intolerância, porque pretenderia, fundamentado na sua própria natureza, impor-se a todos com a pretensão da verdade única. É verdade que, na história, o monoteísmo serviu de pretexto para a intolerância e a violência. É verdade que uma religião pode adoecer e chegar a contrapor-se à sua natureza mais profunda, quando o homem pensa que deve ele mesmo deitar mão à causa de Deus, fazendo assim de Deus uma sua propriedade privada. Contra estas deturpações do sagrado, devemos estar vigilantes. Se é incontestável algum mau uso da religião na história, não é verdade que o «não» a Deus restabeleceria a paz. Se a luz de Deus se apaga, apaga-se também a dignidade divina do homem. Então, este deixa de ser a imagem de Deus, que devemos honrar em todos e cada um, no fraco, no estrangeiro, no pobre. Então deixamos de ser, todos, irmãos e irmãs, filhos do único Pai que, a partir do Pai, se encontram interligados uns aos outros. Os tipos de violência arrogante que aparecem então com o homem a desprezar e a esmagar o homem, vimo-los, em toda a sua crueldade, no século passado. Só quando a luz de Deus brilha sobre o homem e no homem, só quando cada homem é querido, conhecido e amado por Deus, só então, por mais miserável que seja a sua situação, a sua dignidade é inviolável. Na Noite Santa, o próprio Deus Se fez homem, como anunciara o profeta Isaías: o menino nascido aqui é «*Emmanuel* – Deus-connosco» (cf. *Is* 7, 14). E verdadeiramente, no decurso de todos estes séculos, não houve apenas casos de mau uso da religião; mas, da fé no Deus que Se fez homem, nunca cessou de brotar forças de reconciliação e magnanimidade. Na escuridão do pecado e da violência, esta fé fez entrar um raio luminoso de paz e bondade que continua a brilhar.

Assim, Cristo é a nossa paz e anunciou a paz àqueles que estavam longe e àqueles que estavam perto (cf. *Ef* 2, 14.17). Quanto não deveremos nós suplicar-Lhe nesta hora! Sim, Senhor, anunciai a paz também hoje a nós, tanto aos que estão longe como aos que estão perto. Fazei que também hoje das espadas se forjem foices (cf. *Is* 2, 4), que, em vez dos armamentos para a guerra, apareçam ajudas para os enfermos. Iluminai a quantos acreditam que devem praticar violência em vosso nome, para que aprendam a compreender o absurdo da violência e a reconhecer o vosso verdadeiro rosto. Ajudai a tornarmo-nos homens «do vosso agrado»: homens segundo a vossa imagem e, por conseguinte, homens de paz.

Logo que os anjos se afastaram, os pastores disseram uns para os outros: Coragem! Vamos até lá, a Belém, e vejamos esta palavra que nos foi mandada (cf. *Lc* 2, 15). Os pastores puseram-se apressadamente a caminho para Belém – diz-nos o evangelista (cf. 2, 16). Uma curiosidade santa os impelia, desejosos de verem numa manjedoura este menino, de quem o anjo tinha dito que era o Salvador, o Messias, o Senhor. A grande alegria, de que o anjo falara, apoderara-se dos seus corações e dava-lhes asas.

Vamos até lá, a Belém: diz-nos hoje a liturgia da Igreja. *Trans-eamus* – lê-se na Bíblia latina – «atravessar», ir até lá, ousar o passo que vai mais além, que faz a «travessia», saindo dos nossos hábitos de pensamento e de vida e ultrapassando o mundo meramente material para chegarmos ao essencial, ao além, rumo àquele Deus que, por sua vez, viera ao lado de cá, para nós. Queremos pedir ao Senhor que nos dê a capacidade de ultrapassar os nossos limites, o nosso mundo; que nos ajude a encontrá-Lo, sobretudo no momento em que Ele mesmo, na Santa Eucaristia, Se coloca nas nossas mãos e no nosso coração.

Vamos até lá, a Belém! Ao dizermos estas palavras uns aos outros, como fizeram os pastores, não devemos pensar apenas na grande travessia até junto do Deus vivo, mas também na cidade concreta de Belém, em todos os lugares onde o Senhor viveu, trabalhou e sofreu. Rezemos nesta hora pelas pessoas que actualmente vivem e sofrem lá. Rezemos para que lá haja paz. Rezemos para que Israelitas e Palestínianos possam conduzir a sua vida na paz do único Deus e na liberdade. Peçamos também pelos países vizinhos – o Líbano, a Síria, o Iraque, etc. – para que lá se consolide a paz.

Que os cristãos possam conservar a sua casa naqueles países onde teve origem a nossa fé; que cristãos e muçulmanos construam, juntos, os seus países na paz de Deus.

Os pastores apressaram-se... Uma curiosidade santa e uma santa alegria os impelia. No nosso caso, talvez aconteça muito raramente que nos apressemos pelas coisas de Deus. Hoje, Deus não faz parte das realidades urgentes. As coisas de Deus – assim o pensamos e dizemos – podem esperar. E todavia Ele é a realidade mais importante, o Único que, em última análise, é verdadeiramente importante. Por que motivo não deveríamos também nós ser tomados pela curiosidade de ver mais de perto e conhecer o que Deus nos disse? Supliquemos-Lhe para que a curiosidade santa e a santa alegria dos pastores nos toquem nesta hora também a nós e assim vamos com alegria até lá, a Belém, para o Senhor que hoje vem de novo para nós. Amen.

PRIMEIRAS VÉSPERAS DA SOLENIDADE DE MARIA SANTÍSSIMA MÃE DE DEUS
E RECITAÇÃO DO "TE DEUM"

Basílica Vaticana

Segunda-feira, 31 de Dezembro de 2012

Senhores Cardeais

Venerados Irmãos no Episcopado e no Presbiterado

Ilustres Autoridades

Amados irmãos e irmãs

Estou grato a todos vós que quisestes participar nesta liturgia da última hora do ano do Senhor de 2012. Esta «hora» traz consigo uma intensidade particular e torna-se, de certa maneira, uma síntese de todas as horas do ano que está prestes a findar. Saúdo cordialmente os Senhores Cardeais, os Bispos, os Presbíteros, as pessoas consagradas e os fiéis leigos, especialmente quantos representam a comunidade eclesial de Roma. De modo particular, saúdo as Autoridades presentes, a começar pelo Presidente da Câmara Municipal da Cidade, e agradeço-lhes terem desejado compartilhar connosco este momento de oração e de acção de graças a Deus.

O *Te Deum* que elevamos ao Senhor esta tarde, no final de um ano solar, é um hino de acção de graças que inicia com o louvor — «Nós vos louvamos, ó Deus, nós vos proclamamos Senhor» — termina com uma profissão de fé — «Vós sois a nossa esperança, não seremos eternamente confusos». Qualquer que tenha sido o andamento do ano, fácil ou difícil, estéril ou rico de frutos, nós damos graças a Deus. Com efeito, no *Te Deum* está contida uma sabedoria profunda, aquela sabedoria que nos leva a dizer que, apesar de tudo, existe o bem no mundo, e este bem está destinado a vencer graças a Deus, o Deus de Jesus Cristo encarnado, morto e ressuscitado. Sem dúvida, às vezes é difícil compreender esta realidade profunda, uma vez que o mal faz mais ruído do que o bem; um homicídio atroz, violências difundidas e graves injustiças fazem notícia; ao contrário, os gestos de amor e de serviço, o cansaço quotidiano suportado com fidelidade e paciência permanecem muitas vezes na sombra, não

sobressaem. Também por este motivo, não podemos deter-nos apenas nas notícias, se quisermos compreender o mundo e a vida; devemos ser capazes de parar no silêncio, na meditação, na reflexão calma e prolongada; devemos saber parar para pensar. Deste modo, a nossa alma pode encontrar a cura para as inevitáveis feridas da vida diária, pode penetrar profundamente nos acontecimentos que se verificam na nossa vida e no mundo, e chegar àquela sabedoria que permite avaliar as coisas com um novo olhar. Sobretudo no recolhimento da consciência, onde Deus nos fala, aprendemos a considerar verdadeiramente as nossas próprias acções e também o mal presente em nós e ao nosso redor, para empreender um caminho de conversão que nos torne mais sábios e melhores, mais capazes de gerar solidariedade e comunhão, de vencer o mal com o bem. O cristão é um homem de esperança, também e sobretudo diante da escuridão que muitas vezes existe no mundo e que não depende do desígnio de Deus, mas das escolhas erradas do homem, porque sabe que a força da fé pode mover as montanhas (cf. *Mt* 17, 20): o Senhor pode iluminar até as trevas mais densas.

O Ano da fé, que a Igreja está a viver, quer suscitar no coração de cada crente uma maior consciência de que o encontro com Cristo é a nascente da vida verdadeira e de uma esperança sólida. A fé em Jesus permite uma renovação constante no bem e a capacidade de sair das areias movediças do pecado e de começar de novo. Na Palavra que se fez carne é possível, sempre novamente, encontrar a identidade autêntica do homem, que se descobre destinatário do amor infinito de Deus e chamado à comunhão pessoal com Ele. Esta verdade, que Jesus Cristo veio revelar, é a certeza que nos impele a olhar com confiança para o ano que estamos prestes a começar.

A Igreja, que recebeu do seu Senhor a missão de evangelizar, sabe bem que o Evangelho está destinado a todos os homens, de modo particular às novas gerações, para saciar aquela sede de verdade que cada um traz no coração e que muitas vezes é ofuscada pelas numerosas ocupações da vida. Este compromisso apostólico é tanto mais necessário quando a fé corre o risco de ser obscurecida em contextos culturais que impedem a sua radicação pessoal e a sua presença social. Também Roma é uma cidade onde a fé cristã deve ser anunciada sempre de novo e testemunhada de

maneira credível. Por um lado, o número crescente de fiéis de outras religiões, a dificuldade que as comunidades paroquiais enfrentam para se aproximar dos jovens e a difusão de estilos de vida caracterizados pelo individualismo e pelo relativismo ético; por outro lado, a busca da parte de muitas pessoas de um sentido para a sua existência e de uma esperança que não desiluda, não podem deixar-nos indiferentes. Como o apóstolo Paulo (cf. *Rm* 1, 14-15), cada fiel desta cidade há-de sentir-se devedor do Evangelho a todos os demais habitantes!

Precisamente por isso, já há vários anos, a nossa Diocese está comprometida em acentuar a dimensão missionária da pastoral ordinária, a fim de que os crentes, sustentados especialmente pela Eucaristia dominical, possam tornar-se discípulos e testemunhas coerentes de Jesus Cristo. A esta coerência de vida são chamados de modo totalmente particular os pais cristãos, que são para os seus filhos os primeiros educadores da fé. A complexidade da vida numa cidade grande como Roma e uma cultura que parece muitas vezes indiferente em relação a Deus, exigem que os pais e as mães não sejam deixados sozinhos nesta tarefa tão decisiva, aliás, que sejam ajudados e acompanhados na sua vida espiritual. A este propósito, encorajo quantos trabalham na pastoral familiar a pôr em prática as orientações pastorais evidenciadas durante o último Congresso diocesano, dedicado à pastoral baptismal e pós-baptismal. É necessário um compromisso generoso para desenvolver os itinerários de formação espiritual que depois do Baptismo das crianças acompanhem os pais a manter acesa a chama da fé, oferecendo-lhes sugestões concretas a fim de que, desde a idade mais terna, lhes seja anunciado o Evangelho de Jesus. A criação de grupos de famílias, nos quais se ouça a Palavra de Deus e se compartilhem experiências de vida cristã, ajuda a fortalecer o sentido de pertença à comunidade eclesial e a crescer na amizade com o Senhor. É igualmente importante construir uma relação de amizade cordial também com os fiéis que, depois de ter batizado o próprio filho, distraídos pelas incumbências da vida diária, não demonstram grande interesse em viver esta experiência: assim, eles poderão experimentar o afecto da Igreja que, como uma mãe atenciosa, se põe ao seu lado para favorecer a sua vida espiritual.

Para poder anunciar o Evangelho e permitir a quantos ainda não conhecem Jesus, ou que o abandonaram, de ultrapassar novamente a porta da fé e viver a comunhão com Deus, é indispensável conhecer de maneira aprofundada o significado das verdades contidas na Profissão de fé. Então, o compromisso em prol de uma formação sistemática dos agentes no campo da pastoral, que já há vários anos se verifica nas diversas Prefeituras da Diocese de Roma, é um caminho precioso que deve ser seguido com empenhamento também no futuro, para formar leigos que saibam fazer-se eco do Evangelho em cada lar e ambiente, inclusive através dos centros de escuta que produziram muitos frutos na época da Missão da Cidade. A este respeito, os «Diálogos na Catedral», que desde há vários anos se realizam na Basílica de São João de Latrão, constituem uma experiência muito oportuna para encontrar a Cidade e dialogar com quantos, à procura de Deus e da verdade, se questionam sobre as grandes interrogações da existência humana.

Como já nos séculos passados, também hoje a Igreja de Roma está chamada a anunciar e testemunhar incansavelmente a riqueza do Evangelho de Cristo, também ajudando aqueles que vivem situações de pobreza e de marginalização, assim como as famílias em dificuldade, de modo especial quando devem assistir pessoas enfermas e deficientes. Espero profundamente que as instituições nos vários níveis não deixem faltar a sua obra, a fim de que todos os cidadãos tenham acesso ao que lhes é essencial para viver dignamente.

Caros amigos, na última tarde deste ano que já está a findar e diante do limiar do novo ano, louvemos o Senhor! Manifestemos «Àquele que é, que era e que há-de vir» (Ap 1, 8) o arrependimento e o pedido de perdão pelas faltas cometidas, assim como a acção de graças sinceras pelos inúmeros benefícios concedidos pela Bondade divina. De modo particular, demos graças pelo benefício e pela verdade que chegaram até nós através de Jesus Cristo. Nele está depositada a plenitude de todos os tempos humanos. Nele está conservado o futuro de cada homem. Nele realiza-se o cumprimento das esperanças da Igreja e do mundo. Amém!

© Copyright 2012 - Libreria Editrice Vaticana